MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS

POR

José Agostinho de Macedo.

3.ª EDIÇÃO EMENDADA, E ACCRESCENTADA COM A BIOGRAPHIA DO AUTHOR, HUM CATALOGO DAS SUAS OBRAS, E O JUISO CRITICO D'ELLAS,

POR

Antonio Maria do Couto,

PROFESSOR DE GREGO, &C.

TOMO II.

LISBOA,
TYPOGRAPHIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA, AOS MARTYRES, N.º 13.

1841.

Vende-se em casa de Borel, Borel, & C.ª aos Martyres n.º 14.

MOTIM LITERARIO

EM

FÓRMA DE SOLILOQUIOS.

SOLILOQUIO XIII.

Sempre gostei muito de hum engenhoso livro Portuguez, que se intitula — o Governo do Mundo em seco — talvez que por essas nações que se dizião algum dia, cultas, e dadas ás letras, não haja huma crítica tão fina, nem huma ironia tão bem seguida, e sustentada; entre nós está esquecido este livro, assim como outras producções originaes, depois que a mania dos livros Francezes nos empéstou de todos, e agora nem nestes mesmos livros se cuida, porque, que álma não está de todo empapada, ainda involuntariamente na contemplação das

catastrofes da Europa! Reis tirados daqui, levados para alli, e a familia atroz Napoleoa, pertendendo o senhorio do mundo, e parindo mentirosas gazetas, boletins impostores, recados ao senado, respostas do senado, que vem a ser, conferencias de salteadores, eis-aqui em que se tornou o amor, e a' cultura das sciencias; com tudo, ainda entre estes vaivens, no mesmo esconderijo em que me roubo ás pesquizas de La Garde, o tal livrinho me occupa, e fallo, e converso comigo mesmo, como o escrevente conversava com o cauzidico. Elles querendo governar o mundo em sêco, eu tambem querendo em sêco introduzir huma reformação em a República das letras. Tenho dito muitas vezes comigo mesmo, que só se devião cultivar, promover, e aperfeiçoar as sciencias uteis; e todas as mais mandallas á tabúa com seus professores, e apadrinhadores. De que servem tantos geometras, se a astronomia se não aperfeiçoar ainda mais pela applicação da geometria, para se facilitar mais a navegação, coisa de tanta ne-

cessidade? De que serve a fysica, as berrarias de suas questões, o fasto de suas machinas, se esta fysica experimental se não applicar ao corpo humano pela medicina? E de que serve esta medicina evaporada em opiniões, e systemas, que mutuamente se vão succedendo, e destruindo huns aos outros desde Hippocrates, até aos nossos dias, senão de fazer vãos, arrogantes, e falladores os medicos, que se vão descompôr e insultar ás cabeceiras dos enfermos, e estes de boca aberta, esperando o fim da vida, no fim da consulta, de que sahe o assistente com o labéo de assassino, posto pelos outros, que não fôrão chamados senão ao atar das feridas! Haja medicina, mas fundada só sobre a experiencia, e observação; já que o corpo humano he huma machina hidraulica, os conhecimentos fysicos sirvão só para concertar esta pobre machina, a quem muitas vezes quatro arroxadas bem merecidas, e bem puxadas, quebrão as costellas, e fazem estoirar a corda; e as ridiculas modas, ou apertando-a, a intizicão, ou descobrindo-a, lhe met-

tem catarraes no bojo, e tantas mezinhas, e fortes licôres dão cabo do canastro. Haja jurisconsultos, não para illudir as leis, mas para as fazer observar, e haja no começo de cada codigo huma lei, que mande dentro em trez horas enforcar o cauzidico Rémora, que eternizar hum pleito, e que diga fóra do soolio para tapar os olhos aos juizes, e obscurecer o direito a quem o tiver. São, he verdade, necessarios os cauzidicos, visto que os homens assentárão não pagar sem demanda o que devessem, e com o novo methodo dos Francezes, não se accomodar nenhum com o que he seu, buscando, e apanhando por todos os modos o alheio. Exponhão os senhores Rémoras o estado da questão em termos simplices, e livres de toda a ambiguidade, apontem as leis, e deixem o mais á intigridade, e prudencia dos juizes. Para que são tambem tantas poezias, e tantos professores, que digão, ensinão a poetica, como se a ser poeta se ensinasse, ou como se se devessem ensinar os homens á serem loucos, vãos, importunos, des-

leixados, e vadios! Queimem-se de huma vez tantas poezias, que longe de inspirar a boa moral, corrompem, e amolecem os costumes, devinizão paixões, assoalhão mentiras: deixem-se, depois de maduro exame, algumas das infinitas que existem, que com o deleite sublime do espirito, aproveitão ao coração, ou fazendo amavel a virtude, ou dando a conhecer o vicio em toda a sua deformidade. Vulgarizem-se, entendão-se, estimem-se em primeiro lugar todas as obras de Boileau, dictadas pela razão, e pelo amor da virtude, todas as obras do incomparavel, sempre sublime Pope, nas quaes transluz huma luminosissima filosofia, junto a tudo o que a imaginação tem mais fertil, e agradavel. Todas as satyras de Juvenal, em que só respira honra, probidade, amor do justo, e do honesto. Deixem-se por indulgencia a Jerusalem, e o Paraizo perdido, como illustres monumentos de huma fantezia fecundissima, e de huma dicção magestosa, e aos amadores da antiguidade, concedão-se as que quize-

sem escolher com a condição de as reservarem para os doutos de gosto apurado, e perfeito criterio: e entregue-se ao fogo sem piedade toda a mais alluvião; e em apparecendo poeta na República das letras, haja logo com elle a mesma cautella, que nas sociedades civís, bem ordenadas, ha com os apestados, em se descubrindo algum; todos se resguardão delle separando-o, e enterrando-o em hum lazareto, para que não contamine as mais; e se a República necessitar de versos, que será em caso muito extraordinario, então os fará, sendo mandado, e não se publicarão sem hum muito maduro, e escrupuloso exame.

Para que se contem tantos botaniços, feitos valdevinos, e quichotes por montes, e vales, para apparecerem depois de longas correrias com dois molhos de misturadas, que não servem para nada, sendo muitas vezes mais util hum molho de carqueija! Homens prejudiciaes, que debuxando as suas ervinhas, a que chamão *Floras*, dão occasião a immensas despezas, com abertura de chapas, e il-

luminações de estampas, em que apenas se detem estúpidos os olhos, sem que os que não são da irmandade possão conhecellos pelos nomes com que os baptizão. Assás plantas são já conhecidas, não he preciso encher mais as gavetas dos boticarios, para darem cabo do genero humano. Haja botanicos, mas com as intenções, e cuidados do grande Duhamel, homem bem digno de respeito, pois encaminhou todos os seus trabalhos, não ao esteril deleite dos chamados sábios, mas á solida utilidade pública, que ensinem a semear, plantar, e produzir mais couves, nabos, alfaçes, e outras plantas com que se enche a barriga, e conserva a saude. Tragão dos montes algumas para as ortas, que domesticadas se amaciem, e aproveitem, e désse mais estimação a hum ortelão Genovèz, que nos trouxe o broculo, couve flôr, e rabanetas, que a toda a escola Grega de Lineo, e seus confrades.

De que serve methafysica, senão de esquentar cerebros, de dividir os homens em opiniões, e de se assula-

rem como cães, huns contra os outros, sobre materias, e muitas vezes termos ontologicos, que de sua natureza existem fóra do alcance do entendimento humano? Para que são tantas eticas abundantes de palavras sem effeito nas suas enfáticas leis? Está provado, que os homens não melhorão, antes peiorão com lições da sabedoria humana. A Religião santa do Christianismo suppre tudo, só ella nos póde dar as verdadeiras idéas sobre a natureza do espirito, sobre a sólida moral, só ella póde conter os homens, e ensinar-lhes os inviolaveis deveres, que tem de observar, a respeito de si, de seus simithantes, e de Deos. Só ella pela sua virtude he capaz de conter os homens nos limites da justiça, e da razão. Só ella purifica a natureza, apura os costumes, véda os crimes occultos, a que não chegão as leis; só ella anima as virtudes, o amor fraternal, e manda sem réplica obediencia aos pais, aos soberanos, e potestades dominantes. Só ella marca os verdadeiros limites, entre o bem, e o mal moral. Devem

pois joeirarem-se as methafysicas, é eticas, e rua com todas as questões, que ou não forem bem alcançadas pela razão, ou decisivamente expostas pela Religião.

De que servem tantas, e tão pestiferas novellas. Em primeiro lugar dão a conhecer a corrupção, e decadencia do gosto em sólida literatura, e de mostrarem que he muito frivolo o seculo em que se produzem, que os costume estão depravados, e que se aprazem de maior depravação com a pintura de paixões, de intrigas ridiculas, e de caprichos vãos, a titulo de communicarem boa moral, como se dá ao menino a medicina amarga em o vazo, cujas bordas vão untadas ou bezuntadas com o licôr doce. De que servem, torno a dizer, tantos romances, senão de interter ociosamente as mulheres, que se devião occupar em varrer as casas, e fazer meias, e camizas para os tristes, e coitados dos maridos, que lhes andão morejando o pão dos filhos? Ainda os homens não advertirão de todo no erro que commetem, em consentir

que as mulheres aprendão a lêr, e a escrever. Quantas perturbações domesticas, e públicas se houverão evitado, como se conservaria a paz das familias! Se as mulheres por si mesmas, e com os ôcos miolos, que lhes deo a natureza, se fazem tão intoleraveis, muito mais insuportaveis, e impertinentes se tornão com as letras, que aprendem; entonadas com as sciencias, se fazem huns dos maiores males da sociedade humana. Hum nobre, e descretissimo homem, que eu conheço, disse de huma, que muito dada ás sciencias, andava em carruagem, que se não apeava a porta alguma, sem mandar perguntar primeiro pelo pagem, está cá Aristoteles? Sim lhe devião responder, aqui está huma roca e mais hum fuzo, e huma estriga de linho, carpeada, e prompta. Fóra para sempre com as novellas, e romanoes, e a querer a República mostrar-se docil, branda, e indulgente deixe-lhe duas em pé por muita misericordia: A Argénis de Barclay, e o Telemaco de Fenelon, ambas cheias de grandes maximas

politicas, e de sublimes lições de moral.

De que servem tantos livros de historia, senão de perpetuar a lembraça dos crimes das revoluções, e de eternizarem a lista dos nomes de insignes ladrões, que tem perturbado, inquietado, e revolvido o genero humano! Se ao palavrosissimo Cicero lhe tivessem cortado a lingua por lhe chamar mestra da vida, mais que por invectivar contra o borrachão de Marco Antonio, não lhe terião feito grande injúria. Dir-me-hão, que tambem se póde aprender a viver, evitando os crimes que os outros commetterão, vendo-os ao vivo representados na historia, e que assim se ensina a evitar, e fugir do mal: mas muito melhor he que os homens o não conheção, que depois de conhecido o evitem, para se não namorarem delle com o exemplo dos outros. Para que pôr na mão da juventude a memoria das superstições Egypcias, das fabulas Gregas, e das poucas vergonhas, latrocinios, e ladroeiras dos Romanos! Pois para ensinar os homens a andar pelo caminho

direito, he preciso levallos primeiro por combrós, barrancos, despenhadeiros? Eu sempre julgei mais util o livro admiravel de Valerio Maximo, que toda a expraiadissima lábia de Tito Livio, e profunda malicia, e mizantropia de Tacito, que como bem advirtio o jesuita Rapin, finge vistas politicas, até nas acções mais indifferentes de conhecimentos estouvados e mentecaptos. Perpetue-se, conserve-se a memoria de feitos illustres, de sentenças, e apotegmas memoriaveis, de acções magnanimas, de lances generosos, haja huma como lista, e circunstanciada de todos elles, para servirem de breviario aos homens na sociedade. Conheça-se que Scipião he grande homem, não por destruir Carthago, mas por perdoar a Sofonisba, e não querer a donzella que se lhe apresentou; que Alexandre he admiravel, não por abafar neste globo que parecia pequeno e acanhado á sua ambição, mas por fazer respeitar a familia de Dario; e mostrar que se prendia, e cativava tão pouco das mulheres, que cede Campaspe ao pintor em-

basbacado. Admire-se Augusto, não por ser hum finissimo velhaco, e astuto usurpador do imperio livre, mas por abraçar a Cina, e dizer-lhe — Sejamos amigos — por tratar muito bem a Cleopatra, e por dar de comer ao maganão de Horacio, carrapato medroso, ardiloso, lisongeiro, e cortezão socegado. Louve-se Tito, não por ser destruidor de Jerusalem, mas por julgar perdido o dia em que não fazia algum beneficio. Não se cantem antiphonas ao Rodomonte da Suecia, porque elle, mais o cozinheiro, e o comprador arrostrárão dez mil Turcos, mas porque nem quiz vêr, nem fallar á mexiriqueira condessa de Konismar. E escolhendo pelos armazens da historia, estes e outros similhantes exemplos, dêem com tudo mais em vaza-barriz.

E se os amigos da historia choromingarem muito, deixem-lhe intacta a historia das viagens, depois de hum apurado exame, em que fiquem cerceadas todas as patranhas, que os taes viajantes mentirosos aprovados dellas tem insirido. Saibão-se os costumes,

ás leis, os usos, a politica dos póvos descobertos, e por descobrir, e não nos venhão enterter, contando-nos como dançåo as concubinas do grão Mogor, e como fazem cortezias os mandarins de Cantão. Haja historias, e relações de viagens, com tanto que sirvão facilitar a vinda para cá de alguma coisa, que se coma, e com que nos vistamos. De que servem ao genero humano as viagens *pitorescas* da Suecia, do Monte Libano, de Sicilia, e de Malta, e estas ultimas do cavalheiro Bridone; para nós vir cá com hum pedaço da lava do Etna, e huma torcida de algodão de Malta, e metade de huma Minerva; achada em hum monturo nas ruinas de Catania? Que importa á gente que está descançada em sua casa as fadigas com que os negros do Senegal apanhão os macacos, com que nos aturde o Adanson. As viagens de Cook, escriptas com huma filosofia admiravel, são utilissimas; he hum grande arrieiro do mar, que discobrio novas estradas, facilitou, e marcou, as conhecidas, e levou de cá favas, feijões, ervilhas,

carneiros, e cabras, para se semearem e propagarem por aquellas Ilhas, e terem seus habitantes mais que comer, e os Inglezes depois mais dizimos que cobrar. Tão uteis são estas, como ociosas as de Bruce, que andou feito hum tição pelos areaes do Egypto, e de Siene, para nos apresentar a medida da altura da pyramide maior, e o comprimento dos cornos de Jupiter Amon. Antes nos ensinassem como os Egypcios tirão pintos sem gallinhas, em huma camada de esterco. Fiquem pois as viagens uteis á navegação, commercio, e agricultura, e vão na cabeceira do rol as lamurias de Fernão Mendes Pinto, que ou he o homem de maior memoria de quantos existírão, ou o mais solemne mentiroso de quantos escrevêrão com tanta manha, e arte, que me faz interessar pelo inquieto ladrão Antonio de Faria, e desejar que elle faça em estilhas o pérro de Coja Acem.

De que servem tantas rethoricas, tantos tratados de eloquencia, como se esta se podesse ensinar, e não houvesse dado pela natureza para cada

homem hum estilo, assim como ha huma cara particular, e hum tom de voz! Fóra da República os importunos rethoricadores, que quebrando a cabeça aos pobres rapazes com as cinco partes da oração, sahem della tão em jejum, como entrarão, e se querem fazer huma oração, engasgados com as regras, não se desatolão, nem para tráz, nem para diante. Substitua-se-lhe huma boa dialetica, clara, methodica, intelligivel, que dirija as operações do entendimento humano, que ensine a considerar qualquer objeto dado por todas as faces por onde póde ser visto, comparado, e comprehendido, e deixem o mais á natureza, que se esta não faz o homem eloquente, este por arte se não poderá fazer; e se ajudado com as estereis regras, quizer produzir alguma coisa, apparecerá hum esqueleto hidiondo, e descarnado.

Fóra da República finalmente todas as artes, que não forem uteis, e necessarias á vida, e das outras haja hum rol onde estejão apontadas as verdades evidentemente conhecidas, e

demonstradas, creio que o rol será de tão pequeno volume, que todos o possão trazer n'algibeira.

E já que o entendimento humano he de sua natureza ávido de saber, e conhecer, e necessita de emprego para desterrar o tédio, e encher o vasio da vida, applique-se, estude embora, mas o que traga comsigo manifesta utilidade, e proveito. Ahi tem a historia natural, por onde se procura indizivel deleite, por onde aprenda a conhecer, e admirar as maravilhas, e grandeza do Omnipotente Creador na formação desta rica, e sumptuosa morada, que elle fez para o homem, por onde adquira o conhecimento, senão de todos (o que era impossivel) ao menos da maior parte dos entes que povoão os tres vastos reinos da mesma natureza, abrangendo tudo em geral, sem consumir inutilmente a vida em analysar a perna de huma aranha, e o salto de huma pulga. Leia, releia, estude, e medite o incomparavel Buffon: nos seus immortaes escritos achará tudo, a imaginação de hum poeta, a pom-

pa, e a vehemencia de hum creador, o descernimento, e profundidade de hum filosofo, a rectidão, e probidade de hum moralista, a polidez de hum cortézão, os sentimentos de hum sábio religioso, e modesto. Alli encontrará a literatura amena, até o romance engenhoso em as épocas da natureza; e na discripção da indole, do caracter, e dos costumes dos animaes, até aprenderá os principios da rectidão e da justiça.

E então todos os homens hão de ser naturalistas? me diz huma voz interior. Não, mas todos os homens farão hum honesto, e socegado emprego da vida, do conhecimento da casa em que habitão, e dos individuos de todas as especies que com elle juntamente a habitão, e povoão. E se alguns mais inclinados, e propensos ao estudo do homem moral, que ao conhecimento do homem fysico, se quizerem conhecer a si, e em si mesmo, pouco mais ou menos a todos os homens, eu não sou o rigido e cabeçudo cura da aldêa de D. Quichote, que pregue com toda a livraria pelas bor-

das do curral fóra, eu lhe deixo Montaigne, que he hum espelho claro, e não embaciado, em que todos se pódem vêr, e habitar comsigo, para saberem, e conhecerem a fraca fazenda que são, e o bom burro que pódem dar ao dizimo.

Em huma palavra, eu quero a reforma, e não a destruição da República das letras, e por isto queria vêr trez coisas; primeira, o estudo da natureza promovido, e cultivado sem enfazi, e mysterio, e neste estudo, comprehendida a anatomia luminosa, a medicina discreta, pratica, e humilde; a botanica simplesmente necessaria ao uso da vida, assim como a mineralogia, e quimica, visto que precisamos de metaes, de oleos, e tintas, com que buscamos o pão para a boca, e a cobertura para os coiros; segunda, leis, que os sábios prudentes apontem, os legisladores promulguem, e rigorosissima justiça faça observar com inexoravel severidade; porque está sabido agora, que os homens não se levão ou não querem ser levados senão a páo: terceira, o es-

tudo contínuo da primeira das artes, da mais util das sciencias, do mais nobre, sublime, e honrado emprego do homem, a divina agricultura a que o mesmo Deos destinou o homem no estado da innocencia. Encha-se, entulhe-se, abarrote-se embora a República de livros, que immediatamente tratem della, e com ella tenhão relação, e parentesco, até não haja outros livros, se quizerem, até o mesmissimo Buffon, e Montaigne vão para o andar da rua. Nesta colonia da República literaria, que se chama Portugal, pois he tão fecunda em bons engenhos, que não pódem passar sem o alimento de boa literatura, eu desejaria que se determinassem alguns homens a darem á nação huma historia critica da mesma nação, desde os principios da monarquia até ao dia 29 de novembro de 1807, e que neste corpo de historia nada se omittisse do que fomos, do que fizemos, do que escrevemos, das leis que temos e dos varões illustres, que tanto se ennobrecêrão a si, e á patria; desta historia assim escrita, na-

ver hum compendio para instruir nas escolas a mocidade. Huma historia nacional assim composta, ensina a legislação patria, a politica, a mesma historia literaria, o commercio, e o que nos veio, e póde vir pela navegação, e descobertas; (Isto he fundar Repúblicas de Platão) mas se eu fallo comigo, não poderei loquejar hum tanto? Cultive-se pois só o estudo da agricultura, ella he a suavidade da vida, a mestra da virtude, o desterro dos vicios, porque he inimiga da ociosidade, a base das monarquias, o laço das sociedades, a origem da abundancia, o caminho do descanço, o modello da paz, a alma do commercio, o estimulo da nevegação. Ella aproxima os homens ao estado natural, he o symbolo da igualdade, o escudo da liberdade nobre, e discreta, ajunta os póvos, desterra a enercia, afugenta a mendicidade, suffoca a penuria, enriquece as Repúblicas, vigóra os braços para a guerra, aligeira o pezo da existencia, abasta, contenta, e adoça a vida domestica, faz amar o campo, que he fazer amar a in-

nocencia, e a virtude. Se eu fosse consultado sobre os verdadeiros meios da felicidade social; (suppondo que não existe Buonaparte no mundo) diria que bastava para tornar ditosos os homens, depois da tal abolição das sciencias inuteis, ou ociosas, o estudo da religião reservado a quem pertence, e explicado aos póvos por pastores dignos do alto ministerio, e o estudo, e pratica d'agricultura, e mais nada.

Como andei, e fallei muito nesta tarde, vim a casa, comi, e deitei-me, continuou a imaginação com os sonhos a trabalhar na agricultura, parecia-me estar agarrado á rabiça de huma charrua, ou ao cabo de huma enchada, que não havia sciencias, e que todos os homens estavão já de carapuça a trabalhar nas lizirias, quando hum endiabrado mosquito me pregou huma ardente ferroada no cachaço, e acodindo eu por hum movimento machinal, descarreguei nas boxechas huma sonóra bofetada, a cujo estrondo, e dôr acordei, e olhando vi entrar o dia pelas fisgas da janella, e desfazer-

se em nada a República das letras, que he o mesmo em que ella se funda, e de que se sustenta.

SOLILOQUIO XIV.

Quando eu existia na sociedade, tinha hum grande prazer de entrar nas bibliotecas, quanto maiores erão, mais dilatavão a minha alma, e ateavão nella o desejo de me aquartelar ainda alli algum dia, coberto de papelão, e carneira, ainda quando não chegasse a doirar-me, e vistir-me de marroquim encarnado. Delirios a que está sujeita a posteridade de Adão, imagens aerias com que a nossa natural vaidade se sustenta, e se consola! Gostava de me enterter com os bibliotecarios, que achei sempre urbanos, e cortezes, como são todos os bibliomaniacos. Ainda eu então não conhecia que hum dos maiores obstaculos para a sciencia, he a multidão dos livros, tinha inveja aos possuidores destes immensos depositos da sciencia, ou

da insipiencia humana. Louvava, e engrandecia a fortuna do Lord Bolyngbrocke, não por ser ministro de estado da Rainha Anna, mas por ter huma bibliotеca, que foi vendida por 40 $ libras sterlinas, depois da sua morte; nella recebia as vizitas dos sábios, e nella meditou Pope a sua melhor producção, que he o Ensaio sôbre o homem, dirijido ao mesmo Lord. Lia com afinco a historia das livrarias mais famosas no mundo: a de Alexandria, que alojava em si 50 $ corpos de livros, infinito armazem que o antigo Omar, (nunca lhe as mãos doão) reduzio a cinzas, dizendo que para hum bom Muzulmano bastava o Alcorão; e basta. As modernas, que levantão tanto a cabeça, e o corpo entre as antigas, como se levantão os sipрestes acima dos vimes. A mais antiga entre as modernas, he a Ambroziana de Milão, cujos moradores distavão a mais de 200 $; hoje já se terão mudado para París muitos destes inquilinos contra sua vontade. Admirava a do antigo Louvre, a que, nem sabia bem o número, o abbade

Bignon, homem rodeado de pergaminhos; cheio de pó por fóra e de titulos de livros por dentro. Já Luiz XIV mandou de presente ao Conde da Ericeira (raro homem entre todos os maniacos de letras, pois foi o que disse menos em mais escritos) 18 volumes in folio, que era o seu catalogo naquelle tempo. Quanto depois crescêrão os supplementos! Ainda a mais de outro tanto! Eu vi huma vez os taes volumezinhos, e fiquei tão espantado, que me comecei a firmar mais e mais na teima de não ter nem hum livro. Com tudó sempre vi huma vez o analizador La Harpe, que me diz muito desenxovalhado, que o patrimonio dos livros deo-se com obrigação de passar melhorado aos vindoiros, que ainda que se corrão todas as livrarias de Roma, a mesma Vaticana com todos os seus Códices, a de Veneza, a de Pádua, a de Dresda, e de Vienna, ainda que se passe o mar para vêr a que os triumfantes Ilheos tem ajuntado em Oxford; não se encontrará em todas tantos livros como se encontrão nessa, que agora se chama a do Instituto,

para aqui se acarretou tudo o que pelo direito dos salteadores se póde apanhar. Além de quadros, estatuas, relevos, bronzes, que escapárão ao tempo, e aos Godos mutiladores, empalmárão para aqui livros contra vontade de seus donos. A muitos não sei se o fizerão com razão, porque se encontrão, e encontrarão sempre donos de livros a quem elles são inuteis, porque nem os lêm, nem os querem deixar lêr; e antes perderão hum olho, e a vida, que hum seu amado exemplar daquelles a quem os estereis bibliomaniacos chamão, *inter rariores rarissimus*. E muitas vezes tratão de materia não só indifferente, mas inutil, e se he de materia util, he outros livros que a tratão muito melhor, e são mais bem escritos. Scipião Aquilano escreveo hum livro dos filosofos, que florescêrão antes de Aristoteles, pois davão milhões em Allemanha por este livro, e não apparecia, e encontravão-se barões em Allemanha, que darião tudo quanto tinhão, ainda que ficassem pedindo huma esmola, com tanto que apparecesse o escommunga-

do livro, o mesmo se fazia em Inglaterra por dois estupores de dois livros, hum composto por Fausto Socino, outro por Lucilio Vanini, queimado vivo em Toulouse. Eu dei entre nós com hum bibliomaniaco, que quasi tinha gastado tudo o que tinha vendido, vinhas, e olivaes, por ajuntar exemplares de Fr. João dos Santos Balthazar Telles, Fr. Bernardo de Alcobaça, e daria até a ultima camiza do corpo se lhe apparecesse hum exemplar de Lopo de Sousa Coutinho, que escreveo em Latim o primeiro cerco de Diu. São pois tão vastas, e tão compridas as sallas da tal livraria do Instituto, que para as andar todas, he preciso mais de hum dia de jornada. Não he menos digno de lastima o delirio dos que só buscão Mss. por elles dão o socego, e a vida, hum papel, ou hum pergaminho velho he para estes hum thesoiro. Eu creio que não ha escrito bom, que não esteja impresso. A vaidade de parecer author, sendo editor, e a insaciavel cobiça dos livreiros, não tem deixado moita, ou mato algum por bater. Huma das mais nu-

merosas, bem providas, e asseadas livrarias, que temos em Portugal, he a de Alcobaça, alli entrei huma vez convidado pela urbanidade, e attenção daquelles respeitaveis solitarios, benemeritos da nação, e a cujos trabalhos litetarios se deve hum bom corpo de historia, grave, singella, e pura, assim elle se completasse. Louvei-lhe o zelo de os ajuntar, e de lhes dar tão asseada, e formosa habitação, mas fiquei como estafado, e fatigado de vêr tamanho exercito de inimigos, como erão para mim tantos livros, persuadido que de tantos, e tão cerrados esquadrões, se poderia fazer hum compendio, que, a estender-se a muito, se estenderia a 6 vol. em 4.°; calei comigo o desejo que tinha para não magóar os bons cenobitas, a quem a leitura deve aligeirar o pezo da solidão, porque nem todos os homens são capazes de estudar na universidade do mundo, pelo vasto livro da naturbza, nem todos pódem trazer nos miolos huma bibliótheca, que levem por onde quer que andarem, quando se não sabem entreter com-

sigo mesmo. Com tudo não se perdia muito se apparecesse hum novo Omar, que fizesse o mesmo a todas as bibliotecas, que fez á de Alexandria, mudando-lhes o officio de esquentar cabeças, no de aquentar banhos. Não crescerião tanto as livrarias, se não fosse infinita a cópia dos imitadores, copiadores, redactores, traductores; e se escrevessem só o que originalmente podessem compôr, pensamento que já teve o embaixador da morte, o melancolico Young no seu tratado da composição original. Jaques tambem queria isto, mas este escrivão era hum hipocrita, e a sua originalidade he huma quiméra, furtava tudo, e furtava bem, mas o diabo tem huma manta, e hum chocalho, e furtos literarios quasi sempre vem a apparecer. Hum abbade Francez escreveo hum livro a que chamou plagiatos de Jaques, e eu vi com estes olhos, que hão de comer a terra, em Gibbon Inglez, author de certa historia da decadencia dos Romanos, pedaços de Jaques, furtados de Montaigne, e só disfarçados no estillo. Ainda vi mais

com os meus olhos. Hum Prussiano, chamado Uberto Ulrico, escreveo hum livro, a que chamou, *De jure civitatis*, pois deste bacamarte velho tirou Jaques a primeira parte, e fez della quasi todo o contrato social. Jaques he hum grande mentiroso, e o primeiro discurso de Jaques, que levou o prémio em Dijon, he a cópia de huma carta, que escreveo Lilio Giraldi ao sabichão conde João Pico, e mais de outro tratadinho de Jorge Agricola, author ignorado, ou esquecido, porque os homens zangárão-se, e com razão, de livros in folio.

SOLILOQUIO XV.

Ainda que eu tenho fallado comigo mesmo, com a liberdade de dizer o que quizer, parece que tenho faltado ao respeito a algumas personagens de gravatal lavada na República das letras; eu não devia empregar hum estilo misturado de chufas, isto he metter á bulha as letras, que só no abe-

tedario são vinte e tantas. Mas senhor, dizia eu comigo, eu acho tanto ridiculo, tanta soberba nos meios sabios, que he perder tempo tratallos com cortezia, se eu os atacasse como homens de bem, commeteria hum crime civil, mas como literatos coisa de nenhuma consequencia, *ridentem dicere verum, quis vetat?* Com tudo, merecão quatro apupadas os grammaticos pedantissimos, os poetas impertinentes, os oradores ridiculos, os jurisconsultos, ou causidicos rémoras, os biblomaniacos estúpidos; porém os filosofos, gente de barbas, gente estrondosa, gente que fez seitas, isto será grande ousadia, e indisculpavel insulto. Pois não senhor, não he, porque os filosofos, pelo que tem palrado, escrito, e doudejado, são humas das mais ridiculas creaturas da especie humana. Não ha opinião monstruosa, paradoxa, ridicula, que entre os filosofos não haja encontrado patronos, e defensores. He hum baldão eterno para a filosofia, o conceito commum do público, ainda que inducto, e inliterato. Em se bis-

panto individuo vago, desleixado, não curante dos deveres a que está sujeito o homem em relação a si, e aos outros homens, incivil, brusco, indolente, e quasi insensivel, hum orate em fim, indifferente ás leis do decóro: he filosofo, diz o vulgo. Ora eis-aqui a applicação que dá a este nome, de que tanto se honrárão em Athenas, Democrito, e Platão; e em Roma, Marco Tullio, e Seneca, e tambem em nossa idade toda a caterva dos encyclopedistas, e os de mais ajudantes d'ordens deste estado maior dos amotinadores dos homens.

Eu não chamarei jámais a hum mendigo esfarrapado, nem a hum vadio perguiçoso, filosofo, estes são molestias da sociedade, e o filosofo he hum amador sincero da sabedoria: mas não ha sol que me aquente, quando considero as diversas seitas, e bandos de homens, buscando todos huma mesma coisa, tão inimigos, tão oppostos, tão contrarios entre si, como estão agora os ladrões Francezes, e os honrados Hespanhoes. Desde que houve no mundo esta palavra filosofia, que o

volumoso Brucker dáta alguns seculos antes do diluvio, começárão a haver partidos, e guerras, horridas guerras de opinião. Antes de se me acabar a paciencia de lêr, eu li todo o Brucker de fio a pavio, 6 volumões sempiternos não me mettião medo, antes vêr os torneios filosoficos que hum combate de toiros. Desde que começarão no mundo a vociferar estes homens, ainda se não vio entre os oppostos bandos a mais pequena convenção. Fizerão-se amigos em Inglaterra os dois animosissimos partidos, Torîs e Wighs, mas nunca houve nem treguas entre dois partidos filosoficos. Hum Escolastico nominal, offereceo grossas somas a hum imperador de Allemanha, para dar cabo dos reaes, querendo das disputas das escollas entregallos, e relaxallos ao braço secular. Eu tenho eterna zanga aos tempos fabulosos, por isso não irei esgravatar na mais remota antiguidade com o meu Allemão Brucker, ou com o Inglez Stanley, para dizer que Prometheo era hum grande naturalista, cujo coração viveo roido de hum insa-

ciavel desejo de saber. As verdadeiras tourinhas filosoficas, corrêrão-se na Grecia. Aqui he que se apresentão estes assanhados campiões, huns de huma parte, outros de outra, com humas caras tão afogueadas, humas bocas tão praguentas, e humas vozes tão desentoadas, que arrancárão o rizo ao mais hipocondriaco homem do mundo. Eu contemplo muitas vezes o primeiro corro, de hum lado vejo Socrates, Platão, Clitómaco, Carnéade, e huma grande turba de filosofos academicos, e entre elles de eminentes lábios, e profusa eloquencia. Marco Tullio Çicero, sustentando em justo equilibrio, e igual pezo de verbozissimas razões, de huma e outra parte, e todos disputando duvidosos nas coisas, sem affirmar alguma por certa, e demonstrada. Sómente Socrates, que puchou os deoses para os homens, á força de argumentos procura inclinar o entendimento a que aceite huma opinião como mais provavel que a outra. Parece-me que os filosofos se devião agregar a esta seita, pois não he assim; saltão á praça ou-

tros capinhas chamados os Scepticos; Pyrrhon, Xenocrate, Anaxarco, gente teimosa que duvida de tudo, sem affirmar coisa alguma, que encolhe os hombros a qualquer pergunta, sem dizer que sim quando se lhe pergunta se he dia claro, ainda que esteja ouvindo dar meio dia no relojo da Sé. Esta he huma das seitas mais ridicula, e universalmente propagada. Sexto Empyrico a reduzio a methodo, e tão seguido nos nossos dias, que se se preguntasse a hum destes, se os Francezes são huns salteadores, encolheria os hombros, ainda que elles lhe estivessem como costumão, tirando a camiza do corpo. Esta seita andou muito em voga entre os mesmos Francezes, ainda naquelles dias em que erão homens honrados, e com effeito os Francezes na leveza, e volubilidade fazem estremada farinha com os Gregos, assim como fizerão no seculo de Luiz XIV, nos dotes de agudo engenho, e ameno saber. Pelo carro do scepticismo puchárão em França duas alinhadas parelhas, que fazem quatro animaes muito racionaes: Montaigne,

Charron, Mothe-le-Vayer, e Baile. A deviza de hum era para todos — Que sei eu? — Discutindo tudo de tudo, duvidão estes famosos cabeçudos, e esmiuçando as coisas á luz de huma dialetica impertinente, só deixão vêr a dúvida, só teimosos, e consequentes em duvidar, até zurzidos com hum arrezoado bambu, duvidarião que tinhão as costellas amolgadas.

Nunca entre os bandos filosoficos houve mediania. São curtos os espaços da nossa intelligencia, e nunca achei fóra do escolio o tratadinho de Huet sobre a fraqueza, embecilidade, ou pequenhez do entendimento humano; nem duvidar de tudo, nem affirmar tudo a eito; a primeira coisa he de teimosos, a segunda he de faceis, ou tolos. Custão a conhecer os objectos que nos cercão, porque nelles ha huma contínua mutabilidade, postos daqui, ou postos dalli, mudou de face, de côr, de qualidades, ou atributos; isto nasce da nimia distancia, ou da nimia vizinhança; não ha hum objecto que seja perfeitamente simples (salvo na ordem moral, os que acre-

ditão as promessas de Buonaparte) e assim de muitas coisas não podemos affirmar que são, mas dizer sómente, que parecem, formando opinião, e não sciencia. Quanto mais me entranho nestas tão superficiaes questões, mais me lembra, que o primeiro alicerce de toda a methafysica de Descartes, que tanto brado deo ao mundo, e de tantas guerras filosoficas foi causa, he o principio estabelecido nas suas meditações da primeira filosofia: — Duvidar. — Mas em fim está destruido, fazendo-o desapparecer da escolla, como do espaço desapparecêrão, e se sumírão os turbilhões. Entre o meu tempo perdido, eu contarei sempre aquelles agros dias que eu dei á leitura dos escritos de hum velho, vestido de triste roupeta, que quasi sempre cubrio soberba, e hipocrizia, velho tão stitico e mirrado, que com effeito foi o mais magro de todos os homens, e não sei se pela magreza o mais subtil dos filosofos, este he o meu amigo. Malebranche, homem eloquente sim, mas todo elle hum paradoxo ambulante, tão sceptico, e

tão fermoso, que se deixou descahir, que elle não estava certo da existencia dos corpos, senão pelas decisões da fé. Homem, que nada via, ouvia, palpava, gostava, e cheirava, senão em Deos, que todas as nossas idéas erão eternas, e immudaveis, e que existem em Deos, porque he preciso saber, diz elle na 2.ª parte da indagação da verdade, que Deos existe estreitamente unido ás nossas almas pela sua presença, de maneira que se póde dizer, que elle he o lugar dos espiritos, assim como dizemos, que os espaços são os lugares dos corpos, que não temos de certeza, senão o que vemos em Deos, que tudo o mais he fallivel, incerto, duvidoso, e que talvez não exista. A este estravagante scepticismo se deo tamanha apupada por toda a vasta extenção da República das letras, que não he maior a que merecem, e levão nos theatros quasi todas as nossas comedias. Chamárão todos a huma, fantastico, e vizionario ao triste velho; e muito lhe ladrou hum Prussiano de Kœnisberg, chamado Kant, mas es-

te Kant he tão animozo, e denodado, que não teme os Inglezes pelo Baltico, nem os guerreiros compradores em Jena, porque enchovalhou, e maltratou sem ceremonia nenhuma a Lock, e a Condillac. Até huma vérme poeta, querendo roer no paiz da methafysica, se atreve contra o sceptico, e flautulento Malebranche, atacando com estes dois versos o apoquentado velho.

Tu que ves tudo em Deos, de pollo a pollo
Só nunca em Deos que eras hum tollo.

O poeta he fraquinho, porque bem se vê que o — pollo a pollo — he cunha, e que se não fosse a força do consoante para chamar tolo a Malebranche, não era preciso correr do Arctico para o Antartico.

Isto dá materia para eternos Soliloquios, porque he infinita a sementeira dos filosofos; plantas importunas, e nocivas, que de toda a parte rebentão, como joio, que afoga o trigo, assim elles afogão, ou abafão a verdade, e isto pela encontrada varie-

dade de seitas, e opiniões, que ha huma verdadeira guerra de livros; e sempre me pareceo materia mais importante aquelle balde de agua furtado e pelo qual se matárão os Luquezes, e os Pizanos, que as ninherias porque se descompõem, e degollão os filosofos huns aos outros. Hum sceptico he capaz de matar hum dogmatico, e hum dogmatico hum sceptico; este duvída de tudo, aquelle dá por certas, e demonstradas as suas opiniões, escolla inteiramente opposta, nella se determinão algumas coisas como verdadeiros bens, e outras como verdadeiros males: gente de animo inquieto, e perturbado, fujindo de humas coisas, e apetecendo as outras. Em tudo a moderação he huma grande virtude, e o scepticismo moderado he a verdadeira estrada para conseguir a tranquilidade do animo, verdadeiro fructo da pacifica filosofia, julgando nella como indifferentes as coisas, sem as desejar, nem temer, sem que penda nossa filicidade, ou desventura da as gozar, ou de as perder. A moderação no scepticismo, e no stoicismo,

creio por experiencia, que produz em nosso animo, quietação, e contentamento, quando se trata de duas coisas, a primeira das opiniões filosoficas, e a segunda mais importante ainda, das miserias, loucuras, e vaivens, ou castastrofes deste mundo. Agora mesmo, eu dentro das trincheiras de hum moderado stoicismo, não temi os latrocinios de Junot, as atrocidades de La Garde, e a metralha contínua dos editaes das esquinas.

SOLILOQUIO XVI.

Os muitos annos que dei ao porfiado estudo da eloquencia, e da filosofia, me pegárão a tinha de me lembrar, e fallar sempre dos filosofos, e huma das minhas mais gostosas leituras, era o rol das suas opiniões, e seitas; gostava sobremaneira de vêr ir marchando pela estrada dos seculos estas brigadas de homens vãamente occupados. Diogenes Laercio me apresentava diversos batalhões delles, acompanhados

de todos os seus erros, sandices, e miserias; Plutarco no seu tratado das opiniões filosoficas, não desembaraça mal esta empessadissima meada, mas eu não sei porque não gosto muito de Plutarco, será por me aborrecerem todos os idollos do plagiario Jaques: mais ainda que de Stanley, e Brucker, gostava do Francez Deslandes porque com effeito he claro, e sem dogmatizar, expõe simplesmente a mania de cada hum: mas são tantas as manias, que para as correr a todas, primeiro

Promtius expediam, quot amaverit Hippia moechos,
Quot Themison ægros auctumno occiderit uno,

Estes dois versos de Juvenal são huma coisa muito grande, porém maiores são as seitas dos filosofos, e correlas todas, he querer entisicar-se por coisa tão pouca, como são os sonhos de homens acordados. Com tudo ha seitas memoraveis, de que não posso deixar de lembrar-me. Nenhum im-

perio dos quatro grandes que apparecêrão, dominou vinte seculos no mundo, e praza aos céos que o do senhor Buonaparte não contínue a dominar mais nem vinte dias, a pezar dos desejos dos medicos, a quem parece que contenta tudo o que cheira a defuntos, e sepulturas. Pois houve huma seita filosofica, cuja dominação se estendeo ainda a mais de vinte seculos na terra. Este imperio he o dos peripateticos, cujo mestre Aristoteles, ingrato a Platão, quiz explicar tudo, embrulha tudo, dizer nada em fysica, quasi nada em dialetica, e só muito em rethorica, que de bem pouco serve. Hum doutor da Sorbona, sem o enorme pezo do pedantismo, chamado Le Roy escreveo hum volume, não da vida, mas da varia fortuna de Aristoteles; ora dominando o mundo, ora excommungado no mundo; ora a alma das escollas, ora o ludibrio dellas. Huns querem que elle dissesse tudo; outros que nada dissesse. Alguns são ingratos, porque o roubão, e escarnecem. Lock com todo o stoicismo prático de hum Inglez rouba Aristoteles,

e diz mal delle. Descartes quer destruir a sua filosofia, e assenta todos os seus principios nos principios peripateticos. Pedro Ramus, e o meu douto patricio Antonio de Gouvea, que de Beja teve a paxorra de ir ser reitor de universidade em França, dérão cabo de si por amor de Aristoteles. Em París manda-se da parte d'el-rei que se aprenda a filosofia de Aristoteles, assim como se decréta agora, que a filharada de Maria Leticia sejão os reis da terras. Descartes fez morrer Aristoteles; mas em Portugal, que sempre quizerão acordar tarde, fizerão resuscitar Aristoteles, e appareceo hum roupeta do feitio da de Malebranche, com huma pezadissima obra, que se chama — Filosofia Aristotelica restituida — He forte amor de sobrinho! Morreo logo que nasceo, foi a enterrar aos confeiteiros. Aqui está pois Aristoteles ensinando por tantos seculos o mundo, e deixando o mundo em jejum em materia de filosofia. He coisa digna de lagrimas, ou de rizo, vêr o que em Portugal se escreveo sobre Aristoteles, e vêr o que

se perdêrão, e estragárão de grandes engenhos no labyrinto methafysico! Ou seja inintelligivel no texto, ou o texto esteja adulterado pelos Arabes, ou os commentadores o hajão obscurecido com o montão enormissimo de suas annotações, não ha quem o entenda, e tão embirrado andava Hermoláo Barbaro, em lhe pescar o sentido quiz consultar huma pithoniza para lhe chamar dos campos Elisios a alma de Aristoteles, para lhe explicar o que entendia pela palavra — Entelechia — tanto cegava a paixão peripatetica, que obriga a este absurdo a hum sábio, e de mais a mais patriarca de Aquilea! Eu tambem se apanhará cá a alma de Aristoteles eu lhe faria dizer o que entendia por tantas qualidades occultas e tambem para me enformar se a natureza tinha já menos horror, e medo ao vacuo, pois estou persuadido, que com effeito perdêra o medo a este papão porque obras suas são tantas cabeças vasias.

Não menos brado dérão, nem menos bulha fizerão dois, Zeno, e Cléanthe trombudos, sombrios, carrancudos,

e enrugados, caras de ferreiros, authores stoicismos, pertinazes, e impurtunos defensores de suàs opiniões, e paradoxos, reduzindo todas as coisas á necessidade do fado, com huma inhumana ferocidade em desprezar os bens externos, e affectos, e paixões d'alma; sopeando todos os dosejos, extinguindo todas as inclinações, quebrando todos os laços, mais parecem ursos da Livonia, que individos humanos, que pelo sentimento da propria fraqueza, e necessidade de mutuo soccorro se unírão em sociedade. Se deslizão hum rizinho por favor, he só quando se lhes representa a morte; e he muito apertar com os amigos, querer fazer de cada homem ainda mais alguma coisa que o convidado de pedra, pois este teve a bondade de fallar, ainda que não se engana Juvenal, quando diz destes senhores, que as suas palavras são de Curio, e as suas obras são do entrudo. Apezar disto, ahi está Seneca, o maior dos talentos Romanos, que amenizou esta seita á força de engenho, e eloquencia, tem habilidade de nos le-

vantar, e engrandecer a alma, quando em algumas de suas divinas paginas nos traça o quadro do stoicismo, ainda que ha más linguas que dizem não fôra muito stoico em as acções. Desta mancha o lavou bem Diderot, e tambem foi a melhor coisa que escreveo, veja-se o primeiro volume traducção de La Grange. Sempre me fizerão rir os pytagoricos, como homens até inimigos de hum bom prato de favas verdes com prezunto; ainda que quando eu vivia para a República das letras não me fartava de lêr, e admirar a maravilhosa prosopopea de Pithagoras, no 15.º livro das metamorfozes, digna coisa he a tal prosopopea do engenho de Ovidio! Muito observantes erão estes homens do importuno silencio de cinco annos, ouvindo só papaguear o Mesere. Não era mal reproduzida esta seita, inimiga das favas, a vêr se se purgava o mundo do diluvio dos falladores! Fugio cá da Europa para a Azia esta manada de transmigradores, que pela passagem que fazião de huns corpos para outros, erão os mesmos inquili-

nós em diversas casas; e como na
estava na sua mão escolher pouzada
muitos passarião de ser filosofos a se
jumentos. Erão amigos do numero
e bons para viver neste seculo, em
que a sciencia dos numeros se julga
a unica, e verdadeira sciencia, ain
da que nem disto mesmo se trata
agora.

O atomista Epicuro, he hum homem frugal, segundo huns, e he hum
pai pai, e hum glotão segundo outros.
Aquelles dizião que se sustentava de
ervas do seu jardim, estes, que era
huma sepultura de todas as perdizes,
e leitões do universo, e que era capaz de dar hum juramento falso por
hum pastel de Marvila. Tão encontrados são os juizos dos homens sobre
hum mesmo sujeito que Seneca diz,
que Epicuro com hum bocado de pão
na mão era capaz de disputar a mesma felicidade a Jupiter, e Horacio, que
fez de comer bem, e beber melhor, a
materia de quasi todas as suas composições, se chama a si mesmo hum porco de rebanho de Epicuro de pelle liza, bem curada; e nedia. Ora estes

animaesinhos não gostão de passar mal, nesta accessão tinhão a Epicuro bons, e divertidos mandriões do seculo do Luiz XIV, que em versos taes e quaes celebrárão muito as banquetadas, e brodios; Chaulieu, e La Fare, e o erudito S. Evremont fôrão desta piedosa confraria. Epicuro na sua ética, constituio a suprema felicidade no prazer, sem dizer qual; e os que encontrárão o prazer supremo em encher a barriga, assentárão que huma meza bem lauta, e huma cama bem molle, era a verdadeira escola da filosofia de Epicuro; enganárão-se, que o calvo Epicuro era tão frugal no sustento, como austero nos costumes. Em quanto á sua fysica, Lucrecio a expôz bem, pelo que pertence aos ouvidos, ainda que seja hum enxovalho da razão. Tudo erão migalhinhas no universo, e deo hum dia na cabeça a estes, *rari nantes in gurgite vasto*, sociarem, e ajuntarem-se, e sem ordenador algum, apparecêrão céos, terra, e toda a bicharia que a povôa, e toda essa ordem maravilhosa, essa cadeia de seres infinita, foi obra do

concurso furtuito dos atomos em hum vacuo infinito. Quando eu isto li, assentei no meu coração desertar sériamente da República das letras, porque na verdade era viver na casa dos orates, e muito principalmente depois que vi que a filosofia corpuscular tinha patronos, e que homens de barbas, e de caracter quizerão expôr estes principios de Epicuro indigestados já por Democrito, que se devia rir de si mesmo. O conego Gassendi em bem grossos volumes se mostrou inimigo da divisibilidade dos corpos até ao infinito, e protestou ter topado com os atomos de Epicuro, e até o mesmissimo Leibnitz com suas monadas simplices, impenetraveis, e indestructiveis, andou bem pela rama ao systema fysico de Epicuro, pois tomando huma chavena de café, disse que alli via monadas, que serião algum dia almas racionaes.

Muito me enfadava com a confiança com que estes homens dão por evidentes, coisas indemonstraveis: porém Diogenes me desagasta; Diogenes, retirado de todos os filosofos, menos

vão e mais desenganado, cujo estudo furtava algumas horas ás ocupações públicas, para se dar á contemplação do stoicismo, temperando, e adoçando a austeridade desta seita, e mostrando-se em nada dependente de alguma força superior, e mais cortez com os affectos, e paixões naturaes, dava alguns instantes ao moderado prazer, mostrando, que era homem para rir-se, e filosofo para não ser escravo. Sahia da tina a dar seus passeios, e a tomar o sol, que o mui importuno Alexandre lhe tomava, fazendo lhe fanfarrões offerecimentos. Quam acertado andou aquelle discreto engenho, na empreza, ou simbolo com que tão subtilmente nos deo a conhecer o caracter, e merecimento deste filosofo moralista! Pintou huma concha de perolas, cuja parte exterior se bem parece tosca, descobre dentro em si hum prateado, e candido seio, e neste o purissimo parto da perola, concebido do rócio do ceó, sem outra mazela que manche sua candidez, e por mote aquelle meio verso de Persio, que ainda que seja meio, diz mais

que muitos inteiros, e mais que todos os dos vazios poetas da nossa patria:

Ne te quæsiveris extra.

Nella se mostra o desprezo que este tezo filosofo fazia da emulação, e dos juizos exteriores da inveja, contente com o testemunho interior da consciencia, e com a satisfação propria de seu animo, sempre puro, e sempre attento ás suas obrigações, emprego proprio da verdadeira filosofia. Muito me agradou sempre este filosofo, tão chegado á natureza, tão alheio de systemas, e só contemplador, e não temerario indagador da mesma natureza, de suas obras, e suas maravilhas. Causa-me mágoa de que tanto os discipulos degenerassem deste mestre. O Cinismo, he huma vergonha, e Diogenes hum prodigo, e antes quizera estar empilhado com elle na tina, que passeando nas pomposas, e adereçadas sallas de Platão. He lastima, que ao nome de Diogenes se ajunte huma especie de irrizão, eu creio que entre os Gregos nenhum

tratou da filosofia moral de hum modo mais maravilhoso, e reduzindo á prática tudo aquillo que os outros com grande ambito de palavras conservão na theoria, e ôcas especulações.

SOLILOQUIO XVII.

Eu me seccaria a mim mesmo, se quizesse fallar em todas as seitas, e escolas Gregas; tão inimigo sou de sécas, que até as minhas me aborrecem. Succedião-se a escolas humas ás outras, e sempre contrarias, e oppostas, como se tem succedido, e destruido as diversas fórmas de governo entre os Francezes desde a revolução. A imaginação viva dos Gregos os fazia dar por páos, e por pedras; pois se tinhão fome tudo dizião, e inventavão tudo. Hum Greguinho com fome, dizia Juvenal, se o mandares, he capaz de ir trepando até ao céo. Passou hum grande intervallo de seculos, sem apparecerem inventores de systemas, apenas apparecião

commentadores das já rançosas opiniões. Surdio hum seculo, chamado seculo do Platonismo. Porphyro, Jamblico, Plotino, Syneiso, e Simplicio forão analizadores, ou confundidores dos systemas de Platão, e de Aristoteles; e dois medicos, isto he, dois assassinos Arabes, que certamente terião humas caras de quem tem mortes ás costas: Averroés, e Avicena salvárão da invasão, e desvastação Gotica, os escritos Gregos. Doidos com methafysica de Aristoteles, que nasceo mesmo para cabeças Arabes, que são esturradissimas, a expuzerão a seu modo sem formar systema; porém levantando tamanhos gritos nas disputas, que enroquecêrão, e se calárão de todo. Alguns serviços fizerão ás letras para quem cahir na corriola de se dar a ellas, ajuntou Averroés tantos livros em Marrocos, e suas vizinhanças, que ha poucos annos se descobrio em Fêz tudo o que faltava nas Decadas de Tito Livio: assim apparecessem tambem os livros de Cicero, que tratavão da Republica pelos fragmentos que restão em Eusebio,

e Lactancio, se póde ajuizar do valor do que não apparece.

João Duns, Alexandre de Alês, Occam, e antes delles Abeillard, e Pedro Lombardo deitárão os primeiros alicerces á escolastica; e dois furiosos bandos de nominaes, e reaes amotinárão tudo, e tamanha bulha fizerão, que á vista de seus motins, a escarapella do sógro, e mais do genro em Pharsalia foi hum cominho; e depois de gritarem toda a sua vida, e de escreverem mais que poderia escrever na sua, Mathusalem se fosse author, ficárão estafados, descompondo-se todos, sem nenhum saber nada. Que gravissima perda soffrêrão as letras com estes tumultuosos embrulhadores, e gritadores! Não só fizerão com profundas sombras de eternas disputas sobre palavras, que nem elles então, nem nós agora entendemos, recuar a época de huma ao menos verosimil sabedoria, mas defraudárão as mesmas letras de seus talentos, que elles podião cultivar melhor. O tal arcebispo de Ratisbonna, Alberto Grande, era hum genio nascido para a fysica, e

para a mecanica, porém a força da prevenção pelo tenebroso, e fallador Aristoteles, deixou tudo em peior estado. Hum pálido, e magro Gregorio Ariminense, amarrado, cozido, e pegado como hum cão perdigeiro ás cathegorias universaes de Aristoteles, se se désse, sem mais soccorro que o talento proprio, á contemplação da natureza, teria apparecido na Italia o mesmo fenomeno, que depois appareceo na Inglaterra, outro Bacon de Verulamio, o restaurador das sciencias. Pois o pobre Franciscano Rogerio Bacon, pródigio não só para o seu seculo, mas tambem para o nosso? Elle teria melhor sorte, se com hum alforge ás costas andasse de porta em porta feito cobrador da finta do pão, e do cobre. Foi advínhador de grandes problemas em fysica, em mecanica, a em chimica. Custou-lhe cáro metter-se a demonstrador de fysica experimental, passou por hum polotiqueiro, correspondente de satanaz, derão com elle na cadeia, e lá morreo (quem diria que dos Inglezes de então havião sahir os Inglezes de ago-

ta ?) pôr fazer habilidades em optica, e talvez que antes de outro Franciscano Alemão atinasse com os taes confeitinhos negros, chamados polvora, que devião dar cabo de metade do genero humano, e vão (inda bem) dando cabo de todos os Francezes. Tudo naquelles seculos erão sombras, se alguma luz queria romper, fazião-lhe o mesmo que fizerão a Malcho por vir com huma lanterna. Formas substanciaes, *quiditativos a parte rei*, antes de razão, sem razão nenhuma dominárão muito de seu vagar a miseravel República das letras. Bons esforços fizerão Theofrasto Paracelso, Fabricio Aqua-pendente, Raimundo Lullo, Scipião Aquilano, Jordão Bruno, André Cesalpino, Jorge Agricola, Agostinho Steuco Eugubino, e outros mais, querendo pelos sentidos, pela experiencia, pelos fenomenos governar-se em filosofia: huns fôrão degradados para fóra de villa e termo, outros dérão a ossada na cadeia. O portentoso Erasmo, hum dos mais admiráveis genios, que apparecêrão no paiz das letras, andou mais terras

que o Judeo errante. Que talento tão profundo, que vistas tão filosoficas mostrou no seu orador, ou tratado da eloquencia! Que finissima critica, e gosto no elogio da loucura! Se assim como lhe deo em ser commentador, castigador, glosador, e anotador da escritos alheios, lhe dá em reformar a filosofia, muito mais cedo teria amanhecido: e Pedro Nunes com estas luzes ainda faria maiores progressos nas sciencias exactas, na astronomia, navegação, e geografia. Porém, ao menos houve hum bem com estes homens, ou timidos, ou escravos do Stagirita, não fizerão systemas, nem creárão escolas, gritárão pouco, e souberão alguma coisa. Que pena me faz ainda esse pobre frade Thomás Campanella, que em Portuguez quer dizer Thomás Campainha: dezoito annos esteve de segredo, por se metter a inovador em filosofia: querer fugir da rede Aristotelica era dar com os focinhos n'hum sedeiro; foi o miseravel frade (e isto em Napoles, na culta, e literaria Napoles) tratado como escravo rebelde; e sahindo dos

do do segredo, foi estender o canastro na casa dos orates. Alguma coisa se ri ainda Marco Antonio de Dominis, metteo-lhe o démo em cabeça, e conseguio-o, querer preceder Newton no systema das côres, ou na delgada analyze de hum raio de luz, metteo-se a explicador do arco da velha, e atinou desertando dos metheóres de Aristoteles. Senão morre, fazia-lhe a escola o favor em vida, que lhe fez depois da morte; desenterrárão-lhe os ossos, e queimárão-lhos.

Parece-me que a natureza gosta de se entreter, e divertir, escarnecendo dos filhos de Adão, porque sahe-se ás vezes com homens de duas caras; por huma são hum prodigio de saber, e capacidade, e por outra huns solemnes mentecaptos: e ajunta n'hum só sujeito dois extremos tão oppostos, summa intelligencia, e summa parvoice. Eu tropecei muitas vezes com estes embrechados pela Repúblìca das letras, e o mais notavel, o mais extravagante destes ratazanas, he sem dúvida Jeronymo Cardan, medico em Milão. Muitas de suas vigi-

lias são tão doutas, que fazem honra ás letras, e até são proveitosas, pois em alguns de seus escritos se acha com hum milagre de erudição, huma abundante fonte de envolutos principios de huma luminosa filosofia. Eis-aqui a cara de homem em Gardan: agora volta-se, e apparece hum jumento; diz, que os sonhos fazem o homem divino com o conhecimento do futuro, attributo reservado a Deos, porque nos sonhos, como em hum theatro, se representão em diversas figuras as coisas, que hão de suceder. Que a providencia quiz, que a fantazia, e operações intellectuaes se exercitassem em desvélo da alma em quanto dorme o corpo, apezar da humidade do cerebro, e como he mortal a alma, assim se acha de certo modo fóra dos enganos do corpo, e assim obra com destino superior, reconhecendo o futuro, para que nem esta lembrança, nem esta presciencia faltassem ao homem, imagem de Deos. Que paciencia aturará estes filosoficos desvarios? E he de chorar em Cardan hum dos maiores engenhos perdidos

para o avanço da filosófia, era hum homem de tão agudo engenho, como o verbosissimo Voltaire; mas esta agudeza dá muitas vezes em solemnes destemperos. Taes erão as sombras daquelle seculo, e tal o cáhos em que o entendimento humano estava atascado por outro cáhos chamado, a doutrina de Aristoteles! Mas a pezar das espessas, e condensadas nuvens em que se envolve Cardan, elle brilha a espaços como hum céo luminoso. Livres sejão os mortaes da manía de estudar: mas se algum ainda tragar este opio, e tiver olhos de vêr, verá grandes coisas nos livros *De subtilitate rerum*. Mas será esta leitura para os sábios da moda? Se o livro não fôr em doze Francez, ou se o livro não fôr huma novella, hum como, huma coisa como são as do Instituto nacional, quem o lerá? Ora leia quem quizer. Cardan, fez pela Italia, e norte de Alemanha, ponto a lastimosa insipiencia: aboliose o imperio Gotico Aristotelico, e começou a apparecer a verdadeira, ou verosimil filosofia. Passou-se a mon-

tanha, que estremava os imperios da ignorancia, e da verdade, e começárão a descobrir-se huns campos ferteis, e luminosos.

O primeiro que passeou despejado e livre por estas campinas, foi o conego Polaco Nicoláo Copernico, modesto, meditativo, escrevendo pouco, e dizendo muito. Mostrou aos homens em huma artificiosa máquina, por elle construida, o verdadeiro, ou o mais aproximado á verdade, systema do mundo. Não era a invenção sua, mas deste Copernico tambem se podia dizer, que creava os pensamentos alheios. Vemos nesta máquina o sol repinpado no meio do systema planetario, a que chamamos nosso, e a terra a que Buonaparte chama sua, sem lhe faltar huma geira, tão pequena, escura, e muda, marchando com tanta pressa á roda do sol, que parece hum corropio, ou hum espião de La Garde, a farejar huma victima. Como este Polaco, ainda que ficasse á quem do Vistula, ficava muito mettido pelos gelos do norte, escapou dos escolasticos, que muito esquentados,

e amigos de paizes meridionaes, tiverão medo de o ir atacar na pessoa, senão davão cabo delle; porque estes escolasticos sem se lhes dar, que as cabeças lhes andassem á roda, querião com pertinacia, e teima, de motu proprio, sciencia certa, e poder absoluto, que a terra estivesse quieta; e se para explicar hum movimento, que nem elles, nem nós entendiamos, lhes era preciso mais hum ceo, fazião-no de cascas de alhos, ainda que lá lhe custou mais alguma coisa o penultimo, pois o fizerão de cristal.

Pobre barbaças velho, de cabeça roliça, e grande, porém muito cheia. Teu aspecto apoquentado, teus olhos encovados, tua tez pálida, e secca, teus beiços lividos, te dão a conhecer por hum daquelles, que estão por muito tempo, seu máo grado, no limoeiro. Tu és Galileo-Galilei, o pai, o creador, o mestre, o genio inventor da moderna fysica, mecanica, e astronomia: descobristes as verdadeiras leis do movimento, e da inercia dos corpos, descobristes mais bolinhas á roda de Jupiter, e abriste o

[illegible], que extremava os imperios da ignorancia, e da verdade, e começárão a descobrir-se huns campos ferteis, e luminosos.

O primeiro que passeou despejado e livre por estas campinas, foi o conego Polaco Nicoláo Copernico, modesto, meditativo, escrevendo pouco, e dizendo muito. Mostrou aos homens em huma artificiosa máquina, por elle construida, o verdadeiro, ou o mais aproximado á verdade, systema do mundo. Não era a invenção sua, mas deste Copernico tambem se podia dizer, que creava os pensamentos alheios. Vemos nesta máquina o sol repimpado no meio do systema planetario, a que chamamos nosso, e a terra a que Buonaparte chama sua, sem lhe faltar huma geira, tão pequena, escura, e muda, marchando com tanta pressa á roda do sol, que parece hum corropio, ou hum espião de La Garde, a farejar huma victima. Como este Polaco, ainda que ficasse a quem do Vistula, ficava muito mettido pelos gelos do norte, escapou dos [illegible], que muito esquentados,

e amigos de paizes meridionaes, tiverão medo de o ir atacar na pessoa, senão davão cabo delle; porque estes escolasticos sem se lhes dar, que as cabeças lhes andassem á roda, querião com pertinacia, e teima, de motu proprio, sciencia certa, e poder absoluto, que a terra estivesse quieta; e se para explicar hum movimento, que nem elles, nem nós entendiamos, lhes era preciso mais hum ceo, fazião-no de cascas de alhos, ainda que *lá lhe* custou mais alguma coisa o penultimo, pois o fizerão de cristal.

Pobre barbaças velho, de cabeça roliça, e grande, porém muito cheia. Teu aspecto apoquentado, teus olhos encovados, tua tez pálida, e secca, teus beiços lividos, te dão a conhecer por hum daquelles, que estão por muito tempo, seu máo grado, no limoeiro. Tu és Galileo-Galilei, o pai, o creador, o mestre, o genio inventor da moderna fysica, mecanica, e astronomia: descobristes as verdadeiras leis do movimento, e da inercia dos corpos, descobristes mais bolinhas á roda de Jupiter, e abriste

passo para os Cassini, Halley, Hevelio e Newton. Mas metteo-te o inimigo na cabeça tirares a terra daquella poltronaria, em que por tantos seculos jazêra. Custou-te caro, porque te fizerão estar muitos annos quieto, e a terra rindo-se, e movendo-se juntamente comtigo, e com os que te fizerão estar sentado muito contra tua vontade.

A' vóz imperial deste velho, não só se moveo a terra no entendimento dos homens até alli teimosos, e cabeçudos em a quererem fazer estar quieta; porém recebêrão a fysica, mathematica, e sciencias naturaes, sua primeira, poderosa, e verdadeira impulsão. Torricelli dando hum pouco de pezo ou pressão ao ar, fez fujir o côco, ou o papão da natureza, que era o horror ao vacuo: e simultaneamente com Galileo apparecêrão os grandes genios, que pudérão descortinar a maior parte daquelles mysterios, que a natureza tão ciosamente recatava entre os véos da sua mesma magestade. Vicente Viviani, hum dos genios mais assombrosos, que tem appare-

cido na terra, fez tão profundos progressos na geometria, que advinhou o que Apollonio tinha escrito muitos seculos antes; porque restando seu livro imperfeito, Viviani se poz de imaginação a supprir o que nelle faltava; e achando-se depois todo o Apollonio inteiro emhum Mss. Arabe, se vio, que escrevêra pontualmente o que Viviani tinha supprido: mil vezes tenho fallado comigo mesmo nesta anecdota literaria, e não deve esquecer a ninguem. Aldobrandin deo o primeiro passo compassado pela historia natural; mas iscado do peripato e embaído dos livros da historia dos animaes, mandados compôr á custa de Alexandre, sahio-se com hum grande volume de animaes monstruosos. Aldobrandin se fez pobre para ser naturalista, e com sua pobreza enriqueceo os que depois vierão. Borelli, Malpighi, Redi, Fallopio, Vallisnieri, Bellini, giradores do imperio da natureza, lançárão os alicerces para a menos duvidosa de todas as sciencias, e para o mais util de todos os conhecimentos.

Sempre a Italia foi berço de grandes homens, e de grandes coisas. São primeiros inventores, e he caso célebre, que os trez primeiros averiguadores, não só das vidas alheias, e costumes de proximos bem remotos, mas de terras tão apartadas como incognitas, fossem Italianos. Cadamosto, Americo Vespucio, e Colombo, Italianos forão; já Marco Paulo, Veneziano, e Pedro de la Valle, Romano, tinhão corrido Séca, e Méca, quasi tanto como Fernão Mendes Pinto, mas não fallárão verdade como elle. Em fim, forão os primeiros viajantes, para os Italianos serem os primeiros; só agora estes successores dos Fabios, Scipiões, e Marcellos não querem ser os primeiros em se levantar contra Buonaparte, extinguio-se entre elles a semente dos Brutos.

Com as vistas de Galiléo, e de seus contemporaneos naturalistas, e filosofos, appareceo Gessner para nos dar huma vasta historia de bichos, e Jonston para nos descrever quantos páos, e quantas arvores nascem por essas montanhas, não lhe escapando

nem hum ramo de carqueija pela mais impraticavel charnéca. Não me quéro estar a seccar a mim mesmo, passando revista á divisão dos naturalistas botanicos, e ervanarios, outro dia conversarei com elles, e comigo; por alguns que tenho tratado, conheci, que era a gente mais entonada, soberba, e satisfeita de si, que havia entre a posteridade de Adão. Acha-se entre os botanicos quem passe toda a sua vida a compôr hum tratado particular sobre a especie ostiga; e o grande Conde de La Cepede, depois de andar correndo atrás de gafanhotos, e bisoiros, deo agora comsigo no gabinete de Buonaparte a formar planos politicos para a regeneração, que assim se chama agora a expoliação total do genero humano. He o primeiro naturalista que desertou: tanto póde a manía do napolianismo, que se esquece este homem da continuação de Buffon, e da amizade de Sonnini!

SOLILOQUIO XVIII.

Todos os homens, todas as idades se imitão: o que apparece agora como moda, já foi coisa usada na antiguidade. Se as mulheres vestem á Grega, Grego fallão, que não ha quem as entenda, se apparecem como estatuas Gregas núas no pino do inverno, que muito que os filosofos, cuja cabeça em alguns he tão leve como as das mulheres, tambem queirão imitar os Gregos? Os Gregos fizerão systemas, creárão seitas, estabelecêrão escolas, pois tambem os modernos fação o mesmo. A primeira escóla, e a primeira seita de mais nomeada, he a de Descartes: banio de huma vez a filosofia, inintelligivel, varrendo della todas as expressões onthologicas, pelas quaes os gritadores da escóla querião dar a conhecer todas as idéas abstractas do Ente. Este cáhos não se podia penetrar sem se destruir, dando cabo de palavras que fa-

zião a gente doida. Quem vio para seu castigo as logicas, e as methafysicas de Arriaga, de Aranha, de Soares, descobrio sem dúvida a mais rara especie de doidos, que tem comido pão neste mundo. Descartes, esgravatando muito nos Gregos, he author da verdadeira logica, ou arte de discorrer com clareza, exactidão, e methodo. Todos os livros, que ha bons em materia de filosofia racional, ou intellectual, se devem ás grandes idéas de Descartes, ainda que se encontravão já em grande cópia nos livros de Bacon, não estavão desenvolvidas: he certo que se ajudou muito das muletas do frade minimo Merceno. Foi hum profundo geometra, e hum atilado methafysico, no mais huma miseria. Pasmo de o ouvir na defeza das suas meditações, faz consistir a essencia da materia na extensão solida; e quando lhe perguntão o que seja corpo, ou substancia extensa, responde, que he huma substancia composta de outras muitas substancias, tambem extensas, e estas de outras. Bôa definição! Isto he Des-

cartes, quando se mette a explicar o que se não entende. Faça embora focinho o penteado, e apuradinho Francez Mr. Thomás. Quando tive eu medo a focinhos literarios? Descartes imaginou, ou sonhou, que havia só trez qualidades de particulas, que compunhão a substancia, ou materia do mundo. *Subtilis*, *globulosa*, *et striata*: que vem a ser trez advinhações. Estas particulas enchem de tal sorte o mundo, que se não apparecesse depois Newton com hum mandado de despejo, isto he, com verosimil fysica, mecanica, e astronomia, adeos vacuo dos antigos, tudo estava cheio, não poderia a gente mecherse; como se não bastassem para entulhar tudo, os falladores, os poetas, e os doutores em gazeta. Com os turbilhões, e cubos, Descartes fez o mundo, e explica o que mais custa a entender, que he a creação. Depois deste Descartes, que foi ser profeta longe da sua patria, filosofando em hum recanto da Hollanda, o que lhe não deixavão fazer em París, apparecêrão outros não menos cabeçudos, e

entestados com os seus principios do que havião sido os escolasticos com os de Aristoteles. Nunca me esquece o velho Malebranche tão abstrahido, que me contou huma vez hum da sua profissão, e roupeta, que abalára da sacristia para a cella de casula, e alva vestida, sem saber que a levava. O que são os homens! E veio hum Inglez a París para ver duas coisas, Luiz XIV, e o padre Malebranche! Grande peccador em filosofia, porque havendo-nos Deos dado os cinco sentidos para nos governar, como v. g. os olhos para vêr, e o tacto para sentirmos o que não quizeramos levar, e elle com bem razão merecia, emprega a maior pompa de eloquencia em mostrar, que os sentidos são os maiores enganadores, pérfidos caramboleiros, e falsarios que ha, que desconfiamos delles como principios, fontes, e causas de todos os nossos erros. Mas as razões de Malebranche, nem merecem refutadas, nem eu sei esmiuçar o que huns miólos esquentados com abstractas meditações podem imaginar: eu me picava

de entender em methafysica; mas apenas pegava no livro da indagação da verdade, tinha logo huma dor de cabeça.

Pois hum Leibnitz sentado n'huma poltrona cheia delle, sem se levantar della mezes, e mezes? Tanto tempo, e tanto vagar lhe era preciso para fazer humas tres coisinhas, chamadas mónadas, isto he, corpos simplices, mudaveis, indissoluveis, sólidos individuaes, conservando sempre a mesma figura, e a mesma maça. Não ha segundo elle diz, duas partículas homogeneas em a materia, todas são differentes entre si, e com esta constante heterogenidade de cada elemento, fórma, e explica a diversidade de todos os corpos. Ora assim como se diz o homem de Platão, que era hum galo depenado, e derrabado: o mundo de Descartes, que era huma enfiada de turbilhões feitos de esquinas de cubos esmigalhados pelos encontrões, e cabeçadas, que davão entre si como desesperados; assim tambem se diz: *As monadas de Leibnitz*, isto he, imaginações. Nin-

guem se envergonha de confessar, que ignora, que coisa seja substancia: e como podemos nós saber se os elementos da materia são similares, ou não? E o que ha em tudo isto, não he mais que hum miseravel principio de systema, e muito inutil na indagação da verdade. Ainda he mais palpavel a quiméra d'harmonia prestabelecida, isto he huma coisa, pela qual Deos tem determinado, que todos os movimentos do corpo correspondão exactamente a outros tantos movimentos da alma, e vice versâ: eu não posso levar á paciencia, que convindo o mesmo filosofo, que esta mutua dependencia não he real, mas methafysica, ou ideal, queira com esta estabelecida ficção determinar a origem de nossas idéas, e precepções. E tudo isto nasce da teima de resolverem o problema irresolvivel do modo da união da alma com o corpo. Tanto se enredão os homens nas barafundas methafysicas, que dão por páos, e por pedras, e dizem âs vezes os mais solemnes disparates!

Da escóla de Leibnitz, sahio o

pezadissimo Wolfio definidor em capitulo de filosofia, define tudo, e tão embrulhadamente, que as definições pedem definições, e assim nos mette èm hum labyrintho donde he impossivel sahir. A essencia do ente, diz Wolfio, he formada pelas determinações essenciaes, que nenhuma outra essencia determina, e que nada presuppõe por onde se possa conceber sua existencia. Lembra-me que quando a primeira vez tal li fiquei tão azoinado, que me pareceo que escutava huma ode de estylo moderno, feita a huns annos. A' vista disto, todas as definições de Aristoteles me parecêrão mais claras que hum desengano, até a definição do movimento dada pelo mesmo Aristoteles. *Est actus Entis in potentia, quatenus in potentia.* Querem por força os homens metter-se onde os não chamão, e onde elles não podem entrar! Com mais tino andou por esta maninha charnéca o profundo Lock; e se em tudo não atinou, porque era homem, ao menos fez o grande serviço aos miólos humanos de destruir de huma

vez a infiada dos sylogismos, que tanto os faziião em agua; e assim como Newton deo cabo dos turbilhões, elle deo cabo das idéas innatas, outra quebra cabeça que tanto apoquentou o genero humano. Consolou-me este Lock, pois nelle vi hum homem constituido na dignidade de filosofo confessar ingenuamente sua ignorancia em algumas materias methafysicas. Coisa por certo bem estranha, e rara ouvir dizer a qualquer destes meus verbosissimos senhores. — eu ignoro a essencia da materia, e do espirito; e menos posso demonstrar se a essencia d'alma consiste na perenne cogitação.

SOLILOQUIO XIX.

Produz de seculos a seculos a natureza abalizados talentos, parece que em sua formação empenha todas as forças, e envida o resto, e com effeito vai pelo fio da duração pondo de espaço a espaço estes famaes

luminosissimos, que affugentem, e espanquem as sombras da ignorancia. Huma destas primeiras candeias accesas me parece, que foi Democrito; muito disse, e muito advinhou este grande homem! Pelos dispersos fragmentos recolhidos por Laercio, e Plutarco, conhecemos qual era a vastidão, e penetração do seu genio. Pendendo a perfeição da fysica, e da experiencia, a da astronomia dos oculos, não muito ha casualmente achados, este homem sem vidros, e sem maquinas, só com a força do genio, e teima da meditação tocou de perto tudo aquillo com que se honrão agora tanto os Cassini, Huyghens, e Brisson. Porém não sei, porque fatalidade anda sempre certa fraqueza unida a esses colossos da sabedoria humana. Democrito desembestou-se a dar taes gargalhadas a tudo quanto via, que tornando-se em habito o rizo até os rapazes o corrião como doido, e com razão os Abderitas levárão a Hyppocrates, este bocca aberta para lhe curar os miólos, pois parece que tinha perdido o bestunto, rindo-

se até de hum enterro. Talvez que isto esteja envolto em fabulas, pela sua muita antiguidade, e por isso não mereça muito crédito. Parece impossivel, que hum homem tão sensato como Democrito andasse sempre arreganhado; mas elle que via, senão objectos de rizo!

Em seculos muito mais para cá, acho destes prodigios: marquei sempre pela pinta a cinco, sobre que tenho meditado muito, e me parecem cinco legisladores em sciencia. O primeiro he hum Portuguez, que eu daqui bem longe vi já retratado ao natural. Pequeno do corpo, palido, e magro, olhos azues, testa espaçosa, nariz alto, bocca rasgada, e vestido todo de preto. He o vidraceiro Spinosa, que viveo de polir vidros retirado em huma casa junto a Haia, onde foi visitado pelo principe de Condé, e onde lhe regeitou hum quarto no seu palacio em París, como diz Colero na vida deste filosofo, onde diz mais, que a pezar de Atheo, ou mais depressa Pantheista, era homem de muita affabilidade, candu-

ra, frugalidade, e por extremo modesto só com seus amigos intimos, e filosofos, fallava em sciencias, na sociedade não era distrahido, manha de mathematicos, e genero de insulto que eu não tolero, pois quando fallo quero que me oução, e que me respondão, e hum homem merece mais attenção que o quadrado da hipothenusa. Spinosa fallava com os homens, e havia lá, onde estava seu retrato, tradicção, de que gostava muito de achar Portuguezes com quem se entretinha sobre coisas deste reino, donde seus pais o levárão muito pequenino naquella revolta, que obrigou á fugida o infeliz Gabriel, depois Uriel da Costa. Spinósa pois he hum dos espiritos mais profundos que tem apparecido na terra; he pena, que tendo tantas virtudes moráes, tanto desinteresse, désse na impiedade methafysica! Os outros quatro são o Inglez, e feio Hobbes, Newton, Pascal, e Seneca. Estes são sem contradicção os maiores talentos, eu assim o julgo, e o julgará quem os ler, e os poder bem entender, e

apreciar. Mas que descuidos dá a natureza! Spinosa trabalhava em oculos para ajuntar, e deixar com que se lhe fisesse hum enterro pomposo, como se vio pelos apontamentos, que deixou em casa do pintor onde morreo. Hobbes, o materialista Hobbes tinha medo de fantasmas, e não podia estar só, andava pela rua até ao meio dia, jantava, fumava mais de seis cachimbos de tabaco, e hia depois escrever até á noite, rodeado de cães, e dizia que tomára achar hum buraco por onde se escoasse para fóra deste mundo. Newton depois de assombrar o mundo com os principios mathematicos da filosofia natural, e o tratado da optica, onde expôz o engenhoso systema das côres, pôz-se a asnear com os commentarios do Apocalypse, onde diz que os gafanhotos negros, que sahírão do poço do abysmo, erão os padres da companhia, e os sebastianistas dizem que são os exercitos de Napoleão. Pascal depois de ir advinhando Euclides sem o vêr, depois das cartinhas do provinciano, em que fez bem o cabello á unha, aos

moralistas da companhia. Obra, que bastava para o immortalizar, entrou a dizer a quem o queria ouvir, que via sempre a par de si hum poço muito fundo, ficando-lhe o cerebro aterrado de huma tremenda quéda, que hia dando em París da ponte de S. Miguel abaixo. E Seneca aquelle Lucio Anneo Seneca, que em eloquencia, e filosofia deixou muito pela ré os Romanos todos, a pezar dos doces vicios que lhe acha o ralhador Quintiliano, Seneca que diz mais ás vezes em hum periodo, que o mesmissimo Montaigne em todo hum livro, ajuntava milhões para os deixar a Nero, que o mandou matar. Funesta mistura de demencia, com que parece que a natureza quer rebater a soberba, e elevacão, em que parece que devião estar tão abalizados engenhos. Muito fertil he, nestes humilhantes prodigios, o paiz das letras: por elle andárão dois homens os mais esterilmente sábios, que tem apparecido no mundo. Todos os admirárão e ninguem fez caso delles: hum vestio huma esfrangalhada roupeta jesuitica,

outro hum felpudo, e azeitado habito de capucho O primeiro foi João Harduino, e o segundo Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo: ora o primeiro mereceo grandes zumbaias, e applausos pelos commentarios de Plinio o naturalista, e no mais doîdo em letras, acarretando toda a erudição humana, inutil carga de infelizes miolos, desafiou sobre si universaes apupadas, quando quiz provar, que todos os authores, a que chamamos classicos Latinos, erão nomes suppostos, e as suas obras, effeitos do ocio das cellas dos frades Bentos do XI.º e XII.º seculo; e quando se lhe retrocava, que Virgilio, por exemplo, era citado por Santo Agostinho nos livros das confissões, dizia que os frades Bentos tinhão mettido essa passagem no texto do Santo Doutor para authorizarem o engano. O segundo, sendo o mais pasmoso poeta extemporaneo, que tem apparecido, mereceo a mesma mófa, quando chimpado em huma cadeira em Veneza, disse ao mundo inteiro — Eu sei tudo quanto ha, perguntem-me

lá o que quizerem. Que dois figurões estes na comedia literaria!

SOLILOQUIO XX.

Quasi todas as fadigas dos homens são vãs, e os seus resultados são de ordinaria afflicção de espirito, e tempo perdido. Quem dissera, que homens dados ás letras, e o que mais he, á contemplação da natureza, devião como fructos de longos, e porfiados estudos abraçar quimeras, e suar em busca de sombras? Que dó me fizerão sempre os chamados chimicos, e alquimistas! Passão a vida entre fornos accesos, e grande multidão de garrafas, frasquinhos, lambiques, e cadilhos, pobres, rotos, abrazados de fogo, tisnados de fumo, cobertos de ferrugem pingando em azeite! Ha maior miseria, que passarem huma noite sem dormir com os olhos pregados em huma redoma, esperando huma sublimação, ou precipitação? Ha coisa mais para fazer des-

esperar hum homem sizudo, que a estranha linguagem, ou giringonça de que os taes alquimistas se servem para se entenderem huns com os outros? Ao chumbo, chamão Saturno; ao estanho, Jupiter; ao ferro Marte; ao oiro, Sol; ao cobre, Venus; ao azogue, Mercurio; e á prata, chamão-lhe Lua; e a huma coisa, que lhe ficava no fundo dos lambiques, depois de fazerem varias senradas, e enfundices, ou barrelas, chamão-lhe cabeça morta, ou terra condemnada. Sempre esta gente foi explendida, e rica em palavras, e no de mais, pobre, abatida, e cobrando em fumo suas metalicas esperanças. Avultou entre esta gente com fantastica representação Raymundo Lullo, homem aliás de bons estudos; porém miseravel na esperança de fazer oiro, obra propria da natureza, em que consome seculos, não só he impossivel fazello; mas a pezar das decomposições chimicas, he muito dificil conhecer, e explicar sua formação ou nas entranhas da terra, ou onde quer que elle apparece. O mesmo se póde dizer dos

outros metaes. Quando conheceremos nós os diversos estados, por que tem passado nosso Planeta, e a sua materia constitutiva? Vejo no globo grandes, e bem expressos vestigios da agua, e do fogo, que dão lugar a muitas conjecturas, e por nenhuma dellas se explica bem a formação dos metaes. Os homens a opinarem sobre o estado primitivo do globo, e suas diversas catastrofes, parecem-me duas pulgas sobre os lombos de hum elefante, a disputarem sobre a grandeza, e movimentos, deste assalvajado animal. Fui doido eu algum tempo com o estudo da cosmologia, queimei as minhas pestanas com quantas theorias da terra se tem escripto desde Brunetto, e Whiston, até La Mettrie; mas já me curei, já estou desenganado, fóra com estas quebras cabeças. Muito faz o homem em se estudar a si mesmo, e só para isto lhe foi dado algum bestunto. Os pobres alquimistas para fazer oiro, consumião o pouco que tinhão; e depois de andarem toda a sua vida com caras de ferreiros, conhecião que heim-

possivel fazer passar os metaes de humas especies para outras.

Esta raça emendou-se alguma coisa; mas produzio as dos puros chimicos, que teimosos na indagação dos elementos dos corpos, mettêrão tudo a ferro, e a fogo, assentando, que os corpos, que se compunhão daquillo mesmo, que o fogo deixava; e aturdírão o mundo com alcalis volantes, fixos, oxigenios, azotes, gazes, e outras coisas mais de que se forão compondo as mixorofadas, que desde que nasci, até agora que conto 45 annos, ainda me não entrárão pela bocca, nem entrarão em quanto eu tiver o lume no olho. Mas, em fim, com estas chimicas, que os chimicos tem feito, se descubrîrão algumas verdades em fysica, que applicadas, como todas devião ser, a navegar, e a semear (unica sciencia, que dá immediatamente o pão para a boca) trarião fartura ao mundo, e pouca soberba, e fumo ás cabeças dos literatos. Entre os chimicos existio Boerhaave, que no meio dos deputados da morte, foi menos assas-

sino, e recitador: as mortes que fez, lhe devião ser perdoadas, em attenção aos aforismos, e ao admiravel tratado do fogo: depois delle occupão hum lugar muito distincto; Lavoisier, La Marck; Vic d'Azir; mas confesso, que vendo-os ao pé das retortas, e monstruosos lambiques, fugiria mais delles, do que me escondi dos Francezes, quando se pozerão de murrão acceso com inaudita pouca vergonha, junto ás peças no rocio. Quem não se assustaria, sentindo debaixo dos pés tremer a terra com a experiencia, que se pôz a fazer o besuntado, e tisnado Lemery? Quiz imitar huma errupção volcanica, precedida de hum tremor, como se não bastassem para nos fazer arripiar o cabello os que temos sentido, e aquelle com que nos convidou a mestra terra a 6 de Junho do anno passado, que me fez interromper a minha deliciosa, e quasi contínua occupação de dormir. Tomou 25 libras de enxofre pulverizado, e outras tantas de limalha de ferro; e amançando tudo isto em agua salgada; fez hum bolo (que elle devia co-

mer,) e tendo preparada no chão huma cova de pé e meio de profundidade, deixou aboborar o guizado por nove horas: eis senão quando começa a vêr-se, e a sentir-se hum fumo espesso, e hum fortum intoleravel; e com tremor não pequeno rompêrão depois ao ar azuladas, e medonhas labaredas. Eu julgo, que a respeito de terremotos, o melhor he não conhecer a causa, nem sentir os effeitos.

Fóra com as taes experiencias chimicas! Por amor dellas, foi hum frade em corpo, e alma pelos ares, sahindo da bocca de hum enorme almofariz: foi Bartholomeu Schwartz, ou Bartholomeu Negro, que em lugar de pizar adubos para a cozinha do convento, não sei para que fricassé, se pôz a pizar enxofre, salitre, e carvão de vides, descuidou-se da candeia, e hum pequeno murrão, fez desapparecer o reverendo padre, deixando-nos o grande achado da polvora, para dar cabo, como se não bastassem os medicos, da metade do genero humano. Não ha hum domiciano, que os penha fóra

do mundo, assim como este calvo Nero pôz os cozinheiros todos fóra de Roma.

Mas, em fim, os chimicos extremes não me mettem tanto pavor, e medo como os mais simplices boticarios: tem-me succedido passar pela porta de algumas boticas, e reflectir depois, que dei hum salto inadvertidamente só por hum movimento machinal, ouvindo dentro as fataes, e agoreiras pancadas da mão do almofariz, mais medonhas, que o estampido da artilharia grossa.

SOLILOQUIO XXI.

Ainda que eu não seja hum poeta como Horacio, com tudo entre o seu caracter, e o meu, descobrí sempre huma analogia, que faria dizer a hum Pythagorico que houvera transmigração; entre muitas destas relações de semelhança, não tem hum lugar muito inferior, a contínua fluctuação de humas para outras opiniões em materia

de filosofia, que he campo livre, espaçoso, descoberto, e dilatado. Humas vezes sigo os academicos, ventilando todas as opiniões, e conservando-me em justo equilibrio, sem pender para nenhuma dellas: outras vezes, namorado, e embuido dos escritos de Seneca, e seus imitadores, glozadores, e entre outros o respeitavel varão Justo Lipsio, me determino a abraçar a filosofia de Zeno, e transformar-me pelo estoicismo em huma pedra, insensivel ás alternativas das coisas humanas: outras vezes dou comigo de passeio até aos jardins de Epicuro e julgo-me feliz com pão, hortaliça, e agua bem clara, e fresca. Mas em fim envergonhado de continuas diversões, he preciso que eu me aliste fixamente debaixo de algumas bandeiras. Li outro dia em Minucio Felix, author acreditado, que a filosofia pirronica era hum grande escudo contra a ignorancia, e hum emprego glorioso para os literatos. *Hoc genere philosophari, et caute indocti possunt, et docti gloriose. Cap.* 30. Ora pois he preciso saber, que pirronismo

convenha a hum homem, que respeita a relegião, e que não he tão fanatico, e cabeçudo, que duvide da existencia do movimento, e até da existencia dos corpos. O pirronismo na religião he huma manifesta impiedade; e na filosofia, he huma rematada loucura, e desafia ás pedradas dos rapazes, e ás apupadas de todo o genero humano. Com tudo isto eu juro ser pirronico, e o maior dos teimosos entre os maiores pirronicos do mundo novo, e do mundo velho. Que pirronismo he pois este, que eu *tão* religiosamente sigo, e seguirei em quanto conservar o lume no olho? He hum pirronismo, que não offende, nem a razão, nem a fé. He hum pirronismo politico com o qual se caminha alguma coisa direito para a felicidade. Este pirronismo, longe de me ser ensinado por algum filosofo, me foi inspirado por hum poeta satyrico, qual he o honrado Juvenal. *Fronti nulla fides.* Nada de crêr em apparencias, de engolir carapetões, e pirulas do diametro de huma bala de 48. O mundo he hum abysmo de erros, hum in-

trincado laberintho de fraudulentas apparencias, quem mais nelle se envolve, mais desencaminhado, e perdido se descobre. Não ha no mundo felicidade alguma, e se alguma ha, se aquelles a gozão, que vivem no mundo, como se delle vivessem divididos, e separados, ora eis-aqui onde eu embirro com os pés, com as mãos, até com os dentes, se fôr preciso, que para viver no mundo, como se existissemos fóra do mesmo mundo, he preciso duvidar pirronicamente de todas as apparencias humanas, e, ou não acreditar nada do que se vê, ou acreditar o contrario do que se vê. Os Francezes são huma admiravel próva, e seguro apoio do meu pirronismo novo. Ha oito mezes que nos estão a roubar, e a prometter futuros brilhantes, felicidades, e vantagens, que hão de descer do concavo da lua, resurreição de Luiz de Camões. Todas as esquinas estão forradas de papel, e todas mentem, e he preciso, ou não acreditar o que ellas dizem, ou acreditar o contrario do que ellas dizem. No meio da tempestade dos vi-

cios humanos, e no seculo, em que a arte dominante he a da impostura, não tenho outra taboa, em que me salvar, senão a do pirronismo. Eu tomarei sempre as coisas ás avessas do que apparecem exteriormente, e desta arte eu viverei felizmente entre os homens, por malvados que sejão, e ainda que sejão Francezes, ou entre os medicos do partido Francez. Se encontrar algum daquelles homens turbidos, esbafuridos sempre, que não tem outra coisa na bocca mais do que negocios de alta ponderação, occupações de importancia, intrigas politicas de grandissima consequencia, fingindo não se poder demorar muito comigo, porque tem entre mãos gravissimas dependencias do fôro, e sobre os hombros todo o estado em pezo; se o ouvir discorrer com palavras que venhão huma a huma, tão compassadas como gotas de lambique, se me fallar com as sobrancelhas muito arqueadas, e com hum tom de oraculo, creia-o quem quizer, e tenha-o o mundo inteiro por hum homem de importancia. Eu sou pirronico, a na-

da do que disser darei crédito, e te-lo-hei, quando muito por hum odre cheio de vento, por hum estolido, e de geração azinina, por hum ocioso, ou por hum medico impostor. Virá outro, que semelhante ao soldado bazofia na comedia de Planto, arrote assedios, acampamentos, batalhas, appresente quatro punhadas em cima do bofete de hum botequim do rocío, e clame, que susteve a passagem dos inimigos na ponte de Serete, ou na ponte de Lodi, ou na ponte de Alcantra, ou na ponte que quizer; tenhão-no embora, por hum Hercules Farnesio, eu sou pirronico, ou nada lhe acreditarei, ou direi cá com os meus botões, este rodamonte he mais vil, mais poltrão, e mais cobarde, que o Tercites de Homero.

O ceo me guarde de me encontrar com algum daquelles poetas, que não ha pedra que não movão para darem a conhecer, que existem no mundo. Se a minha infelicidade fôr tão grande, e tão adversa a minha estrella, que esbarre com algum (pois não sabe o homem para que se levan-

ta da sua cama) terei à paciencia de soffrer huma tempestade de epygrammas, de sonetos, de odes, de imitações, de traducções, etc. Dir-me-ha elle (que todos são descarados,) que as suas composições alcançárão hum applauso universal na Republica das letras; eu sou pirronico, e direi cá entre mim: o vate he huma gallinha, que por ter posto hum ovo, amotina a vizinhança toda a cocorejar. Parirão os montes nascerá hum rato.

Quando eu vir algumas destas refinadissimas ociosas, que se dão á devoção por divertimento, que debaixo do manto da hypocrisia são capazes de beber o sangue a quem lhe fizer huma inadvertida desattenção, alguma daquellas de quem disse o discréto, e sublime Ganganelli, que são muito devotas para perdoar, que engolem agua benta, e padre nosso, deixando as casas ao desamparo, os filhos a berrar, e o marido sem huns fundilhos nos calções, ou as de alta gerarquia, que se fazem licitos quantos passeios, e sahidas querem,

a titulo de ouvir os missionarios: chame-lhe quem quizer santas, que eu sou pirronico, e direi, que na occasião serão Messalinas, e Agrippinas. Se vir algum daquelles grandes cumprimenteiros, sempre de caixa na mão, muito officiosos, e promptos. Diga lá quem quizer que são homens de bellas maneiras, sou pirronico, e direi que são outros tantos Diogenes sahidos da tina, com a lanterna na mão, não para buscar hum homem, mas para farejar hum jantar, huma ceia, e as mais das vezes, algum dinheiro. A este pirronismo devo eu parte da minha felicidade; não creio em apparencias, porque o longo uso do mundo me tem feito conhecer, que o que se faz surdo he hum espia; quem sempre se ri, quer enganar-me; quem murmura dos outros falla de si mesmo; quem mais razões allega, menos tem; quem faz muito bem fóra de tempo, faz mal.

Assim vivo tranquillo no mundo, usando bem desta filosofia a que chamo pirronismo civil, para o distinguir do theologico, e filosofico: esta será a

escóla em que já agora me demorarei até ao fim da minha vida, e vá Zeno abrir escóla em huma charneca, e ensinar filosofia aos sovereiros, e carvalhos; para viver tranquillo não he preciso ser insensivel, basta ser pirronico.

SOLILOQUIO XXII.

Bem lembrado estou eu de ter consumido algum tempo no estudo, de huma questão tão inutil como quasi todas, as que me fizerão os miolos em agua, sem outro proveito mais que ficar com a bocca aberta; e mais ignorante do que antes era: convém a saber: se no mundo existírão gigantes, e existírão pigmeos? Que thesoiros de erudição eu ouvi prodigar a mestraços respeitaveis, ora para provar, ora para negar a existencia destas duas raças. Longas disertações tem apparecido para provar, que houve nações inteiras de gigantes, e Calmet prova a gigantesca progenie com

o leito de ferro de Og, rei de Basan, que tinha huns poucos de covados de comprimento. Que monstruoso gigante será aquelle pecunioso tratante, cujo palacio tem mais giro, que as muralhas de Thebas, com porticos tão altos, que passará por elles sem se inclinar o altissimo guindaste da fundição, salas mais vastas que o campo Formio, e mais cheias de tapessarias que huma caravana de Meca? E tantos leitos imperiaes, em tanto número, e tão vasta extensão, que os colxões só pela muita lã, que escondem, tem feito subir de preço excessivamente os pannos superfinos de Inglaterra? Mas, em fim, não he precisa a sagrada authoridade da Escritura, para provar que existírão, e que existem gigantes; não he preciso o testemunho da historia sobre o cadaver de Anteo, mostrado a Sertorio, que tinha 60 covados bem medidos, nem as mentiras dos viajantes sobre a enorme estatura dos Pantagões, descubertos por Magalhães. Eu provo com o actual testemunho dos olhos que existem, e vivem en-

tre nós, gigantes e pigmeos aos cardumes, e se não tomára que me dissessem, se não he hum gigante desmedido, aquelle nobre minorista, que com a ordem de Ostiario só, já galga com a cabeça as muralhas de Roma, as do Capitolio, as do Vaticano, e abóca hum Bispado, mal sahindo dos coeiros, e revolve na mente alta a posse da thiára, como coisa devida ao seu natal, e merecimento! E não será hum gigante aquelle homem, que estende as orelhas desde o occidente até ao oriente, e pesca em hum instante os mais reconditos segredos de todos os gabinetes do mundo para os arrotar em huma sociedade?

Se Hercules passava por hum gigante, porque a cada jantar mamava hum boi inteiro, porque não serão gigantes aquelles, que entre nós, devorão, em hum banquete de annos, inteiros rebanhos, e lhe bebem em cima toda huma vindíma do alto Doiro, e Madeira; que consomem em o circulo de hum anno, quanto bastaria para sustentar huma provincia, na carreira de hum seculo? Não he hu-

ma giganta maior que a Amiota guardadora da ponte de Montible aquella regalona, em cujo estomago se descoalhão até os diamantes, que trouxe em dote de casa do pai negociante, dando cabo em hum mez de cem mil cruzados de joias em banquetadas, e modas? E dizem que não ha gigantes? Pois que he isto, senão colossos de desmedida altura? Comia acaso mais o gigante voraz, que nos logrou no salitre? Gigantes existentes entre nós são todos aquelles, que dão passos mais longos que as pernas, e que nós vemos de improviso subir da terrea estancia de huma sacristia ao pinaculo mais elevado do templo; do escritorio de hum particular ao erario de huma nação; de huma gurita de páo, ao commando de hum exercito; de escreventes de hum tabalião a huma secretaria de estado; da estupidez de pedante a presumpção de hum mestre laureado. E não ouvimos nós queixar-se da dureza insoffrivel de hum colchão de pennas aquella actriz arrogante, que poucos annos ha talvez dormisse nas escarnadas ta-

boas de huma tarimba? Não vemos nós fazer cara a duas peças aquelle musico, que poucos mezes antes cantarià por quatro vintens em tom burrical toda a Iliada de Homéro?

Não me quero já lembrar daquelles temerarios gigantes, que pondo o monte Pelion sobre o Ossa tentárão dar huma escalada ao ceo. Se isto he huma fabula como as outras de Ovidio Nazão, não temos entre nós a realidade desta gigantesca prole? Que coisa são tantos estudantinhos enlambuzados em Helvicio, e Mirabeau, tantos medicos enterradores, que com dez réis de anatomia, e pouco mais de botanica, já sobem ás nuvens, mettendo a natureza debaixo dos pês, querendo banir do mundo a providencia, e entregar ao acaso o governo do mesmo mundo? Ah! E quanta razão tinha Diogenes de buscar entre tantos monstros de affectada grandeza, hum homem de ordinaria estatura! Não me admiro de o não encontrar, ha muito tempo que se perdeo a raça da estatura mediana, fugindo dos gigantes embicava só em pigmeos,

que não era tambem o que elle buscava.

Ora assim como actualmente existem gigantes entre nós, tambem existem pigmeos. Não he preciso que o diga Plinio, Pomponio Mela, e antes delles Aristoteles. Não he preciso que o diga Gulliver, que tão longe foi dar com elles, expondo-se aos perigos de huma viagem dilatada. Nós os vemos com os nossos olhos, cada cidade da Europa está cheia delles, nem a sua pequenhez póde illudir huma vista, que seja hum pouco filosofica, e penetrante. Aquelle homem cheio de letras, até quatro, e cinco covados acima da cabeça, mas sem protecção, e sem adherencia, he hum verdadeiro pigmeo; são pigmeos na sociedade aquella dama de espirito egregio, mas de idade avançada, vestidos não ricos, e feições hum pouco vulgares; aquelle cavalheiro, que he de sangue tão puro, que podia merecer a ordem da jarreteira, mas que não tem nenhum real na algibeira; aquelle official animoso, e bravo como Lopo Barriga, mas que he

intollerante, e que não tem paxorra para passear huma manhã inteira na antecamera de hum ministro ainda que seja La Cepede, ou Champagni, aquelle medico intisicado sobre os livros, mas que não sei porque desgraça não póde ainda dar cabo de huma febre illustrissima, ou de huma excellentissima dysenteria. E tantas mulheres de negociantes não matriculados, que querem affectar de senhoras nos vestidos, nos cortejos, nas partidas, e nos divertimentos, não são semelhantes áquelles pigmeos, que saltárão dentro da caixa de Gulliver cheia de bom esturrinho, que á força de espirrar arrebentárão. Tantos meninos, sem serem desses cem, que hoje disse a gazeta saltárão na praia de Nazarét, que querem hombrear com os grandes, não se parecem com os pigmeos dos versos de Homero, que fazem guerra ás gralhas; porque tendo os grandes mais logo o pescoço, do que elles tem as pernas, he força que fiquem engolidos, depois de ficarem envergonhados. Quantos poetas, e escritores das

duzias inchados por terem estampado dez meias folhas de papel mais faltas de sizo commum, que huma proclamação Franceza, a quem se mette em cabeça dar leis á República literaria, se fazem semelhantes áquelles pigmeos, que querião prender Gulliver, cuja authoridade foi a terra com hum assopro, indo seus maravilhosos volumes embrulhar marmellada em hum confeiteiro! De huma vista de olhos aos theatros, onde tantas bellezas da primeira magnitude, resplandecem menos, que huma dançarína, e que huma actriz, tirada da loja de hum çapateiro. Frequente algumas companhias, onde talentos os mais eminentes do mundo são menos vistos, e observados, que huma meretriz insolente, que arroja cambraias, e carrega os dedos de diamantes. Digão agora, que não ha gigantes, nem pigmeos: ha huma, e outra coisa, e muito no meio de nós.

SOLILOQUIO XXIII.

Muitas vezes me tem dito pessoas graves, e circumspectas, olhando para os poucos cómmodos da minha situação, nascidos daquella apathica indifferença com que olho para o mundo como para hum aggregado de destemperos, e para a morte como para hum golpe irreparavel de que nem a corôa de Buonaparte tecida de loiros, e de C... está isenta, que buscasse a minha fortuna, lisonjeando, e servindo os grandes. Isto me tem feito mil vezes perder a apathia natural, e entrar em furor, e responder com as palavras do meu bom amigo Juvenal a Posthumo, que destinava casar-se. Ah Posthumo, faltavão-te acaso cordas com que te pendurares pelo pescoço? Faltavão-te janellas de setimo andar, donde te baldeasses no meio da rua? Cahírão já acaso os arcos das aguas livres para fazeres huma cabriola delles abaixo? Ah!

Posthumo, que Thesifone te fustiga com as assanhadas cobras? Eis aqui o que eu tenho dito aos meus aconselhadores, quando compadecidos de meu pouco vulto, e condemnado pela fortuna a ser orador alugado, me aconselhão a lisonja, e o serviço aos grandes para o meu chimerico avançamento. Pois eu, homem honrado, com a minha tal, qual casaca vestida, vestir-me-hia de arrelequim de cem côres, e de mil pedaços para não poder deixar a tal opa, nem em dias festivos, nem feriaes sempre sujeita ao aviltamento, ao desprezo, ás rizadas? Não ha outra differença entre este vestido, e o de hum protegido, mais do que ser a do arrelequim talhado por hum alfaiate plebeo, e o do protegido por hum grande senhor: mas ambos na essencia são semelhantes, sendo ambos de retalhos roubados de vestidos alheios, ambos de pouca duração, porque tem mais costuras que bocados, ambos sujeitos ao incommodo de reduzir a quem os traz a fazer em público as varias, e diversas extravagancias, e figuras alter-

nadas de caturra, de terceiro, sem ser de algumas das edificantes ordens approvadas, de adulador, de espia, de poltrão, de parasyto, de bravo, de criado, e as mais das vezes de jumento. Antes andar embrulhado em huma rede no pino do inverno, que vestir esta libré. As escadas de hum grande são para mim mais pezadas, e trabalhosas, que as de hum patibulo, e o seu pão mais amargo, duro, e salgado que o proprio tridente de Neptuno.

Eu fui algum dia idolatra dos escritos de Seneca, e em algumas circumstancias da minha vida me foi preciso escudar-me com o estoícismo contra os vaivens violentissimos da mais adversa fortuna; e daria agora huma bofetada na cara dos meus antigos, e mais accreditados mestres, se eu me resolvesse aos 45 annos de idade a fazer a corte aos grandes: protestava Zeno, que antes se deixaria crucificar, que entregar-se ao favor, e proteção de Antigono, e nunca pudérão acabar com Diogenes, que se sugeitasse a Dionyzio, e com Stilpon

que lisongeasse Ptolomeo. E Epicuro sendo o menos escrupuloso dos filosofos, descompôz o cortezão Timocrates, que lhe persuadia a vida da côrte, e sem me embrulhar agora nas barafundas de Diogenes Laercio (bom livro na verdade) não me basta a quotidiana experiencia, as vicicitudes, e os eclipses politicos de todas as côrtes? Ha huma cadeia de grandes, que se vai alongando até aos mais pequenos, estes linsongeão, e servem os que lhe ficão hum furo mais acima, e assim progressivamente até aos ultimos furos; mas ás vezes succede a todos o que succede ás cartas de jogar nas mãos dos rapazes, alção, e sustem humas nas outras, e depois de alçadas conservão-se no ponto do mutuo arrimo, eis que o rapaz endiabrado dá hum piparote na primeira, todas até á ultima ficão de pernas ao ar. Quem não terá visto dar hum cambapé a hum primeiro ministro? Esta era a primeira carta, e de repente toda a enfiáda dos parasytos, de lisongeiros, de dependentes, de servidores até ao soberbo,

e arriminado guarda portão, e insolente bolieiro, ficão de queixo cahido, e desertão para se esquivarem aos sarcasmos, e assobios do povo.

E que hei de eu fazer em casa de hum grande, se eu sou mesmo hum retrato, tirado por huma penna de meu padrinho Juvenal. Eu não sei mentir, se hum livro he máo, se hum escrito, ou hum parecer he huma parvoice, nem o sei louvar, nem pedir emprestado para o copiar; não sou astrologo, que prometta futuros brilhantes, nem quero, nem posso prometter ao filho-familias a morte de seu pai. Ah! Se os homens tivessem observado, ou pelo ministerio dos olhos, ou pela aturada leitura, o que he huma côrte, verião coisas capazes de fazerem convulsões ao mesmo Neptuno do Loreto, ainda que de pedra! Cabeças muito bem organizadas, e muito capazes de governar huma provincia, condemnadas a fazer número entre a estupida chusma entulhadora de huma antecamara; verião hum destinado a fazer officio de hum prégo, fixo, e immovel,

com hum reposteiro levantado na mão, outro empregado no officio de hum fuso, sempre em giro, de huma sala para outra, sempre acima, sempre abaixo pelas escadas, cópia natural de hum corropio. Hum atormenta hum cavallo para o tornar docil ao freio, de quem he mais besta que o mesmo cavallo. Outro sua, e annela á ilharga de huma meza, para assignalar-se, e destinguir-se entre os outros, deixando de hum golpe só, feito em quartos geometricamente hum capão. Parece-me, que vejo esta brigada de parasytos, aduladores, caturras mettidos todos na caixa do loto, pendendo do capricho alheio para serem tirados por sorte a todas as horas do dia, para representar cada hum a sua personagem. He preciso ser nestas casas outros tantos espelhos concavos, que representão todas as coisas ás avessas; he preciso dar o nome de justiça á oppressão dos pobres; de galantaria á dissolução mais vil; de engenhosa agudeza á satyra mais mordaz; de nobreza sentimental a mais tyrannica prepotencia; de capri-

cho á brutalidade; de economia á avareza; de politica á mais descarada ignorancia. Não basta abaixar-se aos ministerios os mais vís, he preciso nestas casas, servir aos mesmos servos, satisfazendo servilmente sua vontade sob pena de expor-se ás suas maledicencias, detracções, e imposturas. Estes se me hão de dar de beber, fingem não ouvir-me, até que eu berre com hum tom de voz capaz de levantar as pedras das sepulturas; se me hão de dar pão, o fazem com o mesmo garbo com que me atirarião huma pedrada. Estou pelo dito de Seneca, que antepunha a forca a servidão semelhante. He melhor, a forca que servir a certos servidores, que quando chegão a figurar de amos, são mais abominaveis, e insupportaveis que todos os algozes de Robespierre. Mas que ha de fazer hum homem, que não tem que jantar? Eu responderei com toda a sublimidade de Corneille. *Qu'il mourut*—*morrer*. He isto mais doce que aspirar ao favor dos potentados, dos pecuniosos, dos empregados, pois para o conseguir he

preciso começar, não só pelos seus criados, mas pelos cavallos, pelos cães, pelos gatos, e até pelos burros, se os houver em casa.

Ninguem póde negar, que ha neste reino grandes discretos, humanos, racionaveis, beneficos, affaveis com quem os serve, e honra; mas póde haver alguns, que não estão embuidos de outros conhecimentos desde meninos, mais do que da lembrança que nascêrão grandes no mundo, sem jámais perceberem em que deva consistir a verdadeira grandeza. Sahem da escóla de hum mestre mercenario, com o grande capital de crerem, que está escrito em Arabe hum livro, que he Latino, e escrevendo seu nome com huns caracteres á Gotica, que farião suar os mais experimentados copistas da Torre do Tombo. Crescendo entre delicias, crapula, ocio, moleza, e jogo, não he de admirar, se não tendo no coração as sementes de huma boa moral desenvolvidas pela educação, que sejão brutaes em seus appetites, incapazes de freio em seus transportes, e mais

dobradiços, que huma cera ao sopro de alheia persuação; mais porosos, que as esponjas para sorver sem difficuldade todo o fel da maledicencia, todo o ácido da inveja, e o mais pestifero veneno da aduladora, e cortezã perfidia. Não são menos faceis ao amor que ao odio: amão, e aborrecem a huma mesma pessoa com pouca differença de tempo, sem saber porque. Se tem consideração, e respeito a alguem, he só áquelle que nas occasiões he capaz de o não ter por elle. Grandes consuadas, grandes amendoas destas idéas me dá meu padrinho Juvenal! He amavel a Verres, quem no tempo em que lhe der na cabeça possa accusar a Verres. Conta hum pouco aquelle homem de bem com a protecção antiquissima de hum destes figurões, que o chama creatura sua, como se Deos tivesse repartido com elle sua creadora Omnipotencia; tem o mesquinho gasto os degráos da escada em lhe subir, e descer semanas e semanas, esperando o momento oportuno de lhe apprésentar huma súpplica, alcança-o, em

fim,, á força de rogos ao mais confidente domestico, passeia inteiras manhãs de maio por aquella mysteriosa antecamara, esperando a introducção ao oraculo: são finalmente escutados seus votos, e julga-se recambia-lo bastantemente recompensado, com aquellas enfaticas palavras da rotina —Eu verei, torne por cá, farei a diligencia que são synonymos do nada, e que desde o diluvio até agora, ainda não tiverão conclusão alguma. Quando hum homem de talento, e letras lhes faz assignalados serviços, a ponto de os fazer brilhar em huma enviatura, se chega a occasião de o recompensar, tirão das bochechas todo o rubor da ingratidão com o premeditado pretexto de que são indignos do seu valimento, porque lhe tem sido ingrato! E haverá paciencia neste mundo que ature os Francezes, queixarem-se de injustas invasões? Ou póde-se soffrer que o Loyson accuse o de La Borde de ladrão?

Miseravel condição por certo a de quem está obrigado a fazer a corte a gente deste caracter! Gente que

julga fazer bem, quando não quer fazer mal; e avaliando a pezo de oiro a sua hipothetica protecção, persuade-se, que não só os amigos, os domesticos, mas os mercadores, e officiaes se devão dar por muito satisfeitos, e pagos desta protecção. Muitas vezes he melhor ser lacaio de hum comico, ou de huma dançarina, (continuão as idéas de meu padrinho,) que são mais authorizados, e mais cordialmente se interessão na fortuna de seus meretissimos criados. O que te não dão os grandes, te dará hum histrião. Para que vais gastar as pedras dos grandes átrios dos palacios dos Camerinos, e dos Baréas! Tu não vez, que a actriz Pelopéa está dando patentes de governadores, e que a cantarina Filomela faz a promoção de tribunos para as legiões?

SOLILOQUIO XXIV.

Antes que as impervistas tyrannias, e oppressões da tyrannica inquisição de La Garde me fizessem esconder, e passear apenas a furto em dias de semana por estes solitarios olivaes da penha, separado da sociedade dos homens, e obrigado a fallar só comigo, nenhuma palavra me martelava mais frequentemente nos ouvidos, que a palavra — merecimento — F. he hum homem de merecimento, tem merecimento, e esta palavra tantas vezes, e a todas as horas do dia repetida, me fazia andar com a cabeça á roda em busca da idéa a que ella correspondesse. Ha muito que eu estava persuadido, que as pessoas de verdadeiro merito, talento, e engenho tinhão desertado deste mundo, e que se havião refugiado na Republica de Platão, que não andavão já cá pela terra.

A pezar disto, ainda que o verda-

deiro merecimento seja coisa mais rara no mundo, creio, que não ha hum só individuo, que se não julgue bem surtido desta fazenda: parece que ha huma especie de tacita convenção entre os homens para se perdoarem mutuamente esta parvoice. O proprio interesse tem por maxima fundamental não negar aos outros aquelles favores, que delles tambem se pertendem receber. Eu sempre me persuadi, que este verdadeiro, e sólido merecimento devia ser hum merecimento natural, que seja verdadeiramente nosso, não tomado por emprestimo, nem affectado pela arte, porque ainda que se possa adquirir pelo estado, e até pela educação, nunca he tão verdadeiro, e tão perfeito, que possa emparelhar com a natureza.

Não ha coisa mais frequente no mundo, que vêr huma caterva de pessoas revestidas de hum merecimento, que lhes não he proprio, mas parece alugado como vestidos de opera para huma encamizada. Apparecem muitos respeitados por todos,

admittidos á porfia nas conversações, e sociedades mais estimaveis, e até mesmo nas companhias literarias, promovidos ás mais respeitaveis dignidades, são pessoas de merecimento, diz o mundo, de merecimento (lhe tornarei eu, se algum dia continuar a fallar com os homens) mas de merecimento tomado a razão de juro aos seus famosos avoengos. Tirai-lhe dos palacios aquellas estatuas meias carunchosas, e carcomidas, que assombrão seus porticos; tirai-lhes das paredes das salas aquelles empoeirados, e affumados retratos feitos por Bento Coelho, ou por Amaro do Valle que tem seculos de idade; pespegai duas pincelladas de boa cal sobre aquelles timbres, genealogias, e inscripções, com que estão rabiscadas a cada palmo todas as paredes, veremos então o que lhes resta de proprio para decidirmos se são pessoas de merecimento. Dados á gula, e ao somno, perdido no odio, fanaticos pelo jogo, descortezes, esbardes, promettedores enganosos, nem e nome sabem ao verdadeiro merecim

mento, nem ao menos enganar o mundo com a sua apparencia.

Quantas senhoraças via eu lá por esse mundo, cheias de ouro, mal descobrindo as mãos entre os reverberos dos diamantes, cortejadas de huma turba immensa de adoradores, fazendo torcer todos os pescoços de huma tumultuosa platéa para o camarote, onde se dignavão expôr ás vistas, e aos votos de hum público idolatra. São senhorias de merecimento, diz o vulgo. São de merecimento, lhe torno eu, mas emprestado; quantos crédores tem huma destas. A carruagem, o marido, a quinta, os anneis, as cambraias, os cabeleireiros, e quantas borundangas mandão para este ditoso reino Londres, e París: eis-aqui os crédores que emprestão merecimento á senhora. Tirando-lhe os arreios ricos, o leque, a ganforina, a crespa golilha reproductora de modas sebastianistas; não alinhavará quatro palavras juntas, que não diga dez despropositos. Tire-se a outra o nobre, e rico consorte, achar-se-hão nella os villissimos sentimentos de hu-

ma revendona da praça, e de huma alma mais abjecta, que o lodo, de que tira a sua hoje preconizada extracção. Se áquell'outra faltar, daqui a dois dias o trafico da juventude, que lhe fica, se não hum capital capaz de surtir de materiaes huma fabrica de leques, ossos, pelles, e côres.

Pequenas coisas são estas para materia de Soliloquios de hum homem tão zangado como eu com as imposturas deste seculo! Parece, que o verdadeiro merecimento consiste em ser sufficientemente provido de engenho, e de talento, pela natureza, ou pela arte. O engenho, e o talento não são indignos da admiração dos homens; mas nem hum, nem outros, contemplando-os separados de outras qualidades, tem feito até agora grande matinada, ou motim no mundo; e em quanto cá o meu fraco bestunto, não constituem senão metade do merecimento. Ainda que seja grande a distancia, que entre duas pessoas ponha o nascimento, a graduação, a riqueza, e a fortuna, eu creio que a

verdadeira desigualdade, a pezar de todos os sofismas de Jaques, he constituida pelo entendimento. Só elle dá ao homem sobre outro homem huma superioridade sem par. Se hum cégo, hum mudo, hum estropiado, se diz que he meio homem, porque não exercita senão por metade as funções dos sentidos, que se deve dizer de tantos, e mais tantos, que quando opinão, quando discorrem, se mostrão tão espirituosos como o sino grande da Sé?

Quem olhasse para alguns com os olhos filosoficos, e satyricos de Esopo, exclamaria com elle: — Que bella cabeça, mas não tem miolo, só nella se encontra aquelle vacuo que os filosofos julgárão impossivel. Quantas vezes huma bella apparencia exterior vos rouba a vista de hum mentecapto! Hum modesto, e artificioso silencio não nos deixa lombrigar a estupidez de huma besta. Está repimpado em huma conversação cultissima hum daquelles literatos da moda, literatos só de nome, ei-lo com as pernas estiradas huma sobre a outra, com a testa crespa, ou enrugada, com

os sobreolhos arqueados; se ha mesa ao pé, encosta o cotovello, e descança a ponta da barba na mão direita. Quem assim o vir, o tomará por hum Platão, que lança ao ar os fundamentos de huma imaginaria Republica. Se he cumprimentado por algum dos entrantes, saúda-o em meio ar. Se he interrogado, não responde, ou larga duas palavras por hora com verdadeiro tom de oraculo. Pedindo-se-lhe finalmente que decida com o seu respeitavel parecer huma questão proposta, e ventilada já entre os da sessão, responde, que lha repitão, porque estivera absorvido na meditação de hum recado, que o grande Napoleão mandára ao senado conservador com a remessa das bandeiras, tomadas aos rebeldes em Portugal na sanguinosa acção do sitio da Ameixoeira: repete-se-lhe a questão, que para-se o homem para a resposta, esfregando trez, e mais vezes a franzida testa, todas as ceremonias preliminares são de hum homem de engenho: vamos aos seus sentimentos. Trata-se huma questão de antiga mi

moderna historia, dirá que os Gregos forão batidos em Troia, que Penelope era huma meretriz, porá o Eufrates na Europa, o Nilo na America, que Buonaparte fez fugir Smith em S. João de Acre, isso lhe ouvi eu affirmar. Que original perdeo em ti o grande Moliere!

Trata-se de antiga, ou moderna filosofia. Confundirá Socrates com Epicuro, Democrito com Heraclito, Aristoteles com Platão. Achará grandes erros na optica de Newton, sobre o systema das côres, não se dará por satisfeito com o cálculo differencial de Leibnitz. A Sociedade real de Londres lhe deverá huma grande parte das suas locubrações, e até dirá que o seu nome tem dado voga ás transacções filosoficas. Que homem de merecimento seria reputado este mentecapto, se continuasse a emudecer! Mas elle entende a coisa ás avéssas, porque o engenho de hoje consiste: primò, em entulhar cafés, tratar de politica como hum arraes de agua acima trata de metafysica: secundò, fallar sempre, fallar alto, e fallar atra-

vidamente de tudo. Quem mais temerariamente se introduz, e ensinua em qualquer sociedade; quem em todo a materia faz de agudo, e entendido; quem antes quer perder hum amigo, e hum bemfeitor que huma chufa insulsa; quem em sociedade de senhoras sabe fazer de Leonardo mancebo namorado, e mostra trazer as algibeiras cheias de finezas estudadas aqui, e alli, como sacola de pobre com mótrecos de pão alheio; quem faz de valentão com os fracos, e de prudente com os animosos; quem com todos se inculca por homem de importancia, este he o homem a quem o mundo chama de merecimento, ainda que elle não saiba escrever certo o proprio nome.

Para constituir o verdadeiro merecimento, he preciso talento, sem delle cahe por terra todo o edificio das fumaças humanas. Mas deve ser hum talento singular sem dar em extravagancias, deve ser feliz, e não temerario, superior sem dar em paradoxos, e sobre tudo illustrado com o vivo lume de hum são, e subtilis-

simo discernimento. E onde se encontra este talento no dia de hoje? Parece que corre a extinguir-se a sua raça na terra, depois que rebentou o funesto vulcão da revolução Franceza, que veio dar outras disposições aos sentimentos, e ás idéas dos homens. Era o talento com os mencionados abanicos a herança legitima dos Portuguezes; era hum predicado do seu caracter sério, honrado, e sempre igual; e como existe elle agora? Mas ainda que seja grande o talento de hum homem, de ordinario não he habil indifferentemente para toda, e qualquer empreza: a necessidade, e a paixão o arrastrão, e obrigão a deploraveis falhas. Qual he hoje aquelle homem, que procura proporcionar seu talento a este, ou áquelle emprego? Ou não querer emprego, que não seja proporcionado ao seu talento? Hum quer ser orador, a despeito de todas as regras da eloquencia, e de toda a disposição da natureza, e he hum péssimo arengador, e seria hum eminentissimo caixeiro na loja de hum capellista. Ou-

tro contra vontade do céo quer subir ao pinaculo mais alto do Santuario, quando todas as suas disposições erão proprias, para se lançar intrépido na brécha de hum investido baluarte. Sua aquelle sobre os livros, que suaria com mais proveito na rábiça de hum arado. Senta-se aquell'outro na meza travessa do refeitorio de hum claustro, que saltaria com garbo até ás estrellas nas taboas de hum estrepitoso theatro. Depois disto, se o modo de distinguir-se não he proporcionado ao proprio talento, naturalmente se converte na arte de fazer os homens ridiculos: porque certos talentos universaes, habeis para tudo, são semelhantes áquelles cometas, que rarissimas vezes se mostrão sobre o nosso hemisfero. Eu estou hoje dominado de maior mezantropia; correm tristes noticias de violentas capturas de Herodes La Garde, e hoje nos mandarão as esquinas não sahir para fóra das carunchosas cancellas de Lisboa Ainda somos honrados, pois se nos dá por homenagem a nossa terra; que bons dias são es-

tes para se cultivarem, e universalisarem os talentos Portuguezes? Alguma consolação me dá apascentar a lembrança pelos dias antigos da nossa gloria. Grandes talentos tem produzido, e póde ainda produzir Portugal! Estes talentos se podião dilatar, e aperfeiçoar ainda mais, se entre os Portuguezes não houvesse huma propriedade de outras, que he viverem eternamente pegados áquelle rochedo, onde se produzírão, e creárão. Roma, aquella célebre Roma, tão fertil em talentos admiraveis a todas as luzes, conhecia-se balda naquella delicadeza de tacto sentimental, que formava o estupendo caracter da antiga Grecia, especialmente de Corintho, e para lá mandava seus cidadãos para tornarem plenamente instruidos, e aperfeiçoados. O prodigioso Cicero não se dedignou de ir escutar a Rhodes os grandes oradores. Virgilio intentou a viagem da Grecia para dar a ultima lima ao seu poema; Horacio foi estudar a Athenas a filosofia; Pomponio Attico, o digno amigo de Cicero, preferio a morada

de Athenas ás grandezas, e ao estrépito de Roma; e o grande magnanimo Republicano Pompeo quiz entrar, e sentar-se na escóla do rhetorico Molon, escutando em silencio suas lições, mandando aos lictores, que o precedião como consul Romano, que abaixassem as varas, e as segures á porta da mesma escóla em signal de respeito, a maior honra, que se fez ás letras, e á vista da qual não me admiro, que o grande Condé visitasse em pessoa á Spinosa na sua pobre casa em Haya; e que Milord Bolyngbrocke, secretario de estado, buscasse todos os dias o poeta Pope. São isto digressões de quem falla só. Mas se os talentos Portuguezes tivessem sahido a aperfeiçoar-se fóra (debeis, e inuteis desejos meus neste estado de captiveiro) terião dado maior brado no mundo: aprenderião dos Inglezes a penetração; dos Alemães a flegma, e a meditação; dos povos do Norte a constancia; dos Italianos, a belleza, o gosto, a delicadeza, e a perfeição em todas as artes, e até em todas as sciencias.

SOLILOQUIO XXV.

Como tudo o que vai nestes dias que tem corrido desde 30 de novembro passado por esta nossa cidade de Lisboa, parece hum verdadeiro sonho, ou huma fabula das engendradas na imaginação de Ovidio; e avezado eu já a descobrir tantas transformações, não me pulão nos miolos senão quiméras. Parece-me, que anda hum mágico carregando comigo ás costas de Argos para Athenas, de Athenas para Argos! Quatro franchinotes de comedia transformados em generaes, e governantes. Hum serralheiro metamorfozeado em intendente com mais leis que Justiniano, fazendo huma nova Instituta para os ferros velhos; e como he senhor de gazuas que abrem as portas todas, quer prescrever da terra as chaves ferrugentas: e querendo ladrar, e morder só, fazer o mesmo aos cães, que Herodes fez aos innocentes, pro-

mettendo por premio aos canecidas a pelle, e quatro vintens. Não estou eu vendo com os meus olhos saltimbarcas ignorantes transformados em Triptolemos cultivadores, guizando cannaes, que se hão de abrir, depois de esgotados aquelles por onde nos vinha que comer, e que vestir? E não estou eu observando desde as sombras destes olivaes alguns Portuguezes, homens de bem ão menos pela honra da patria, que tiverão mudados em novas fórmas de aduladores, e adoradores daquelles mesmos que lhe vão sem ceremonias, e sem escrupulo tosqueando a lã, arrancando a pelle, e que talvez nem lhe deixem os descarnados ossos? Eis-aqui o que eu vejo, e o que me faz repassar pela memoria as metamorfozes de Ovidio, tendo intervallos na minha imaginação, que mais fazem accreditar por outras tantas verdades demonstradas, e evidentes. Foi hum asno o mestre Horacio se se persuadio, que não havia no mundo mulheres com cabeça de gente, e com figura humana até a cintura, e dahi

para baixo peixe monstruoso, e feio; que não havia Centauros biformes, que vinha a ser hum galantissimo misto de homem, e cavallo, além de estar persuadido, que o mestre de Achilles fôra Chiron, ou mestre de Hercules, como outros querem, e que este Chiron era centauro, e hum habil medico; elle veria, se chegasse aos nossos dias, que esta progenie não se extinguira, porque muitos medicos da nossa idade, centauros são de todos os quatros costados, isto he meios homens, e meios cavallos.

Existem, existem, estas que noutro tempo se imaginárão monstros, e chiméras. Nós os estamos vendo muito reaes na ordem politica, e muito mais frequentes na ordem moral: basta dar huma vista de olhos para esta corte, ainda que se vai transformando em huma charnéca pelos planos de população dos nossos dominadores. Ha Sereas, e ha Centauros, e até ha camelo pardalis, outro monstrozinho julgado impossivel por Horacio, e que seria hum bom poeta, mas como era hum tanto ramelozo, não

via muito distinctamente os filhos de Adão. Aquella belleza, que he huma Venus na figura, e nas graças, huma viçosa primavera de juventude, hum astro de esplendor original, mas ao mesmo tempo como as Sereas, hum volatil, ou hum peixe, vendo os giros, e os contra giros que ella faz como huma enguia, com hum appetite mas brutal, que todas as baléas do norte. Ei-la feita mulher, e ave, esvoação-lhe os miólos daqui para alli com mais ligeireza, que hum falcão, ou que hum milhafre, e com as unhas mais aduncas, e rapinantes, que todas as arpias. Aquella cabeça sabe mais medicina, que o mesmissimo Chiron: aquelloutras duas sabem mais leis, que as pandetas; mas o corpo que as sustenta, sendo de cavallo como os centauros, corre de galope pelos campos descobertos dos mais libertinos prazeres, salta de hum salto todos os fossos dos mais prudentes respeitos, não obedece ao freio das leis civís, he rebellão ao freio que o dirige, e á espóra que o punge, e estimúla. Prega com dois

côices na bocca do estomago, a quem o alimpa, e lhe enche a manjadoura. A quem desejar vêr huma girafa, ou camelo pardalis, eu monstrarei hum, e muitos daquelles homens, que se encarregão de tantos negocios, traficos, incumbencias, e despachos que parecem huns camelos de caravana da Méca, para desafogar melhor a rapacidade de huma pantéra, que nunca diz, basta nem perdôa a seu mesmo pai.

Estas monstruosidades da terra, bem consideradas nos fazem derramar lagrimas, e assás motivos tenho eu para chorar, o que tigres, e abutres sem mistura de homens estão fazendo a Portugal; são precisas coisas que me fação rir; e assim como fallo só comigo, tambem comigo me rio. Compára Horacio a semelhantes monstros aquelles livros, que agora dizem huma coiza, e daqui a nada dizem outra contraria, e diametralmente opposta, verdadeiros sonhos de febricitantes, que passão de alhos para bogalhos, não havendo memoria que baste (nem a minha) para se lembrar da

distancia, que vai da bocca até a barba, tantos são os objectos heterogeneos, que lhe mettem de permeio. Apparece hum metromaniaco com hum formidavel volumaço de trovas, de glozas, de imitações, e de servís traducções, e diz em hum empolado prologo: — Eu sentirei mais dôr da picada, ou dentada de huma pulga em o cachaço, que sentirei se todo o mundo dos criticos estender contra mim unhas de leão, e arreganhar dentes de javali. Quem imaginaria, que hum homem deste calibre, que se inculca por hum miseravel mote, glozado em oiteiro, por hum legislador, e reformador do Parnaso, e por hum estoico, cuja cabeça como o monte Olimpo, permanecerá serena em quanto pelas faldas lhe zunem as tempestades: quem imaginaria, que este homem se desfaria em sarcasmos, e vituperios, se algum bom observador, lhe notasse os erros crassos, e os supinos, os tristes galecismos, o descozido das frazes, a inimizade eterna, em que estão seus versos, fazendo cada hum jogo de per si, sem

jámais se unir ao seu companheiro, tão destacados, que tirando metade do meio de cada composição, não se conhece a falta? E não he este homem hum centauro? A cabeça he de gente, mas olhem-lhe para ás pernas, e esperem dois coices.

Lazaro Buonamico criticava Erasmo, mas nada escrevia que apparecesse no mundo, e Erasmo lhe dizia — *Lazare, veni foras*: pobre Lazaro, sahe a público com alguma coisa; são, e sempre forão os escritores criticados, ainda os de maior brado, não vivêrão, nem passárão izentos da virga censoria, até Marco Tullio levou pelas ventas, Tito Livio, e mais chegado a nossos dias, os maiores prodigios, e milagres do saber; Scaligero, Justo Lipsio, Sigonio, o grande Corneille, e nem escapou a filosofia de Descartes da censura de Huecio, e outros muitos deste levantado calibre tiverão criticos, que lhes forão a casa, e lhe fizerão o cabello castanho; mas respondêrão como homens, porque o erão, e não como centauros, que sempre acabão aos

coices. Destes monstros vejo cheia a República das letras. As fabulas antigas sempre tem huma face moral por onde se realizão; e quanto he frequente esta realidade em nossos dias, quando se trata de homens transformados em meios brutos, ou em brutos inteiros!

SOLILOQUIO XXVI.

Desde que o mundo he mundo, se observou sempre impostura; e em quanto existirem homens, exitirão sempre impostores. E será preciso no dia de hoje quebrar muito a cabeça para mostrar em toda a sua evidencia esta verdade? Ha oito mezes, que todas as esquinas de Lisboa, forradas de papeis huns sobre os outros, gritão todos os dias, e todas as horas: — Impostura, e impostores! Já he coisa de pouco momento mostrarem-se com o dedo homens, que usurpem o louvor devido ao engenho alheio, pois chegamos a tempo, em

que a humana soberba, e impostura, rouba sacrilegamente, e arrogantemente se apropria os attributos proprios só da suprema Divindade! — A sua Omnipotente protecção. — Eis-aqui a impostura mais grósseira, que até agora por tantos seculos tem tyrannizado o mundo. Mas até tenho medo de fallar nisto comigo só. Se os homens não fazem escrupulo de levar a impostura, e o latrocinio ao céo, que vergonha terão de entrar até nos cemiterios para tirar a camiza aos defuntos? Estas imposturas só as castiga a forca. Quem os podéra brindar com esta joia!

D'outros impostores me lembro em sempre, que não escandalizarão tanto, mas fazem arder, e fazem rir. Não he só a gralha de Esopo quem se faz bella, e admiravel com as pennas alheias, e se a lei da restituição obrigasse tambem os livros, quantos volumaços grossissimos ficarião só na pasta! He tão desmedida a ambição humana, que nada ha que não julgue licito para não ser hum sero. Parece, que ninguem póde ser

grande, senão fôr sem igual. Desta ambição rebentão dois generos de impostura, ambos igualmente ridiculos, e vergonhosos. O primeiro, he usurpar os escritos alheios, para illustrar com elles o proprio nome; o segundo, illustrar os escritos proprios, com o nome alheio. Isto he ou fazer com as obras eruditas dos outros huma apotheose ao seu nome, ou immortalizar com o nome alheio os proprios despropositos, e caprichos. Em huma, e outra empreza se fazem os miolos em agua. E que rematada bestialidade he trabalhar hum homem como hum mariola para se fazer ridiculo. E terei eu má lingua! Sumiose hum livro de Marco Tullio, intitulado *De Gloria*, restão delle alguns pedaços menos máos em Aullo Gellio naquellas eternas, e fatigantes noites. E o senhor Francisco Philelpho, que escreveo do desprezo do mundo; e o senhor Jeronymo Ozorio, que escreveo do mesmissimo assumpto do tal Tullio *De Gloria*, trazem os pedaços do tal Gellio; e Bayle, e Clere, e Meursio, e Struvio, e Ricci chamão

ladrões do tal escondido Mss. aos taes meus senhores, e sem ceremonia nenhuma.

Ora, se fosse verdade o destampado sonho de Harduino, que em toda a immensa antiga latinidade não descobre outros livros authenticos mais que as obras de Cicero, a historia de Plinio, as georgicas de Virgilio, as epistolas, e satyras de Horacio, não seria huma solemne impostura dos frades Bentos, cheios de vagar, e refeitorio no monte Cassino, porem na frente das suas producções os nomes de defuntos de tantos seculos? Mas isto são estravagancias de hum jesuita esturrado, que não receia dar em paradoxos para se fazer singular. Mas isto não tira, que não haja huma tempestade de livros indignamente atribuidos a pessoas antigas, e modernas, que jámais escrevêrão huma palavra. Tanto póde sempre a impostura, e tão compridas tiverão ás unhas certos impostores literarios, que para lhas cortar não bastarião todas as tenazes de Vulcano. Ah Jaques, Jaques! Se te cerceassem o alheio;

com que ficarias tu? Mas tu eras bichaço, não te mettião medo livros de folio, impressos pelos Aldos, pelos Juntes, pelos Manucios em grossos, e quadrados caractéres; tú os corrias de cabo a rabo, e tudo o que escreves tambem os outros escrevêrão alguma coisa mal. Não te levanto testemunhos; as tuas imposturas apparecêrão já muito bem impressas, e eu que não creio de leve, e tenho menos medo que tu á leitura dos taes antigos, e pulverolentos bacamartes, os devorei intrepidamente para me desenganar. Como filho de Adão, estou sujeito ás mesmas enfermidades, com que gemem os meu irmãos, não he pequena, nem pouco violenta huma, que se chama bibliomania, he huma febre que nem a páo se despede, hum furor, que se não afrouxa, e huma comichão, que quanto mais se cossa, mais se exaspera. E tendome cahido nas mãos cartapacios os mais desconhecidos, e raros; só nunca pude vêr, nem saber por mais que lesse bibliografias, onde existisse, e onde fosse impresso hum li-

vro, que se intitula — *dos tres Impostores.* — Grande sussurro, e motim tem feito este livrinho entre os criticos! Huns jurão, que o virão, e que o lêrão com os seus olhos, outros negão a pés juntos, que tal livro existisse jámais. Struvio jura, que nunca semelhante livro fóra estampado, e houve quem correo as mais famosas bibliothecas da Italia toda, para o encontrar, e nunca o vio; he certo que debaixo deste nome anda huma miseravel rapsodia em Francez, mas não he este o livro em questão. Que estranhas fantasias me entrão na cabeça? E em que efervescencia me constitue os miólos esta solidão a que me tem reduzido os protectores? Assento de pedra, e cal, que o tal livro tão buscado não he outra coisa mais que a lingua dos homens, e que os trez famosos impostores, de que dizem trata o tal livro, são sem mais tirar, nem pôr, a adulação, a maledicencia, e o silencio. Em todas as conversações se ouvem ler inteiras paginas deste grosso volume, e querem depois disto embutir-me, que

he hum livro o mais raro entre os rarissimos! Quantos existem louvadores perpetuos de pofissão, que farão hum panegyrico, não brincando como Synesio fez á febre, e outros tem feito á calva, e a varias sevandijas, como Erasmo fez á loucura, mas muito devéras, e em seus cinco sentidos, a hum medico, a Judas, a hum algoz Francez, ou a hum commissario de La Garde! Conheci huma fidalgona, que era hum fantasma, huma cópia de Canidia bruxa de Horacio, com dois olhos, que erão dois ermitões velhos, cada hum em sua casa bem retirados do mundo, e sempre humidos como quem chorava seus peccados; hum nariz que parecia huma pyramide, inclinada como frade em Gloria patri; huma bocca em guerra civil com ambas as orelhas ameaçando-as pela proximidade de huma dentada a cada huma, com duas mãos que parecião rozetas de esporas antigas, e a pezar de todas estas regulares, e semitriacas feições, eu lhe ouvi chamar deosa a hum de seus adoradores. E não era este salva-

gem hum dos tres grandes impostores.

Ouvi ha annos hum conspicuo, e assucarado magistrado recitar certas quadras suas, cujas idéas, e rimas parece que forão buscadas no diccionario do Orco, tantas vezes mettia a barca do inferno, o triste Algarvio Caronte, a alma de Dido, a viagem de Ulisses, e depois da entoação de huma hora, que vá em desconto de meus peccados, já o integerrimo juiz de orfãos enroquecia, e nem Tiresias, nem o mesmo Apollo terião advinhado o que elle queria dizer, ou se buscasse,

Em doce verso, torneado e novo
Se primeiro existio, gallinha, ou ovo?

Elle era hum homem de caracter, e ouvião-no certos dependentes seus; torciao-se estes a cada syllaba como beatas com convulções, com os sobrolhos fazião pontos de admiração tamanhos, como o zimborio da Estrella, gritando a cada instante — bonito, bravo, bravissimo! A cada

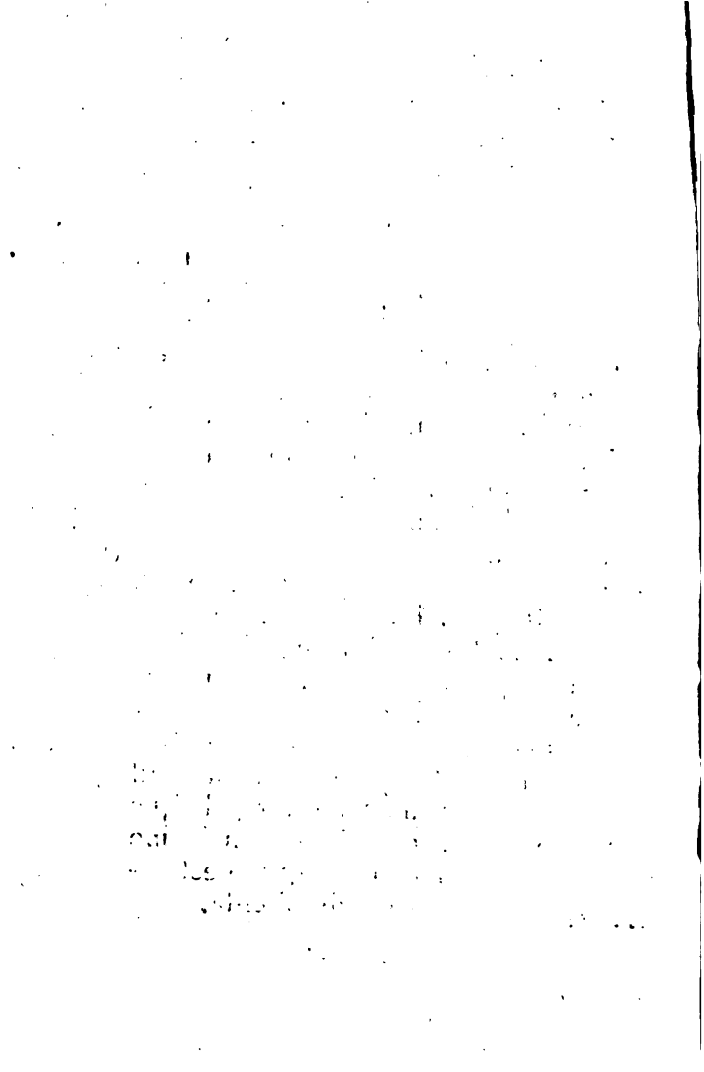
texada de mote, batião de tal maneira as palmas, que parecião os tambores dos coribantes de Creta!
Conheci hum honrado homem, que contra meus conselhos, e lagrimas quiz casar, e foi cahir por desgraça sua nas mãos de hum daquelles aduladores descarados, que á força de grandiosas promessas, lhe fazião tocar o céo com os dedos: hum dote de 160$ cruzados, fóra as joias, e enxováes, capazes de fazerem cócegas ao mesmo Cresso, huma parentella de representação capaz de levantar nos hombros montanhas, e de fazer dos pigmeos collossos, huma moça tão delicada, e tão de alfenim, que era preciso guarda-la dos ratos, que a não comessem viva, tão economica, poupada, e arranjada que ella mesma levantaria com as suas mãos o lixo do sobrado, só para não gastar as barbas de huma vassoura. Perguntei ha pouco a este miseravel, que encontrei tão melancolico como hum dia de finados, de que maneira se tinha verificado tão faustos pressagios! Começou o exordio da sua

resposta, encolhendo os hombros, e pedindo-me, que lhe não fallasse nisso. O dote dos 150$ cruzados está ainda em deposito em huma grande folha de papel em as notas de hum tabellião, onde ninguem será tão temerario, que se atreva a lhe pôr a mão por cima. A menina, parece em formosura irmã de Esopo, ou de Asmodeo. Depois que entrou em casa fez da casa huma Babylonia, ou o grão Cairo, onde os romeiros entrão em caravanas aos milhares. Quanto he pernicioso o caracter de impostor, quando trata de lisonjear! Não seria melhor a este meu amigo ouvir antes as maiores injúrias, do que expôr-se dando ouvidos a imposturas, a trances tão amargos? Ainda que a maledicencia seja hum impostor tão familiar, e tão nocivo como a adulação, estou em dizer, que antes quero ser desacreditado, que adulado. Ha coisa mais ordinaria, e frequente no commercio da vida, que encontrar eu homens, que me louvão na minha cara, e que apenas volto costas me pespégão nas mesmas costas as mais

azedas pasquinadas? Isto são valentias de hum honrado assassino, que não ataca os passageiros senão pela rectaguarda. Quem fallar a estes homens de honra, de probidade, e até de boa creação, he o mesmo querer dar hum descante aos gatos, ou fallar de prezunto a hum puritano Israelita. Ha homens, a cujos olhos a acção mais indifferente, parece hum delicto, sua censura perdôa aos corvos, e ataca as pombas. Sem que me conheção farão, o levantarão a arvore da minha familia, ou genealogia, e praza aos céos, que a não vão derivar de Capricornio. Não são capazes de me emprestar hum real, e jurárão, que me sustentão neste meu escondrijo á custa da sua bolça. Se eu quizer proceder como homem cauto, e politico, não deixando transpirar o minimo raio de luz que descubra os meus interesses, são capazes de encontrar, e divisar em todos os meus passos os mais profundos mysterios. Se eu for bem acolhido de hum grande, dirão ao ouvido deste, e daquelle, que sou huma esponja, que em

bom dialecto Portuguez, quer dizer hum espia. Se me virem huma ama em casa, ainda que ella seja mais velha, que a Sybilla Erythréa, e mais izenta, e sacudida que Penelope, dirão neste ponto o que quizerem, que nunca será bom. Se eu fôra tentado com o jogo, de que o céo me guarde sempre, se me vissem ganhar tres partidas a fio, dirião que eu era hum politiqueiro de vinte e quatro quilates.

E quem se persuadirá, que o mesmo silencio he hum impostor tão execrando como são os outros? E com effeito entre as flores mais lisongeiras do campo, se enrosca a venenosa serpe; e a calmaria he para os navegantes ás vezes mais funesta que a mais solta tempestade. Aquelle malicioso, silencio, com que alguns respondem ás perguntas, que se lhes fazem sobre os costumes alheios, e sobre a conducta de alguns individuos, he huma das mais authorizadas, e accreditadas imposturas. Fallase em huma conversação de hum homem de letras, inculcando-o como idoneo para este, ou aquelle empre-

go; pede-se huma informação áquelle Aristarco, que vive não se sabe de que, de crédito (como se diz, que o camaleão vive do ar) e elle para não parecer maledico, depois de muita suspenção nos pios ouvintes, encolhe os hombros, e deixa cahir hum monosyllabo indicifravel. A' cabeceira daquelle enfermo de caracter esfrega a testa aquelle medico, e cala-se. Escuta no seu gabinete aquelle advogado hum seu cliente, ou constituinte, ou como elles lhe queirão chamar, que quer litigar *de tribus capellis*, como diz Marcial, e elle arqueando as sobrancelhas, não lhe diz a espaço mais do que ... se ... está feito, ... he duro ... os meus livros .... Afrontado em hum público café aquelle velhaco murmurador, deixa apenas sahir por entre os dentes aquelle seu ... nós nos veremos ... Com este portamento taciturno mil impostores fazem accreditar pelo que não são, e seu malicioso silencio me mette ainda mais medo que o estampido de hum canhão de oitenta.

DIALOGO.

EU, E MISERIA.

Quem tem telhado de vidro, não atira ao
do vizinho

Proverbio.

Vio huma rãa n'hum prado hum boi taludo
(Volvia o dia do pingado entrudo)
Disse comsigo, eu faço huma fallada,
Alargo a pelle *viridi-enrugada* (*)
Heide hombrear co' o corpulento touro
Fez pum, pum, pum, pum, pum, morreo no
estouro.

[illegible]

(*) Palavra á Homerica traducção Portugueza.

EXORDIO.

Ora vossas mercês não me dirão de quem são os meus Soliloquios? São meus. Então são meus. Pois porque se diz » Quem o alheio veste na praça o despe! Porque se diz, e se escreve sandice de todo o tamanho? Para se dizer isto, era preciso mostrar que existia em tal, e tal lingua hum livro, intitulado » Motim Literario em forma de Soliloquio « que eu pegára neste livro, que o traduzíra em Portuguez, que lhe pespegára o meu nome, que o déra por meu, que o imprimira, e que o publicára. » Fez-se isto? Não, senhor. Pois que se fez? Nada. Pois para que he esta miseria? Para nada. Não ha livro intitulado », Motim. Não ha Soliloquios sobre estas materias; não appareceo ainda huma composição como esta. Que livro he este furtado, que o público espera vêr no seu original? Nenhum. Pois que fez este homem?

Huma miseria. Como? Apontando em o II.º Soliloquio algumas passagens extrahidas de hum livrinho Castelhano reimpresso em 1807 com estampas, chamado » República literaria de D. Diogo de Saavedra Fajardo. Isso faço eu em o N.º VI. pag. 147, dando a lista dos authores que vi, e dizendo com franqueza: *transcrever passagens importantes, e crear os pensamentos alheios*, nomeando o dito Saavedra, e outros pelo seu nome. He isto ser plagiario? Não, senhor. Então, para que se escreveo esta miseria? Para nada. Mas alli vem pedaços traduzidos, e addicionados, he verdade. Mas por ventura eu escrevi só aquillo, e de minha lavra não ha nada? Ha tudo; e a miseria he feita com tanta malicia, que se lhe tira o fio do meu discurso, e se apontão só as passagens alheas, que vem de espaço a espaço. Em que author se não acha isso? Em nenhum. Pois então promette-se mostrar, que o livro he furtado, e só apparece n'hum cantinho aquillo! Eis-aqui como se apparece no mun-

do com huma producção. Eis-qui porque se lhe chama miseria. Ora pois sem fel, nem amargura, sem *paxoxadas*, como diz Couto, veja o mundo a maior miseria que se tem escrito: he preciso expôr aos olhos este miseravel quadro, e desfiar, ou descozer o mais podre fiado que se tem torcido, ainda que me parece, que o intento do A. não foi fazer hum exame crítico, foi descompôr huns poucos de individuos, em que ninguem fallou, que o público não conhecia.

Ha pouco que desfiei a Illiada em Portuguez, traducção de Couto, traduzida por Costa e Silva: ora formigando alli as sandices, podemos dizer, que he serafim illustrado o traductor da traducção de Couto, quando se cotejar com esta miseria. Acabou-se o exordio. E vós manes de *Bocage*, deixai-vos lá estar, onde estais. Eu principio.

DIALOGO.

Eu, e Miseria.

Anda cá Miseria, como começas tu?

Mis. Eu, senhor, não tenho, nem tive nunca mais que dois pobres, e miseraveis modos de principiar: O 1.º he » He sem dúvida » Assim começo a dedicatoria de Homero. » He sem dúvida » Assim começo a prefação de Homero. » He sem dúvida. » E este que V.m. vê aqui. » He sabido.

Eu. Que dizes mais Miseria?

M. Que das guerras literarias se tirão mais dissabores que lucros.

Eu. E quem são os *Cids* desta guerra?

M. Sou eu, e V. M.

Eu. E quem a provocou? Eu não entendi comtigo, nem tinha entendido ainda.

M. Fui eu, proque me desinquietárão.

Eu. Pois então, Miseria, tem paciencia, tu mesma o dizes *que daqui tirarás mais dissabores que lucros.* Tu que promoves a guerra, e acordas o cão que dormia és *preponderante, grosseira, incivil.* Quem chama isto ao que faz a guerra?

M. Sou eu.

Eu. E quem faz esta guerra, eu não estava callado?

M. Sou eu.

Eu. Então pilhei-te, Miseria: tu és *incivil, grosseira, não és letrada de honra.* Tu o dizes. Anda cá, Miseria, não fujas: dize-me, que quer dizer esta *raça infantil, e timorata que sendo acoçado na rua se acolhe ao sagrado dos templos para evadir a tunda, que novamente provoca com as muitas pedras, que atira pelas janellas da sacristia?* Isto, Miseria, he coisa mais destampada que ha. Os rapazes andão á pedráda na rua, os rapazes fogem dos nocturnos, mettem-se na Igreja, os rapazes depois de estarem na Igreja com que pedras atirão pelas janellas da sacristia? Que pedras são estas?

M. Nenhumas.

Eu. Quem levou lá dentro estas pedras aos rapazes?

M. Ninguem.

Eu. Então para que pozestes isto aqui, que prova, que conclue, que tem isto com o Motim?

M. Eu não sei para que o puz, já me esqueceo.

Eu. Vamos á conclusão do exemplo da turba infantil, e timorata!

M. Então depois de atirarem pedradas pela sacristia fóra » as vantagens da *punha literaria são reaes, e proveitosas*.

Eu. Pois segue-se huma coisa da outra?

M. Não, senhor.

Eu. Tu dizes mais, e peior. *Com tudo a pezar destes uteis, seria melhor que nunca houvesse taes controversias, ou não existisse quem as motivasse*; anda cá, Miseria, dá cá a palmatoria. Que he *uteis*?

M. He hum adjectivo.

Eu. Com que substantivo concorda quem são estes uteis?

M. Eu não sei.

Eu. Se tu dizes, que era melhor que nunca houvesse taes controversias, para que as moves? Para que as motivas, se tu entendes, e confessas, que era melhor que as não houvesse? Eu se fallo, fallo só, e não faço motim, digo que motim hajão feito as letras pelo mundo, digo o abuso que dellas hajão feito os chamados sábios: se havia dizer » o Motim das letras » disse » Motim Literario. E porque me não entendeste?

M. Porque não tenho alma para isso.

Eu. Se tu dizes, que diz Banier (he mentira, porque não ha *Memoria de literatura*, ha simplesmente, Memorias da academia das inscripções e bellas letras) *que o polemico motor as mais das vezes, ou capitula, ou succumbe*. Isto te succederá porque tu mesma te pozeste em campo, eu nunca te atirei em tantos escritos huma só lambada, em huma palavra, tu és o campeador Cid aggressor, tem paciencia, porque não tens desculpa, confessando abaixo logo: *certo na evidencia destes principios, eu me devia*

conter. Que se faça huma asneira por inadivertencia, póde ser, mas cometter o erro, protestando que o conhece com *evidencia*, isto he miseria; e dizes mais, que principia no campo grande para vir acabar no bêco do Açougue: e delle he manha, que quem mal falla, peior houve. Continúas a chamar-te sem ceremonia *erudito, e que tens jus a defender os sabios*. Com que procuração bastante? Declaras mais, que *és huma parte*, (ainda que pequena) *do público illustrado*. Chama-se a isto, não deixar o seu credito em mãos alheias. E para que? Para te mostrares logo tão pouco erudita, e tão pouco illustrada, que commettes hum erro palmar em grammatica, escrevendo sem sentido, sem concordancia, e sem saberes fazer huma oração, que se possa reger, dizendo: *Observando que o A. do Motim Literario pertende com a sua verbosidade, e dicção (verbosidade, e dicção, que será isto) provar das opiniões literarias as mais absurdas, como se escrevesse para Hottentotes, tornando duvidoso com gracejos;*

e joguetes de palavras aos olhos da multidão inerudita, e incauta o abalizado crédito nas sciencias de tantos sabios mortos, e vivos, de fóra, de casa, que merecêrão pela cultura, que derão ao espirito humano, louvor, crédito, e renome: por tanto. Ora no meio desta inintelligivel salgalhada estão estas palavras » pertende provar das opiniões literarias » devia seguir-se hum . . . provar que . . . Se isto não fosse miseria, teria ao menos grammatica; mas não senhor, continuão as palavras sem ordem, sem sentido, sem dizeres o que eu quíz provar das opiniões, e isto até ao por tanto . . . Temos sentença . . .

M. Misericordia . . . . .

Eu. Espera, que não te inforcão, tu he que queres ser a carrasca, dizendo: *Por tanto empunhando a vara dos Tarpas sem acompanhamento de lectores.* Eis-aqui a maior miseria do mundó, e ainda agora vamos a pag. 4. Tarpas são aqui tomados por censores, e tu revestes, ou arvoras os Tarpas em consules Romanos, dando-lhes o acompanhamento de *lictores*,

e não de lectores, que erão os executores da justiça, que marchavão diante dos consules com o mólho de varas, e o cutélo. Isto he que he consular miseria. Ora quem fez de hum critico, hum consul Romano?

Si Fortuna volet fies de Rhectore consul.

E para que?

M. Para isto que se segue. *Tomo neste Motim a parte que me toca em quanto ao ramo de bellas letras, em que posso fallar com fiadores talvez mais seguros, que os da simples imaginação do A.*

Eu. Dize-me, Miseria, quem são estes fiadores? São homens chãos, abonados, sem privilegios, e de loja aberta?

M. Não, senhor, são livros de filologia, e amena literatura, historia, antiguidades, eloquencia, exposição de classicos, etc.

Eu. Fizestes isto?

M. Não, senhor.

Eu. Então quem são os fiadores?

M. Os letreiros.

Eu. Ora está bem, não tens fin-

dor, e tratas a' minha imaginação de simples. Promettes como consummada em bellas letras notar os erros, que em bellas letras houver nos Soliloquios que forem da tua competencia, que pelos modos são só os Soliloquios de bellas letras; e como mostras tu estes erros em bellas letras, que ha nos Soliloquios?

M. Eu, senhor, tal não fiz, apenas pelo fim do II.º Soliloquio, truncando-lhe o fio do seu discurso, que vai sempre cheio, e ligado entre si com huma seguida cadêa de idéas, lhe notei, que V.m. se apropriava algum dos bellos pensamentos, e expressões de Saavedra, convertendo-os, em substancia propria, dilatando-os, modificando-os, alternando-os conforme convinha ao seu intento, sem usurpação da obra inteira, nem de hum só capitulo, e conheço que isto faz o escritor dotado de vastissima memoria.

Eu. Ora, Miseria, quero conceder-te, que he huma usurpação; he isto objecto das tuas bellas letras? He isso crítico exame? Como mos-

tras a má construção da obra, a incoherencia das suas idéas, o impolido, desleixado, ou descozido de seu estilo, a impropriedade de suas frazes, o exotico de sua linguagem, e irregularidade do edificio? Ei-aqui o que se chama hum exame critico, e não apontar com malicia passagens analogas de outro author, que entrão como pedras arrancadas da pedreira na construcção de hum edificio regular. Dize-me, Miseria, póde chamar-se exame critico da architectura do templo de Mafra, dizer-se « Esta pedra he de Pero Pinheiro, este he basaltico de Cintra: Esta especie de jaspe he de Montes Claros: Este genero de pórfido he das Salemas? Pois he defeito de hum acabado constructor tirar daqui, e dalli as materias necessarias para a sua construcção, ou he defeito do architecto a diversidade dos materiaes estranhos com que levou á ultima perfeição hum edificio regular, symetriaco, admiravel, e harmonico? Eis-aqui, Miseria, quaes são as tuas bellas letras, a cuja posse inculcas fiadores.

M. Pois eu cuidei que erão bellas letras fazer as duas coluninhas de pequenas coisas enfrontadas?

Eu. Pois se tu, Miseria, nem sabes o que são bellas letras, não me dirás quaes sejão os Soliloquios da tua immediata competencia?

M. Eu não sei; pergunte V. m.

Eu. Ah! Temos confissão de rapaz! Ora dize, são os de poezia?

M. Não, senhor, porque eu não sei fazer versos, quem me fez aquelles foi hum rapaz, meu conhecido, que anda na escóla do patrão da lancha.

Eu. São os de historia? São os de filosofia? São os de eloquencia? São os de critica? São os de historia natural? Os de antiguidades? Os de biografia? São ao menos os de grammatica?

M. Não, senhor, não são nenhuns desses.

Eu. Pois, Miseria, o livro não comprehende mais do que isto, que aqui vai classificado, logo nada do que está no livro he da tua competencia.

M. Sim, senhor, não, senhor? He só os bocadinhos do Saavedra. Eu não

sei mais nada, nem eu tinha o tal livrinho, foi hum homem que o emprestou a esse author, que escreveo contra V.m. a miseria do exame critico.

Eu. Com esse author não tenho nada, nem me importa, assim mesmo sou amigo delle, porque he bom homem, que faz descançar os outros do trabalho de fallar. Comtigo, Miseria, he que são os meus reparos. Dizeme Miseria, comparações, e proposições não são duas coisas diversas, e infinitamente diversas? Perrault não chamou ás proposições, mas ás comparações de Homero de cauda larga, como a da mulher dos freios dos cavallos, etc. Pois para que dizes tu proposições de cauda larga, citando Perrault, que só falla de comparações?

M. Porque eu não sei conhecer a differença que ha entre proposição, e comparação, e não faço mais,

Que balão badalo badalar á tôa
Producção onzella, zanga de Lisboa.

Eu. Pois cala-te.

M. Não posso.

Eu. Pois leva. Não me dirás que quer dizer esta estrambotica fraze, que vem na mesma pag. 4?

M. Qual?

Eu. Ei-la: *Ajuizarei da facecia com que o author se arroga o direito de pôr em asta pública o cabedal literario de tantos doutos nossos, e alheios com a quebradiça alavanca do sarcasmo por quisquilias*! Ha demonio que entenda isto? Pôr em asta pública com huma alavanca do sarcasmo por quisquilias? Que quer dizer isto?

M. Eu não sei.

Eu. Então porque se pôz?

M. Por fallar.

Eu. E para que se falla?

M. Para se entender.

Eu. E quem te entende?

M. Ninguem.

Eu. Ora demos a introducção por acabada, não quero ser prolixo, ainda que tinha muitas miserias, em que empregar longas paginas, como ditos *airados*, que he termo moiro, paxoxadas, e outras mais. O author aqui se mostra resaibiado, e doido do cabello, imaginando que lhe retorqui-

ria com personalidades. Olha, Miseria, pódes dormir descançado, que isso nunca eu farei, basta que mo façâo a mim, que até o meu 16.° avô está desenterrado por elles, que desta arte me tem impugnado, deixando intacto o que eu escrevo. Eu não refuto, ou impugno assim. Ficão os authores em sua casa, eu pego na obra, vou notando o que elles dizem, porque as mesmas obras são de si as mais vehementes impugnações, e quando apparecer no mundo (que me dizem que foi para Londres, porque nem só os do feitiço tem lá conhecidos) a historia da guerra sebastica em dois vol. em 8.° com estampas: o mundo verá o que vai a esse respeito, pois me dizem, que vem na obra todos os guerreiros retratados, eu não gosto disto. O livro, e só o livro, o author he outra coisa; e para o author quando o merece, ha então a impugnação da Azambuja, ou do Marmeleiro. Com que, Miseria, eu não combato senão com as mesmas armas. Letras, a Letras » Vamos agora ao exame crítico da preparação do author.

Dize-me, Miseria, que se faz quando para impugnar hum escritor, se citão as palavras do mesmo escritor, pondo-se em grifo para se conhecer que são delle?

M. Deve-se com todo o escrupulo, e fidelidade transladar o que elle diz, sem omittir, nem alterar huma só virgula!

Eu. Muito bem. Ora, Miseria, digo eu acaso em toda a minha longa preparação do primeiro Num. do Motim, o que alli está em grifo a pag. 5 do Exame? Lê, Miseria, lê a minha preparação, achas lá aquellas palavras, ou algumas dellas desde que começa o grifo » Que a desigualdade dos homens, etc. etc. » Eu digo nada daquillo? Pois se aquillo não he meu, nem mesmo o pensamento, mas tudo fabricado pelo author do Exame, Miseria, para que está aquillo alli?

M. Parece-me que não sei.

Eu. Pois sei eu: em primeiro lugar está para me malquistar, renovando questões destampadas de desigualdade; coisa em que eu nunca

fallei, só se foi para metter a bulha o triste Jaques. Em segundo lugar, está para se dar a conhecer boa fé com que me impugnão, não dizendo o que eu digo, mas forjando a seu sabor coisas que elles querem que eu diga. Isto, Miseria, he huma baixeza, huma perfidia, ou para dizer melhor, hum destempero.

M. Parece-me que me lembra que era para dizer, que se V. m. escrevia hum livro para si, era escusado mandallo imprimir, e isto chama-se, *Contradicção manifesta.*

Eu. E que lhe importa a V. m., senhora Miseria, o que eu quiz gastar na impressão? Quiz eu mesmo ler o meu livro em letra redonda, que contradicção ha em querer cada qual ter o seu livro impresso?

M. Não ha, não senhor: tambem ha bilhetes de boas festas impressos, e cada qual podia levar o seu nome pelas portas, escrito n'hum papelinho.

Eu. Então, Miseria, neste primeiro paragrafo do Exame, está huma asneira, ou jumentice?

M. Está, sim senhor.

Eu. E no segundo estão muitas. Eu digo na preparação, que as materias não serão novas, más sim o modo de as tratar. E onde se encontrão Soliloquios sobre sciencias, e artes?

M. Eu disso não sei nada, só sei Eva, e Ave, que, he hum livro de Nossa Senhora, a Academia dos humildes, que he huma coisa em que falla hum ermitão, e hum camarada, o Filosofo solitario, que ouvi dizer, que era de hum livro daquelles homens que estavão em Santarem, e já não ha fumo delles, que se chama » filosofia da natureza.

Eu. Pois, Miseria, hum livro assim como o meu não ha, por isso he original. A conversação comsigo mesmo de Carraciolli, he coisa de moral. Os Soliloquios de Vicente Gianelli são impiedades em pensamentos soltos, são extravagancias politico-revolucionarias, que por isso Buonaparte lhe deo cabo do canastro. Os Soliloquios de Santo Agostinho he obra santissima, e devotissima. Soliloquios como os meus ainda não tem apparecido.

Dizer que contém materias desligadas, e independentes he dizer o que eu digo no titulo » *Que encerrão objectos separados, e independentes*. Pois se eu o digo, para que me argues?

M. Para fallar.

Eu. Pois eu te farei callar. Este paragrafo he fecundissimo nas jumentadas maiores. Dizes, Miseria, (olha que eu não cito senão as palavras do papel) » *Contém materias desligadas, e independentes, paradoxas, e estranhas, como mostrarei, pondo a par de suas tiradas as do verdadeiro A., que foi seu pai, na mesma lingua em que as produzio, o que desmentirá a assersão do A. em quanto chamar ao seu Motim huma composição original*. Ora, Miseria, se eu quizera fazer a este descozido palavreado o mesmo que fiz á traducção de Homero, veriamos em cada expressão hum erro de syntaxe, mas deixemos isto. Que queres dizer nisto? Que se tira desta confusissima prelenga? Que se pesca deste cabaço de minhocas? Que succo se attrahe deste sarapatel?

M. Que no Soliloquio II.º, quando V. m. trata de querer dar nova fórma á República das letras, vio porque assim era preciso, a República literaria de Saavedra a pag. 30 (e não a pag. 22) o que elle diz, e alargando, estendendo, enchendo, enfeitando algumas expressões, foi com o seu rammerão por diante, compondo o seu Soliloquio.

Eu. Pois isso he dar eu huma obra alheia por minha? Saavedra tem aquelle Soliloquio? Estas materias não estão pelos livros que as tratão? Que fez Virgilio? Copiou Homero. Eu não usurpo composições alheias, tenho habilidade de converter em substancia propria o que leio. E para que me levantas hum testemunho, pondo em grifo como meu, o que eu não digo? O meu Motim não tem outro pai, e senão dize-me, Miseria, porque Saavedra diz. « Esta arbol se llamava papyrus, e daquí nacio el nombre de papel, vimos tambien otros libros en pieles de animales llamados pergaminos por haberse hallado en Pergamo. » E eu digo « Este infernal papel que

os homens acinte sempre buscárão, servindo-se do papyrus, que era a casca de huma arvore do Egypto, ou de pelles de animaes, chamadas pergaminhos, porque se fazião em Pergamo. » He roubar hum livro alheio, e impurrallo por meu? Que merecia isto, Miseria?

M. O que V. m. quizer. Eu como *estava em desuso de correr lança em Africa*, cuidei que mettia huma lança em Africa, quando me emprestárão o livrinho Castelhano, onde achei aquellas palavras, pareceo-me hum triunfo......

Eu. Pois muito caro te ha de custar, e a muitos Soliloquios has de dar materia em quanto se bolirem estes tres dedos, que sustem a penna,

Como a Tomas Pinto, deo sogra a materia
Aos meus Soliloquios, dá pasto a Miseria.

M. Oh, senhor, eu não tornarei mais.

Eu. Pois ainda agora começo. Diz o papel pag. 5. (toma sentido, Miseria) « *Os poetas, e os sábios são*

os palitos deste enjoativo banquete, *e já na preparação principia a pôr-lhes a calva á mostra*, *dizendo*: *Que huns lhe ralão*, *etc*. (Hum banquete de palitos he de encher a barriga.) Ora não me escapa o N. B. da notinha » *Ralar*, *e martelar junjidos neste lugar para explicarem a idéa do A.*, *que pureza de linguagem*!.. Oh! Miseria, isto he que he miseria! Dois effeitos produz em mim a importunação dos recitadores de versos: o primeiro he huma consumição de paciencia, porque he preciso estar horas a ouvillos: a esta consumição se chama bem, e propriamente em Portuguez « Ralação, que vem do verbo Ralar. » O segundo effeito he o tormento dos ouvidos, que aturão huma inteira tarde de maio aquelles agoireiros bezoiros » zum, zum, zum, zum, e zum. » Ora se estes dois effeitos se explicão por duas palavras tão Portuguezas, como são *ralar*, *e martelar*, onde está aqui a impureza da linguagem? Isto he *quisquilhas*, *airados*, *joguetes*? Tu não sabes o que dizes, Miseria.

M. Sim, senhor, não senhor.

Eu. Já tratámos, Miseria, e assentámos de pedra, e cal, que quando se citão em grifo as palavras de hum escrito impugnado se devem citar com fidelidade, e rigor. Onde estão no meu primeiro Num. as palavras em grifo, que vem neste papel? « *Balbuciente Actriz tira por força seus quatro vintens?* » Lê o Motim pag. 5, vê se lá está isto?

M. Não está, não senhor.

Eu. Logo he huma desalmada injustiça alterar assim aquillo mesmo, que se impugna; mas isto, Miseria são ninharias a respeito do que se vai seguindo he de mais alto cothurno. Ora lê pag. 5, regra, ou linha 23 « *Outro todo zangado lhe embute (continúa o A.) de hum folgo a Traducção da Illiada?* » Isto, Miseria, he o que diz o Exame crítico: o que eu digo a pag. 5 he assim « *Outro me embute (apanhando-me em jejum, e zangado) de hum folgo, a traducção de Homero inteiro.* » Ora, Miseria, não he isto ralar a paciencia? Para que he esta falsidade, esta per-

fidia em trasladar? Eu te digo para que: He para se inculcar por tradutor do primeiro livro da Illiada, e para dizer que nunca me foi ler as suas traducções; (antes eu queria ter huma beliosa). Em primeiro lugar, eu fallo de Homero *inteiro*, que o ha em verso; eu não fallo no tal infeliz primeiro livro. Elle não he alvo desta pedrada, porque .... em segundo lugar, elle não foi, nem he o author da traducção do primeiro livro; o seu author já se declarou (tanto mal fez,) e estampou por inteiro o seu nome no frontespicio do desditoso caderno. . . . .

M. Sim, e V. m. fez-lhe hum parecer em que o louva; e depois começou de o desfiar, coitadinho ... Ora isto não se faz ....

Eu. He verdade, Miseria, eu fiz isso que tu dizes, porém tu nunca ouviste fallar em humas attestações officiosas, que se passão para valer a hum homem que está quasi de pernas ao O? Eis-aqui o que fiz, não espontaneo, mas muito, e muito rogado. E sabes porque depois fiz o

contrario? Porque a paga da attestação forão sonetos infames, compostos pelo mesmo que recebeo a attestação, e espalhados por elle.

M. Então teve V. m. milhares de razão.

Eu. Sim, Miseria, e nunca me desforro sem razão e sem ser ultrajado em impressos públicos, e não cuide ninguem, que eu que me calo ao « Feitiço » infame papel. Talvez, talvez, que sáia o mais formidavel, e abrazado raio que haja cahido na cabeça dos malevolos em letra redonda: mas isto não he para aqui, vamos adiante. Que mais diz o Exame, Miseria?

M. Diz que V. m. *he inimigo irreconciliavel do divino Homero pelo não entender, sendo como confessa, hospede em Grego:*

Eu. Ora, Miseria, isto pede serias reflexões. Se eu dissera « O Grego de Homero não presta, e accrescentára » Eu não entendo Grego » merecia eterna aposentadoria na casa dos orates. Mas dize-me, Miseria, huma obra póde deixar de ser o que

he, pelo que pertence á sua substancia, construcção, andamento, ordem, novidade, grandeza, ainda que se passe para outra lingua? Deixa Tasso de ser Tasso, ou de se gostar de Tasso na traducção do Tojal, ou na de André Rodrigues de Mattos? Deixa Virgilio, ou a Eneida de ser a Eneida, e se gostar da Eneida, ainda que traduzida por Dreyden, por Ambrogi, por Annibal Caro, e até por Beza, e João Franco Barreto? Pois a Illiada não deixa de ser Illiada em qualquer lingua que se ache trduzida. Nem eu, nem viva alma póde aturar tal Illiada na traducção do tal homem, que se diz José Costa, não he, nem nasce o desgosto da miseria dos versos, do jargão inigmatico do estilo, ou linguagem, que parece á gente que está ouvindo fallar Alah Zarolho, Moiro Chico; nasce da salgalhada de coisas que alli vão, daquellas ralhações de velhas, dá cá a moça que he minha, deixe-me levar minha filha, aqui tem V. m. tres patacões, olha tu grandissimo bebado, cara de cão, etc. etc., e que se segue em

toda aquella ou fastidiosa, ou somnifera prelenga. Eis-aqui, Miseria, do que eu não gosto, e ninguem deve gostar. Se o Grego he bom, que lhe preste? Por ventura, porque a lingua Portugueza he a melhor de todas, a mais harmonica, a mais rica, a mais elegante, segue-se que sejão bons poemas a Zargueida, o Passeio, Lesbia enterrada?

M. Eu já estou calada.

Eu. Pois não me calo ainda, nem tenho tal tenção, que surdo faz fallar hum mudo. Não me escandalizem, não me firão, não me espôrem tanto, sem urbanidade, sem politica, sem moderação, não ha enchalmo que se me não atreva, vomitando corjas, ou grozas de inepcias, chamando-me como faz este papel « simples de imaginação, plagiario, embusteiro, contradictorio, e até pax vobis. » E deve isto passar impune á posteridade? Nunca me refutão os livros, sempre me insultão a mim?

Quod genus hoc hominum, quæve tam barbara morem permittit Patria?

Corso, e seus apaixonados; esta Ilha se dá a conhecer por huma garça que»

Vôa ôra ressupina, ora de papo; a esta garça atirão dois Imperadores, e não a ferem, só o Imperador Buonaparte a atravessa.......

Eu. Oh, Miseria, olha não mintas!...

M. Não minto, não senhor, pois V. m. não era o que lia, e por signal lhe titárão o livro da mão, porque V. m. ou não lia bem, ou se deixou dormir, dizendo, que como aquillo vinha da botica trazia laudano opiado, e os mais que estavão á roda de V. m. não se deixárão tambem dormir, que era huma roncada universal, que parecia coisa do inimigo, que até a moça, que vinha com a bandeja do chá, ficou dormindo a andar, e deo com tudo em terra, feito em cácos; e acordando hum ao estrondo, não se levantou estremunhado, e não estoirou huma rabeca, que estava em cima de huma cadeira; e quando se foi levantar, não deo com a cabeça em hum lustre, que

o esmigalhou, e não acordárão então todos?

Eu. Isso he verdade. Pois dize-me, Miseria, nesse tempo *era ainda Buonaparte indifferente escolha, merecia ainda elogio?* Quando mereceo elogios este monstro? Busca-o nas épocas mais remotas de sua vida, tu acharás satanaz, e peior que satanaz. Merecia elogios, quando era simples tenente d'artilharia? Vê o que fez em Toulon, e a execravel parte que deo ao Directório do innocente sangue, que com tanta perfidia, e barbaridade derramou? Não fez ainda huma acção, que não seja marcada com o cunho da aleivozia, da maldade, e do inferno todo, e era o objecto indifferente depois de 1804, em que não deo hum passo que não fosse atroz, e peior que Néro, Caligula, e Domiciano? Ora com as palavras que eu digo, sabia-se alguma coisa destas! Quem as descobre, quem as publica, quem as revela?

M. He o papel, Miseria, que diz no texto « O *pobre Tonino* » e em a

nota » *Thomás Antonio dos Santos e Silva, e que está no hospital*

Eu. Pois eis-aqui como eu sou criticado, e impugnado, difamando-se homens, que eu não nomeio, a titulo de me refutarem, e todo este miseravel apparato de enepcias para mostrar que na ponta de hum Soliloquio vem quatro palavras, que são de hum author estranho. Não posso passar em silencio huma coisa, Miseria.

M? Então qual he.

Eu. He esta: não me admiro que quem faz o elogio de Buonaparte, faça tambem a apologia de Voltaire. Ora dize lá, Miseria, o que se diz a pag. 9.

M. Voltaire tratado pelo author hum guapo charlatão, injúria literaria, talvez a maior que se tenha insensatamente proferido contra hum tamanho literato.

Eu. O insensatamente he muito galante! He insensato o gravissimo author do *Oraculo dos novos filosofos*, que lho chama desde o principio até fim de ambos os volumes! He insen-

sato hum Rigoley de Juvigny, que lho chama em dois diversos lugares da sua preciosissima obra « Da decadencia dos costumes, e das letras! He insensato hum Baumelle, que lhe dá este titulo em cada huma das immensas paginas do commentario da Henriada! He insensato o douto P. Thomas José de Aquino, que no eruditissimo discurso preliminar das Lusiadas lhe chama huma, e mil vezes não só charlatão, mas impostor? Vem com as cartas de Frederico, que era da sucia, e seria o *Petit Heros*, se se limitasse só á literatura. O pequeno agradecimento do urbanissimo Benedicto XIV. He charlatão em tudo o que disse, fez, escreveo, excepto as tragedias, como eu digo no Soliloquio, que delle trata; he charlatão mór em filosofia, e charlatanissimo em historia, e se ha mais que charlatanismos, são os seus admiradores, e apologistas. E a respeito de Dacier he huma pedanta, e huma bésta, carregada de antigalhas, como chamou ao marido, o mesmo charlatão Voltaire, *Un gros mulet*. Ora Miseria,

tens visto o que se diz no Exame critico: para que vem alli aquella tirada, que se diz de Franklin, não sei, nem eu sei que elle tal dissesse nos tres volumes que ha delle, e que tratão de electricidade, e eu li, e relí, não vem tal. A mais taluda jumentada he a que vem a paginas 11. Além da falcidade, e perfidia com que eita em grifo as minhas palavras, que eu não escrevi, diz elle « E tanto que no tempo, em que não havia papel, e os homens escrevião no entercasco das arvores, nos pergaminhos ... nem por isso havia menos pleitos. » Ah Miseria, Miseria, pois estes entrecascos, estes pergaminhos não erão para aquelles o que para nós he o papel de trapos? E onde digo eu que só depois que ha papel de trapos he que ha demandas? Eu digo « Este infernal papel, que os homens acinte sempre buscárão, servindo-se do papyros. » Logo tinhão papel para escrever, e existia, fosse qual fosse a sua materia, era papel de escrever.

M. Essa na verdade parece eu.

Eu. E quem és tu?

M. Miseria, huma sua creada.

Eu. Eis-aqui porque eu o chamo a este papel com quem instituí este Dialogo; e com effeito as miserias seguem-se humas ás outras em tão longo fio, que se não tivêra escrupulo, diria, que contém tantas como os versos da traducção do 1.º livro da Illiada. Depois desta manifesta simplicidade, assentando, que só papel he este papel, dizendo eu, que os homens acinte o buscárão sempre, servindo-se disto, daquillo, e daquell'outro, e que se não houvera isto, aquillo, aquell'outro, que he papel, não haveria os males de que me queixo pelo abuso de escrever:

> .... *Tenet insanabile multos*
> *Scribendi cacoethes* .....

Sahe-se com as orações de Demosthenes contra Filippe, as de Lysias, as de Licurgo, coisa que não existe, e chama a isto « tanta chicana de causidicos » que he o mal de que eu me queixo. Cita palavras que não são

minhas, e diz que eu que faço « huma descripção pitoresca de huma horta ajardinada propria de huma Egloga-soliloquia, em que plantou flores. . . prosegue com hum sermão, fructo da meditação, que a tal charnéca, por ser sitio fresco, solitario, e aprazivel de muitas aveleiras, e sem espiões, em que mostra quanto os homens são traquinas. »

M. He verdade, senhor, que ahi estão coisas que são mais do que eu.

Eu. Sim, mais que Miseria. Eu não faço descripção de horta ajardinada, nem por ajardinar; eu não planto flores, descrevo o sitio solitario em que medito, mas em fim, isto podia ser em ti huma mentira de citação como são todas as outras; mas ha mais que mentiras.

M. Que mais?

Eu. Jumentice.

M. Como?

Eu. Acabas de chamar ao sitio horta; e no mesmo instante a transformas em charnéca, e para que me não enganasse, pões bem espresso o relativo « *qual* » que vem a ser « hu-

ma horta, a qual charnéca, porque dizer horta, e dizer charnéca para ti he a mesma coisa.

M. He verdade que me parece que me esqueceo que estava fallando em horta, e que me esqueceo, que não era charnéca, e assim vem a ser huma horta acharnecada, porque não póde ser hum jardim acharnecado.

Eu. Cala-te, cala-te, que ainda te perdo-o essa, mas como desde o principio te inculcaste por mestraça em bellas letras, aqui te vou mostrar, que és tão hospeda nisso, que nem sabes os primeiros elementos da grammatica.

M. Eu andei oito annos na escóla.

Eu. Pois parece que não andaste lá oito dias. Eu não levanto testemunhos, nem truco de falso. Tu que sabes tantas bellas letras, que diabo de sentido tem esta oração? « *Prosegue com hum sermão, fructo da meditação que a tal charnéca, por ser sitio fresco, solitario, aprasível, com muitas aveleiras, e sem espiões, que mostra que os homens são fraquinas. Ponto.* » Com hum sermão, fructo

da meditação, que a tal charnéca, que he este, que fez a charnéca, onde está, ou se entende o verbo deste nominativo charnéca? Que accusativo he este hum sermão? Miseria, se tu não sabes *fazer* huma oração grammaticalmente, como dizes que os Soliloquios de bellas letras são da tua immediata competencia?

M. Parece-me, que eu não sei o que eu queria dizer.

Eu. Não he parece-me, he que de facto não sabes o que dizes, e chamas-te crítico examinador, tão fóra estás de ti que mandas ao leitor, que veja o exame do IV.º Soliloquio (pag. 4 em nota) e tu ainda agora estás com o primeiro, e nada mais apparece. E então vê-se o que está feito, ou o que te ha de fazer? E se quando tu mandas assim os leitores, os leitores te mandassem a ti? Mas isto não he nada ainda....

M. Oh, senhor, não me deixará?

Eu. Não, porque tu não me deixaste, e eu não tive culpa de irem fóra os *He sem duvida*, lá te avenhas com teu camarada, que pedio o pa-

recer, e até veio com a epigrafe do Le Brun. Vamos á maior de todas as contradicções, pag. 13 §. 2. dizes « *Chamando-lhe charlatão* (á Voltaire) *confundindo-o com o Almocreve de petas, deixa de ser hum literato de polpa, e rarissimo* » Temos aqui dois extremos para se conhecèrem, Voltaire infinitamente acima, o Almocreve infitamente abaixo, pois sou arguido de os confudir: hum he tudo, outro he nada. Pois na mesma pag. 13 §. 3 dizes « Pelo que respeita ao nosso compatriota José Daniel Rodrigues da Costa .... e começas hum pomposo elogio, do que acima deprimes para exaltar Voltaire, e acabas, chamando ao nosso compotriota *relogio de páo.* Isto he que se chama huma satyra em louvor. Relogio de páo! Quando se trata de exaltar Voltaire, põe-se por rastos o Almocreve de petas: quando se trata na mesma pagina do nosso compatriota, põe-se nas nuvens o Almocreve de petas, e chama-se relogio de páo ao nosso compatriota.

M. He porque eu !....

Eu. He porque tu és huma Miseria, no papel não ha ordem do discurso, não ha encadeamento de idéas, não ha clareza, nada prova, nada conclúe: promette fallar de materia de bellas letras, he coisa que não apparece; huma longa pagina, que diz ser de Franklin, que para nada vem. Promessa de se cingir a este folheto, não passa do meio, porque não sabe o que ha de dizer; citações de outros folhetos, *como a mão de vaca de Ulysses*, coisa em que se falla no IV.º Soliloquio, e elle não passa de metade do segundo; do IV.º Soliloquio apontado, passa para a preparação, da preparação passa outra vez ao IV.º Soliloquio, queixando-se de chamar borrachão a Homero, e tudo isto junto *na pagina* 10. Torna para a preparação, e dá huma inteligencia porca, ao que eu digo das operações dos generaes, e tudo hum galimatias como dizem, *os pés para que te quero*; mas em fim depois do elogio do relogio de páo, e da igualdade sustentada até ao fim pelo Almocreve, tão igual que não faltou huma só se-

mana, nunca, lhe adoecêo, nem manquejou o maxo, acabas, Miseria, o teu exordio, e entras na materia importante, que julgas ser o teu triunfo, e o ultimo esforço da tua profunda sciencia em bellas letras, que toda se resume, em te emprestarem o livrinho de Saavedra, coisa tão inutil, tão ociosa, e tão vil, depois de eu ter dito em outro Soliloquio, nomeando este author, que transcrevi *passagens importantes*, e ainda agora asseguro, e declaro, que de outros muitos transcrevi muitas mais, a respeito de Homero declarei que me servirão os pensamentos de Bielfield, e a respeito dos filosofos modernos copiei immenso de Luiz Dutens na sua obra, intitulada *Dos descobrimentos atribuidos aos modernos*; e o li na versão Italiana. Que baixeza de alma he pois, á vista desta ingenuas declarações, vir com o miseravel achado, que dá só a conhecer malignidade? Moliere copiava para as suas comedias; e quando o notavão, dizia « *eu tomo meu cabedal onde quer que o acho.* » e se eu; ó Miseria, continuando o dialogo dos mor-

tos pozer tambem duas coluninhas, huma em Portuguez, e outra em Francez das notas que vem no fim assoalhadas com tanta enfasi de anotações sobre o costume, e theologia dos antigos?

M. Quem tem telhado de vidro, não atira ao do vizinho.

Eu. Disso te devias lembrar, conhecendo, que na repartição de literatura amena, historia, e filosofia, poucos livros ha que eu não tenha lido, porém deixando por ora isto, porque, em fim, eu não quero já agora a vida se não para me entreter comtigo, Miseria, eu só quero rematar com outro ainda maior destempero que os acima mencionados.

M. Pois ha maiores?

Eu. E tão grandes, que huma só vale por todos: acabas o exordio, e conclues com huma invocação, que nem ao diabo podia lembrar. Ei-la aqui « *e vós manes de Bocage, castigo, e açoite dos plagiarios, sêde-me propicios nesta empreza.* » Com protecção, e auxilio tão grande a empreza deve ser a mais ardua, a mais

sublime, a mais heroica que se tem executado. Ahi vai, ahi vai este bravo, e denodado almirante, em a náo Cavallo Branco, buscar os pannos a Tunes, lá vai, lá leva na prôa a grande navalha, com que ha de cortar a cadeia que fecha o porto? Lá vai, lá vai o general Barbaroxa forçar os Dardanelos, lá cahem de huma caxeirada as sete torres, e tremeo nos quicios a sublime Porta. E tu, ó ponte de Montible, tu cahirás tambem: desmedido Galafre, terrivel Amiota, tu já sentes o coração como huma pulga ao relincho do cavallo, em que vai ferindo fogo pelas piteiras com a acha de armas, o invencivel Ricardo de Normandia. E tu Ferra Braz, segura bem os barrís de balsamo, olha que te são precisos para os fendentes, e talhos que descarrega o feroz Oliveiros. Consola-te Gui de Bergonha, que ainda que vás para a forca cercado de dez mil cavallos turcos, lá aperta nas mãos a alta clara durindána o nunca vencido Roldão. E tu tambem ó formosa Floripes, levanta ao ar o cofre das re-

liquias, e deixa-te estar á janela da torre em quanto o cavaleiro peleja! Estou cançado, Miseria, a empreza ainda he maior que tudo isto; e por isso sem o auxilio daquelles poderosos manes não se podião executar, sahião pois os ossos, que estão no cemiterio, venhão auxiliar este homem: venhão os manes Bocagianos ser-lhe propicios...... ahi chegão, ahi estão... Como vem feios, e mirrados? São os mesmos:

» São magros, d'olho azul, carão moreno,
» N'hum dia em que se achou mais paxorrento.

assim fallavão os taes manes, quando erão vivos. Agora ainda fallão, e dizem « aqui estou, eu o original, e bem se vê pelas minhas obras. » Imitado de *Parny*, tirado de *Dorat*, traduzido de *Grecourt*, extrahido de *Lucano*, trasladado da *Jerusalem*, traduzido da *Ovidio*, apanhado de *Voltaire*. Aqui está *Castel*, *De Lille*, *La Croix*, *Tripoli*, etc. Aqui estou eu original, e que tenho de meu huns sonetos, huma farmaceutica tão

destampada, que fazendo eu garatujas., toupeiras, sapos, lagartos para abrandar Elfira com o poder destes adubos, acabo sempre,

Cede a meus versos desdenhosa Elfira.

Tratando-se só, e sempre de saramantigas, que tinhão efficacia de fazer apparecer Elfira, diz o feiticeiro

Cede a meus versos.

Pois se os versos tinhão essa efficacia, para que serve a mão de toupeira? Para que são os cocumelos apanhados á Lua janeirinha! Aqui está o homem original, que vem ser propicio na empreza do enormissimo plagiato. Com effeito, eu não esperava, que a humana demencia chegasse a tanto, que para trasladar quatro palavras, houvesse mister o soccorro, o auxilio, e o patrocinio de hum defunto, que nem o mesmo Parnaso canonizou.

Os montes vão parir, silencio oh terra,
Suspende, oh torto Buonaparte, a guerra!
Já sôa o grande grito, o parto he certo,
Deita a cabeça, quasi descoberto!
Ai! Que bicho tamanho! a cara! a grenha!..
Inda he maior que o lagartão da Penha!
« Recua o mar que o trouxe, espavorido! »
Diz Racine, que rabo tão cumprido!
He o bicho de Chaves, oh Miseria,
Que eu de medo já sinto a dysenteria!

Mis.

Não, senhor, não se assuste, que he hum rato,
Que faz co'as producções o espalhafato!

Acabou-se.

SOLILOQUIO XXVII.

CABELLOS DO MESMO CÃO.

Volvem-se os dias, e não desapparece hum só, que não deixe alguma novidade com que nos entertenhamos no outro dia que vai apparecendo. Ha miólos tão de pedra pómes, tão sêccos, e tão pêcos, e que nem ao menos entendem o titulo de hum livro. Ninguem ignora que as letras, artes, e sciencias tenhão feito grande motim pela face da terra, basta que nos lembremos das accesas contendas, guerras, *pugnas*, dos grammaticos para conhecermos esta verdade. Que balas de papel se consumírão para mostrar, se o *H* era, ou não era letra? Ou se hum *X* era, ou não era hum pandeiro? Se destas guerras, *pugnas* grammaticaes, nos formos adiantando pelo paiz da literatura, veremos os bandos filosoficos, que por seculos dividírão os homens en-

tre si; e eu fui testemunha de rijo sôco, a que tinhão precedido horrendas trovoadas de descomposturas sobre a questão da divisibilidade porque o presidente não respondia aos *objicies* do arguente mais do que com estas intelligiveis, e claras expressões. *Cathegromática*, concedo, *sincathegromática*, nego. E quem fazia este motim? As letras. Faço eu hum livro em que em fórma de Soliloquios exponho esta matinada que as letras tem feito, e fazem, chamo ao livro « *Motim Literario* » que quer dizer *motim das letras*, que fazem os miólos de pedra pómes, e de outra coisa mais compacta, mais dura, e mais torta, começão de grunhir, que eu sou hum amotinador, hum sublevador, e confudem-me com os revolucionarios, e amotinadores das nações! He miseria incomprehensivel! Pois isto he pouco. Apparece hum folhetazio, o mais infeliz de todos os folhetazios, e intitula-se « Paz Literaria. » Vem cá folhetazio panga, quem faz a guerra? Hum author que conta as guerras de Flandres como

Bentivoglio, ou Famiano Estrada, faz as guerras de Flandres? Mas que paz será esta? Accommodar-me a mim guerreiro? Congrassar-me com as letras? Fazer hum tratado de alliança? Não, senhor. Paz literaria, he contar que vinha hum homem gordo pela rua, dizendo, que fez hum epicedio na morte de hum traductor. Paz Literaria, he dizer que entrárão em huma loja de bebidas dois camaradas, hum de Alcantara, outro caçador de botas, que pedirão agua, café, palitos. Paz literaria he dizer que entrárão no passeio dois papelões, e fizerão *xinifesias* a humas damas de janella. Paz literaria, he dizer que hia pela rua de tal, hum pobre frade, talvez dos expatriados, e fugitivos dos barbaros, com hum chapéo elastico, porque talvez lá lhe ficasse o chapeirão que trazia, e sem capote, porque talvez os protectores o deixassem *in albis*, em coiro, e á moda de Adão, e Eva. Eis-qui o que he paz literaria: as condições desta paz, e vassouras, são descomposturas, e manifestos insultos da minha

pessoa, e dos meus taes, quaes escritos. Ora esperará o mundo que eu responda? Confesso, que não sei. Que hei de eu responder a hum homem, que diz de si muito fresco « *Eu sou hum asno, o meu entendimento he hum candieiro sem azeite? Eu vi hum conego com botões de prata?* » Que hei de responder a hum homem, que diz « *Tem-se escrevido*! Responder a isto com razões sólidas, argumentos *in forma*, he ser hum Zé Sandêo,

De longas pernas engoiàdo pinto
Bedel palavras de Jam Vaz Felinto.

Que hei de eu responder a hum folhetazio destampadissimo, em que o author se constitue Soliloquista; o Soliloquio vem a ser, estar o Soliloquista sempre calado, e fàzer de seus Soliloquios dramas em que introduz personagens a fallar, e elle de fóra ouvindo mudo como o mesmissimo Harpocrates? Que taes estão os Soliloquios? Ora se eu lhe perguntasse — Vem cá, homem, ou quem

quer que sejas, pois pareces outra coisa, dize-me, que coisa he Soliloquio? — Soliloquio: senhor, são os homens, e mais as mulheres a conversar nas lojas de bebidas, e eu a ouvir de fóra sem querer ler a gazeta, nem o diario. Soliloquio he hum homem gordo, que hia pela rua conversando com outro, sobre hum epicedio, que tinha composto. — E então isto tem resposta? Pois bastando isto para impugnação do triste folhetazio, ainda ha nelle coisa| mais taluda, desmedida, e desconforme. Quer este homem mostrar que os meus sermões não prestão, porque são tirados de Vieira, de Massillon, e Bourdaloue; quer mostrar que tudo quanto tenho feito he huma parvoice, que sou tão miseravel que nem grammatica sei; que não traduzo bem; que accrescentei trezentas oitavas a Luiz de Camões, etc. etc.; que faz folhetazio panga, não faz nada, faz hum Soliloquio, em que fallão tres, elle panga, hum soldado de cavallaria de Alcantara, e outro caçador de tal, que entrão em

huma loja de bebidas (até agora ainda não tive impugnadores senão em lojas de bebidas) com chicotinho na mão: estes são os dois Aristarcos: parece que para ajuizar de eloquencia, de poezia, de historia, em huma palavra, de producções literarias, devia ao mènos introduzir homens accreditados em sciencia, e em critica, ainda que fossem embora dois soldados rasos, ou dois cabos de esquadra, devião ao menos dar destes homens huma idéa vantajosa, ainda que soldados infimos, a pezar dos chicotinhos, devia dizer que erão do corpo academico, literatos, que por hum instante deixárão o mocho, ou coruja de Minerva, e lhe embraçárão a egîde para defender a patria: nada disto fez o folhetazio; começa por descrever dois consummados peralvilhos, poncheados, afilippinados, aguardentados, marrasquinados, e para que? Para ajuizarem de sermões, e poezias. Sobre a palavra destes dois respeitaveis quarteis mestres, he que o mundo deve crer, sem outra prova, ou demonstração, que os

sermões não prestão, que as odes estão mal traduzidas, que os poemas fazem desaprender, que as decimas são compridas, que os sonetos são cabeçudos, e basta que elles digão, para serem como elles o dizem; e para que a presente idade, e a futura o accredite, sem mais exame, sem mais reflexão, devendo descançar sobre a infallibilidade de dois bebados, que fazem gritando hum Soliloquio.

Eis-aqui os escritores que se appresentão sobre a grande scena do mundo, perpetuando a dysenteria dos folhetazios somniferos, narcoticos, abotiquinados, e affilintados. Assim se dão piparotes na razão humana, assim se chama em altos brados pelo imperio da estupidez.

Tem este desditoso folhetazio (e tão melancolico que parece feito por hum tristão das chagas) por objecto impugnar o Motim literario: parece que devia buscar huma coisa, hum nome contraposto a isto, e dizer, (entendendo, como entende, mal) o termo « Motim » Socego literario; e mostrar a utilidade, as vantagens,

os prazeres das sciencias, que eu não nego, pois só he minha tenção atacar o seu abuso, e a charlatanaria, e o motim que fazem os semidoctos: este devia ser o emprego desta paz, ou *Pax vobis*. Pois nada disto fez. Paz literaria na intelligencia deste atomozinho, he dizer de pleno poder, sciencia certa, e moto proprio, que eu traduzi mal Horacio (se o traduzi mal, e o supprimi, fui muito prudente em não publicar asneiras como elles fazem sem pejo, e sem ceremonia, e não devo ser criminado); e para provar esta paz, devia o folhetazio produzir entre tantos centos de estrofes, huma só estrofe com que comprovasse o seu dito. Paz literaria na intelligencia desta formiguinha he descompôr-me de ignorante em tudo; em proza, em verso, em corpo, e alma. Que tal está a paz, que este homunculo quer fazer, provocando outro com descomposturas? Chama Paz Literaria, dizer que décimas são compridas, quando não pódem ter mais que dez versos, nem menos que dez versos.

Inda bem, que os estrangeiros entendem pouco, ou nada estudão a nossa lingua, se não era huma vergonha contínua ajuizarem do estado da nossa literatura por tão miseraveis producções, que parecem de crianças de escóla, ou como disse entre nós o traductor das materias das tragedias deste author:

Tiradas dos annaes de Manoel Côco.

Se esta paz he como a de Amiens, feita por Manoel Corso, o Platão que appareceo com o Dialogo de Badallo Maçado, he na verdade coisa lastimosa! Conta Badallo Maçado, que duas peixeiras se descompunhão, porque não havia chicharros com caracóes no cabello, como diz o *Motim Literario*. Basta, elles bem me entendem, ahi vai poezia delles:

Grite, chore, *braveje embora o dono*
Longivibruo eu irei pregar-lhe hum mono.
O baixel negro celere desferre,
Que lhe leve huma tunda com que berre.

Negra côlera enlûte-lhe as entranhas,
Já que tem de insultar tão feias manhas.
De estilo azedo resoluto, e bravo
Quinquè dentados garfos eu lhe encravo.
Levo nos hombros *circumtecta aljava*,
Levo nas mãos a chuça horrenda, e brava.
Mesmo algum conjector comigo á aposta
Não me tiras das mãos Badallo, e Costa
O Testorides Calcas extremado
Agoiro tutelar, lhe leia o fado
As venerandas infulas de Apollo
Não lhe tirão do corpo alto carolo,
O filho da pulcricoma Latona
Não lhe véda a *multisona* tapona,
Pois se contra hum pião hum rei se agasta,
Por mais que o soque nunca diz, que basta,
Sempre o odio lhe fica até que o eeve,
E do sarcasmo co'a lavanca leve.
Vivo eu, e olhando a terra mãos violentas
Sem piedade lhe porei nas ventas
Magoas sobre elle chovo, e outras apronta
Em zurzilo terei sempre a mão pronta,
A negras cabras, e agnos finda a peste
Sacro hecatomba, que o despique he este.
Seja quâl fôr o vatecinio expressa
Da literaria paz esta a remessa.
Isto, e senta-se, e pouco escuta órate
Da Donzella Chriseida o amplo resgate.

Este verso tão longo, e tão comprido
De augur funesto foi com a mão medido:
Se com estas verdades tu te escaldas
Não t'armes contra mim, que *os dolos baldas*,
Queres ledo campear, *e que eu fraudado*
Depois de injúrias mil fique calado.
Mas isto a melhor quadra, *e sitio idoneo*
Não te livra de mim Braz Theotonio,
A face *retro volve*; da massada
Juno te livrará a *brachinevada*
O Egidigero jove verdadeiro
A teus versos *outorga premio inteiro*;
Ebrio rosto sem pejo, *a hum cobarde*,
He mais tremendo o golpe se vem tarde
Em forças apostar com rei sceptreado
A hum poetastro esguio ah! nunca he dado!
Tu que fazes os versos tão compridos
Do branco mar co'os olhos destendidos
Pelo pelago negro as mãos alçando,
A' cara mãi, desta arte as vai levando.
Os Gregos nos baixeis encurralados
Fogem de ouvir taes versos destampados,
Tu vais no *Olimpo nubilo* esconder-te
Eu mesmo na *cruxia* vou bater-te.
Feita a deprecação molas despargem
Tu do Parnaso vais deitado á margem.
Jove nubi cogente anphicupello,
Braveja, e grita que te surza o pello

Os ambroziaes cabellos te estremecem
Não se queixem da tunda, se a merecem
D'argentipeda Thetis pelas lapas
E nem de Judas no porão me escapas.
Dise, ó dolozo, sempre à occultas minhas
Em proza, e versos andas de gatinhas.
De espirito furial foste tomado,
Publicando o folheto desgraçado,
Soberba, inveja, presumpção, bazofias
Chamas *Páz Literaria a Xinifofias.*

Te dise, e direi pois somos na quadra,
Coçarei a sarna do cão que assim ladra.
Intenda Longuinhos, intenda Badallo,
Que eu só por prudencia, *mudeço*, e me calo,
São gozos que chião após hum rafeiro,
E a sóva taluda fica no tinteiro.
Mas já que teimosos vão dando materia
Aos raios tremendos de nova Miseria,
Farei que se apupem por ambos os polos
Badallos, Longuinhos, Tominos, e tolos.

SOLILOQUIO XXVIII.

O mundo foi sempre o mesmo, porque os homens forão sempre formados do mesmo barro, e predominados das mesmas paixões, e sugeitos ás mesmas extravagancias. Os velhos, que pela sua idade devião ter mais juizo, são de ordinario sobre este ponto menos acizados, que todos os outros. Não fallão nos seculos passados, que não tenhão os beiços cheios de mel, ainda que delles não tenhão experiencia alguma, ou lhe reste apenas huma debil, e quasi apagada lembrança. Louvão com teima aquelles mesmos tempos de que ouvírão blasfemar seus antepassados, só pelo destampado gosto de desacreditar os tempos presentes, que hão de vir a ser não menos celebrados por seus filhos, quando forem velhos. Ha fanatísmo mais ridiculo, e mais insensato do que este? Para jursir os costumes do seculo corrente se tomão a

SOLILOQUIO XXVIII.

O mundo foi sempre o mesmo, porque os homens forão sempre formados do mesmo barro, e predominados das mesmas paixões, e sugeitos ás mesmas extravagancias. Os velhos, que pela sua idade devião ter mais juizo, são de ordinario sobre este ponto menos acizados, que todos os outros. Não fallão nos seculos passados, que não tenhão os beiços cheios de mel, ainda que delles não tenhão experiencia alguma, ou lhe reste apenas huma debil, e quasi apagada lembrança. Louvão com teima aquelles mesmos tempos de que ouvírão blasfemar seus antepassados, só pelo destampado gosto de desacreditar os tempos presentes, que hão de vir a ser não menos celebrados por seus filhos, quando forem velhos. Ha fanatísmo mais ridiculo, e mais insensato do que este? Para julgar os costumes do seculo corrente se [illegible]

razão de juro, as mesmissimas declamações, e improperios empregados já pelos antigos contra o seu seculo, tão decantado por nós. Não ha coisa que mais nos possa convencer da perfeita semelhança que ha entre os costumes, e caractêres deste seculo, e os dos passados, que tanto pertendemos elogiar. Juvenal, e Horacio não tinhão por certo o dom da profecia, e com tudo em suas satyras a cada passo se encontrão as mais vivas imagens, e os retratos mais ao natural do nosso seculo. Os caractéres de Theofrasto, e os que lhe ajunta La-Bruyere no seculo de Luiz XIV não são os mesmissimos que agora observamos? E que só pode inferir destes evidentes principios, senão que a maior parte das desordens humanas forão commum a todas as idades? Ainda que se não possa negar, que cada idade tenha seus defeitos particulares, e privativos.

Se dermos huma vista de olhos a todas aquellas coisas, que fazem, e fizerão sempre mais estampido no mundo, quero dizer, as monarquias,

e os imperios, nós os encontraremos em toda a differença de tempos sugeitos ás mesmas vicicitudes. Os Egypcios, os Assyrios, os Caldeos, os Persas, os Gregos, os Romanos, os Hunos, os Vandalos, os Godos, á medida, que o tempo volvia sua inestavel, e immensa roda, se levantárão, e engrandecêrão sobre a scena do mundo, e nada mais fizerão que emprestar huns aos outros por algum tempo o sceptro. Os casos mais célebres, as catastrofes mais sanguinosas, que vemos apparecer na Europa desde 1789 apparecêrão mil vezes na Grecia, em Roma, na Assyria, e no Egypto. Hum rei decapitado em Londres, e passado hum seculo outro em París, quantas vezes se vírão ensanguentar, ou as salas do senado, ou os cadafalsos de Roma, e de Constantinopla. Sempre existio no coração dos homens a ambição de dominio, e sempre empregárão as mesmas descobertas violencias, as mesmas tramas occultas, as mesmas traições, estragos, incendios, e ruinas para chegarem a dominar sobre os outros.

Se a esta furiosa paixão de dominar correspondessem as nossas forças, em cada palmo de infecundo terreno brotaria huma monarquia, e ver-se-hião n'hum instante mais monarcas, que vassallos.

Deplorão todos os velhos, sentados n'uma botica (porque os velhos ainda para lá são attrahidos pela centripeta do gamão) ou n'hum soelheiro do monte, a molleza, ou luxo, a crapula, o jogo, e a vaidade do tempo presente; e no tempo do parvoinho imperador Claudio, se perdião em cada noite 400 $ sestercios, e cada hum era por certo mais que hum cruzado. A dissolução de Heliogabalo, as ceias de Lucullo, Crasso, e Domiciano são famosissimas aos mesmos melancolicos historiadores. As mulheres... isso Deos nos livre, erão do mesmo luxo, da mesma vaidade, das mesmas modas, e de peiores extravagancias ainda que as do nosso bom seculo. Achar dinheiro emprestado, era difficuldade, ou impossibilidade tão grande, que andava já em proverbio. O dote de huma noiva, assim como em nos-

sas eras, cobria, e doirava tódos os defeitos, faltas, imperfeições, e baldas da mesma noiva. Não he preciso folhear muitos cartapacios, nem ostentar a muito pedantesca erudição dos antiquarios Romanos para mostrar a violentissima inclinação, que tinhão os antigos, como nós temos aos passatempos, ás galas, aos theatros, á maledicencia, á inveja, á fraude. A quem não faz berrar hum rebatedor, e hum usurario de Lisboa? Pois havia destas entranhas de ferro na antiguidade, assim como agora as ha. Talvez que as esquinas de Roma estivessem tão espequadas de salteadores como estão agora as da nossa captiva, e desaventurada capital. As modas que andão agora em voga, forão buscadas do longo desterro em que estavão, e esquadrinha-se nas pinturas antigas, os penteados, e golilhas á moderna, esguias estatuas gregas, parece que se tirárão das ruinas de Athenas para passearem em Lisboa. Tudo isto quer dizer que os caprichos dos homens sempre forão estaveis na sua mesma inestabilidade, e que recorrendo de es-

paço a espaço por falta de novas idéas, ás idéas já velhas, e carunchosas, manifestão claramente com estes procedimentos, que os nossos costumes forão sempre os mesmos, e modelados sobre o existente exemplar da fragilidade humana.

E será assim tudo isto que eu acabo de rosnar por entre os dentes comigo mesmo? Não. Neste seculo ha alguma coisa, que não houve nos passados, estes ginjas incontentaveis, e rabujentos tem alguma razão. Pois os Portuguezes de agora são em sentimentos, em honra, em intrepidez, em caracter os mesmissimos de ha hum seculo? (para me não ir intrometter agora com as coisas dos quinhentistas?) Houvesse embora as mesmas paixões os mesmos vicios, as mesmas teimas, o mesmo ridiculo. Agora ha huma coisa nova. A parvoice, e o descaramento, ramificações estendidas para cá de venenosa raiz da revolução Franceza, das doutrinas, e da mania Franceza. Nos botequins antigos, que enfeitávão as soberbas faxadas, e sublimes porticos com hum rosario de

cascas de limões, não se via huma dourada, e soberba taboléta, que entre grandes emblemas mostrasse a figura da fama, que com huma trombeta, e inchadas bochexas annunciasse ao mundo ocioso, que alli dentro se dava cabo dos intestinos com infernaes beberagens: entrava hum homem ás escondidas nestes raros, e antigos botequins, bebia seu cópo de rosasolis, unico licôr conhecido neste Reino, e quando o luxo começou a estender o seu dourado sceptro, bebia-se huma tigella de café, sahia á pressa hum homem muito rebuçado, e deixava dentro as moscas, e huma mulher ramelosa que medía a tal tigella. E então não offerecem elles agora hum espectaculo novo, e não sonhado por aquelles bons tempos? Que sala de palacio ha mais dourada que estes domicilios da crapula, da ociosidade, e da impostura? Menos tumulto se faz no assougue no dia de entrudo, que alli se escuta a todas as horas.

A' roda de bancas de finissimos jaspes estão sentados, como em alto parlamento os descendentes dos he-

rões, e dos sábios; e que se escuta? parvoices. Alli está sentado o medico, o causidico, o rodamante militar, e está com elles, e no coração delles Napoleão o grande. Alli está feito estatua muda de Harpocrates, e verdadeiro pitagorico, o respeitavel, ou o ridiculo, e estupido irmão Maçon. Que torrentes de alta geografia alli se derramão! Mais facil he de contar o expediente infinito dos copos que se emborcão, que os erros crassissimos que elles dão nesta preliminar sciencia da ladroeira imperial. Alli abre o causidico as pandectas, e a instituta de Caco, e de Cartuche, e mostra pelo digesto do pinhal d'Azambuja, e Espinhaço de Cão o legitimo titulo com que se empalmão agora os reinos, se cativão, e afugentão os monarcas, saqueão as capitaes, e se impõem contribuições; alli mostra pelo testamento das Harpias como tudo pertence a Napoleão, e seus confrades: e por hum senatus-consulto dado por Harpalo, e Barbaroxa patriarcas dos piratas, e orágos das freguezias de Argel, mostra a legitimidade com que Junot

alimpa as paredes do palacio do Lumiar, e as salas do Ramalhão; e isto com hum ar de tanta ingenuidade, que parece que está expondo os justissimos fundamentos da lei dos vinhos do alto Douro, e as providencias da lei testamentaria. Deixa escapar de espaço, a espaço as palavras de « castigo dos rebeldes d'Evora; e conta com enfatico espanto o ataque da Ameixoeira, protestando mostrar cartas de hum amigo que lhe diz, que não era o sirio mas as guardas avançadas de hum exercito que occupava as alturas da serra de Monte Junto ». Todos, como se fallasse o pai Eneas, se conservão em estupido silencio, e tem humas boccas tão abertas, e profundas, que seria mais facil entulhar o Baltico.

Está o medico impando por lhe tomar a palavra, espera-se ouvir hum orador da camara dos communs, que propõe hum bill, em que vão os destinos da companhia de Bengala: *Surgis tu pallidus Aias dicturus dubia pro libertate, bubulco indice.* Hum medico não gasta exordios « Recipe, »

morra: » isto he mais laconico; que o impurrão do carrasco ao miseravel padecente das escadas da forca: e assim sem captar a benevolencia, porque qual será a alma christãa, que tenha a hum medico do partido Francez? Começa. Os portos meridionaes da America devem ser fechados aos Inglezes, para se ultimar a paz maritima (como se elles não tivessem bombardas á disposição de Smith para os fazer abrir) este remedio anodino-diaforetico, póde estender a estancia do systema muscular da existencia daquelle estado, porque aliás Sua Magestade o imperador e rei, marchará pelas praias da California, até á margem direita do Piauí, e bem depressa nos trará o Monitor até o nonagessimo boletim das operações do exercito em Socoterá, e com meia proclamação que elle faça aos póvos do Cuibá, organizará as authoridades constituidas na capital do Seará. Eu juro pelas barbas e bigodes do Grão Mogol, que já ouvi hum semelhante aranzel com quasi todos estes destemperos a hum enterrador em tra-

quitana. E então não he isto huma coisa nova em Portugal, e que os seculos antigos nunca escutárão? Pois eu ainda ouvi mais com os meus ouvidos em a loja de hum livreiro. Hum parocho de huma freguezia, muito mysterioso, e silenciario, como Chabot, ou Camillo des Moulins, chegou á barra, e disse. Em todas as universidades, não devo explicar-me assim, porque a palavra universidade he semigotica, em todos os institutos nacionaes do mundo, devia instituir-se huma nova cadeira, como se fez nesse chavascal de Coimbra a de mineralogia, para huma nova sciencia, que he esta « admirar Napoleão o Grande, as épocas da sua vida se devião reduzir a curso de leitura, e começar no primeiro anno a admiração geral da sua grande pessoa como tenente de artilheria, até se consummar o curso das admirações, subindo o candidato até ao gráo de doutor admirado: e desta faculdade se devião tirar os homens habeis para o corpo diplomatico! Eu aposto, que n'huma academia de S. Martinho se não di-

rão mais despropositos! Pois ainda disse mais este extraordinario homem. Fallou-se do monstruoso tribunal de La Garde, de que Deos me vai guardando. « A policia está agora bem montada ,, já não tem entraves. » Isto tudo são palavras suas tão formaes, que ainda me parece escutalas, como escutei de sua propria bocca. Eu desafio Horacio, Juvenal, Persio, e todos os espancadores dos vicios dos antigos seculos, que me apontem manqueiras semelhantes. Não he o mesmo mundo sempre, e ao menos se em os homens houve sempre os mesmos vicios, ha agora huma coisa nova, que he a dóze da estupidez, que elles não tiverão.

SOLILOQUIO XXIX.

Os homens de letras sempre tiverão os mesmos privilegios, que agora tem, e de que gozão com posse pacifica, e immemorial; nunca tiverão nem mais ventura, nem mais honra,

nem mais crédito do que agora tem. Hum dos seus primeiros privilegios he escrever mal, muitos dizem coisas de Anjos com caractéres de demonios. O mesmo Carlos Magno (que Buonaparte chama seu predecessor) e foi o restaurador da República literaria, fazia seu nome com tão empessado, e accelerado caracter, que o seu mesmo historiador Eginardo, deixou escapar da penna para seu elogio, que não sabia ler, nem escrever. Bemdito seja mil vezes aquelle engenhoso Allemão, que achou a arte de imprimir: com este invento, que custou, não sei dizer se mais vinho, que oleo, poupou elle a quantos literatos existem, e existirão hum ingrato trabalho, e applicação que lhe podia custar não menos que os dois olhos que tem na cára. O que no principio a authoridade de escrever mal, era huma simples permissão, concedida para uso dos eruditos, tem agora força de lei inviolavel, e tão vigorosa quanto o pódem ser as do codigo Theodosiano, que prohibem metter foice em seara alheia. Mas escrevão os litera-

tos o peior que quizerem, e poderem, que os impressores, mestres em latrocinio typografico, sabem fazer de hum escrito, em pessimos caracteres, e que ficaria para sempre ignorado pela materia, e pela fórma, hum volume admiravel, com magestosas margens, com os nitidos caractéres de Didot, e de Bodoni, com targes finissimas, vinhetas elegantes, e sobretudo com frontespicios eternos, que tudo promettem quanto he possivel, e alguma coisa mais do que he possivel.

Hum Mss. authografo vi eu menos intelligivel que a letra dos que tiravão de processo no principio do seculo passado, que continha quatro parvoices pedantescas sobre duzia e meia de regras grammaticaes, em fórma de cartas a hum amigo, que cahindo nas mãos de hum livreiro o preparou assim para a impressão «Cartas, observações, dissertações historicas, scientificas, moraes, mathematicas, medicas, criticas, chronologicas, hermeneuticas, escritas segundo o gosto do seculo corrente pa-

ra utilidade dos grammaticos erudítos, illustradas com muitas annotações e commentarios do mesmo author, enriquecidas com prologomenos, testemunhos dos authores, e notas de varios, escritas por N. N. doutor em ambos os direitos, academico de Londres, París, Bilbáo, Calecut, e Ternate. Dadas á luz por N. N. etc. etc. Quem ler attenta, e pacientissimamente todo o frontespicio do Diccionario de Bluteau, verá, que o titulo, que podia ser « Vocabulario da lingua Portugueza » he formado pelo alfabeto desde *A*. até ao til, e *y*. por quantas materias, artes sciencias, inventos, e caraminholas até agora tem sahido dos miolos humanos. Este primeiro privilegio pois dos eruditos, de escrever como satanaz, he remediado pelos livreiros, e impressores, dando á luz aquillo mesmo, que até materialmente ficaria envolto em perpetuas trévas.

Outro privilegio dos eruditos do seculo, he escrever tudo ás avessas do que escreverão os outros. Este seculo he muito inclinado, e atrei-

to á crítica; os mesmos louvores passão por descaradas adulações, se não deixão transpirar mais sátyra que panegyrico. As duas particulas grammaticaes « Se, e Mas » são mais fataes á memoria, e ás obras dos grandes homens, do que erão aos antigos navegantes Scylla, e Carybdes. Quantos historiadores as tem deixado cahir da penna? Grande principe seria F. *Se* se soubesse regular a si mesmo! Aquelleoutro seria hum ministro incomparavel *Se* não fosse tão vil, e irresoluto. Que prelado tão cheio de merecimento, *Se* não fosse huma harpia! Que Senhoraça tão cheia de espirito, *Se* não fosse huma Messalina! Eis-aqui hum dos mais authorizados privilegios dos conspicuos literatos deste seculo, e a nova arte de escrever os feitos alheios com grande urbanidade, sem o fel de Tacito, e sem o amargo, e mordacidade de Suetonio.

Examina hum medico os assassinadores systemas dos outros, e exclama mil vezes « A idéa do livro he magnifica, *Mas* não he nova. » São

assizadas as observações, *Mas não se* ajustão á experiencia. Promettem-se grandes coisas, *Mas* não se encontrão mais que polidas, e castigadas expressões. E quanto he interminavel a authoridade, e o imperio dos que se dizem criticos de profissão! Onde quer que achão hum livro, ainda que seja n'hum botequim do Rocio; alli logo em cima de huma meza, levantão hum tribunal, e nas balanças do proprio entendimento purgado com huma boa dóse de ponche, atirão ás cegas, de ponta, de revez estocadas, e cutiladas sem fim, trinchão o pobre livro como se fosse hum pato, e mordem, e mastigão sem dar quartel a ninguem. Bramem, e berrão de raiva, e impão de dôr os authores já mortos, passeantes pelos campos Elysios; e os vivos dão com a cabeça pelas paredes; mas a lei he inviolavel, e não padece appellação. Expondo a estampa huma obra qualquer que seja á luz do mundo, expõe tambem no pelourinho o seu author concedendo a qualquer homunculo de quatro letras, para lhe fazer impunemente

o processo, e para o sentenciar, segundo os gráos da sua malevolencia, e ignorancia: hum livro máo merece censores mais do que os outros, mas hum livro bom encontra sempre mais censores, que os livros mais ineptos. Os primeiros que os desacreditão, ultrajão, são os que menos o deverião fazer. Quem diria que os mais encarniçados críticos dos livros, e os mais acres inimigos dos livros são os livreiros editores! A inveja que huns tem aos outros os obriga a reimprimir livros bons com certas prefacções mentirosas, e com tantos erros typograficos, que os desacreditão, infamão, e fazem aborrecer, e abominar. Eisaqui a razão, por que o célebre Descartes sentia exaltar-se-lhe a bilis tanto com humas semelhantes reflexões, que chegou a tempo de não querer ler nem hum só livro impresso, clamando furiosamente, que a estampa trouxera aos homens mais calamidades, que beneficios. Com effeito, este previlegiado fanatismo, que invadio os literatos de todos os seculos de se tirarem huns aos outros o pão da

bocca, e a penna na mão, tem multiplicado de tal maneira as impressões, que se contão mais volumes que sciencias, e poucas são as palavras de qualquer lingua, por mais rica, e abundante que seja, para igualarem o número dos livros estampados em a mesma lingua. He verdade, que quando se lêm, se encontra ainda nos que parecem mais oppostos, e contrarios, huma perpetua similhança, mas pouco importa isto, porque he mais hum privilegio dos literatos poder roubar impunemente os outros, e estampar, ou imprimir em mil livros a mesma coisa. Os ladrões dão ao fato que roubão hum tal ar de novidade, que seu mesmo dono passeia junto a elle na feira da ladra sem o conhecer; mas o furto literario, he mais descarado, sem ceremonia, e com toda a franqueza se aproveitão dos escritos alheios. Tem-se dourado em nossos dias este procedimento, chamando a estes milhafres compiladores, e ha muito tempo, que elles occupão hum lugar muito respeitavel na República literaria. Já Horacio

dizia, que para não entrar neste rol se queria voluntariamente condemnar a hum perpetuo silencio. As coisas vão tanto ás avessas, que os menos estimados são os ladrões mais engenhosos, e mais acautellados a quem dérão o nome de plagiarios. E destes estão cheias as livrarias, e nellas he melhor acolhido, quem mais carregado entra de hum saque mais volumoso. Não leio livro algum da officina franço moderna cujas observações, por mais bellas que sejão, me não lembre ter relido antecedentemente em outros livros. Quando eu fui condemnado a leitura de Plutarco tanto nos tratados moraes, como nas vidas, e parallelos de homens chamados dos grandes, fiquei com a cabeça cheia de coisas pegadas, e cozidas estreitamente na memoria; quando pelo andar do tempo me fizerão pagar outra condemnação da leitura de Jaques, de Montesquieu, de Mably, e de outros senhores, mais hia admirando achar escrito o que eu ha tantos tempos tinha estampado nos cascos. Ora se a regra de tres aqui tem lugar,

mais soberbo que Newton com os seus calculos, posso dizer: se de hum livro só se furta tanto, de tres mil livros, quanto se terá furtado? Desta arte tratados scientificos de curta, e limitada extensão, crescem facilmente em grossos, e volumosos volumes. Desta arte se enchem de livros com muita facilidade as bibliothecas, almazens, e lojas em tanta copia, que não bastão os tomos mais taludos para conter o catálogo. O unico conhecimento de seus extravagantes frontespicios, se reputa já huma nova sciencia para que não basta a vida de huma sogra. Isto se devia esperar, depois que por meio da estampa se achou a maneira de multiplicar sem fim as palavras dos homens. Para certos homens loquazes de natureza, o fallar desde pela manhã até á noite, e estampar hum livro, he huma mesma coisa. Vai hum compilador de variedades, colhe cem coisas de cem escritores, ora disparadas, ora contrarias, escogita hum epigrafe de hum poeta velho, que tenha tanta relação com a fazenda junta,

como tem a verdade com os Francezes; reduz a coisa a capitulos, que não tem nem cabeça, nem pés; põe-lhe hum titulo, a que o conteúdo nos autos de nenhuma maneira corresponde, e atira com tudo isto para o meio do mundo, e eis-aqui hum livro novo. Grande privilegio da moderna literatura! Os mais qualificados despropositos parece, que recebem da imprensa huma tal, ou qual apotheosi, que consagrando-os á eternidade, os fazem veneraveis. He mais seguido, quem mais sabe impôr. O seculo ama perdidamente o engano, e a impostura. Não ha ostracismo, que proscreva estes maniacos literarios. Elles se arrogão o absoluto imperio do mundo, isto he de todo aquelle mundo, que se ajunta nos cafés. Ainda ha mais hum novo privilegio neste seculo para os intoleraveis literatos, para serem conhecidos, e apontados por taes, já não são precisos livros, bastão folhetos. Não cahe em huma desabrida manhã de fevereiro tão copiosa huma chuva de pedras, quanto cahe basto o chuveiro dos folhetos nesta

desgraçada era. Muito menos codornizes cahírão no deserto, para sustentar seiscentos mil Israelitas, menos demonios entrão em huma praga de Algarvio, menos mentiras tem pregado os editaes Francezes, que folhetos tem cahido, e devem cahir ainda na loja da gazeta, e botequins de Lisboa! E onde iria eu buscar similhanças se visse os folhetos, e broxuras de París? E haverá depois disto quem negue, que a ignorancia triunfa, que a filosofia não tem que vestir, e que o verdadeiro saber mendiga o pão á porta dos grandes, sem achar hum Mecenas que delle tenha piedade?

SOLILOQUIO XXX.

As causas das preoccupações humanas são em parte intrinsecas ao homem, e o são de tal maneira, que dellas senão poderá despojar, se não se despojar de si mesmo. E tanto mais envelhece o mundo, tanto mais peio-

ra nesta hereditaria, e natural molestia, porque multiplicando-se com o tempo os objectos que fazem impressão sobre nossos sentidos, se multiplicão tambem as causas dos nossos erros de entendimento, que quasi sempre se deixa regular pelos sentidos. Nós antepomos as coisas sensiveis ás intellectuaes, e somos ignorantes por herança, e por natureza, qualquer declamação tem para nós força de hum bem fundado discurso, toda a ficção nos toca, e nos deslumbra mais que a verdade: qualquer sofisma nos prende mais que huma demonstração mathematica. He mais que verdade, pela experiencia quotidiana, que sobre o nosso espirito o exemplo alheio tem mais força para nos persuadir, que a segunda espraiadissima Filippica de Marco Tullio, porque o espirito está mais sujeito aos sentidos; e quando se chega a dizer senti, vi, e toquei; faça o mesmo Archimedes quantas rectas, quantas curvas, spirais, e perpendiculares quizer, para demonstrar-me geometricamente o meu engano, com licen-

ça do senhor traçador das linhas, eu não creio, nem hum zero.

Deste principio vem igualmente o costume tão inveterado hoje de julgar das emprezas humanas, mais de pressa pelo seu exito, do que das circumstancias e dos meios, por que estes meios mais do que o exito, pedem huma seria, e desapaixonada applicação de que nem todos são capazes. Cahe de hum salto mortal hum ministro da graça de seu amo, nada mais se examina, por força ha de ser hum traidor, hum falsario, hum indigno, como se para precipitar hum privado não houvesse nos mesmos amos hum fundo de malignidade capaz de tudo. O grande Napoleão meu amo me manda proteger-vos, eu vos protegerei. Se o tal grande Napoleão désse hum cambapé a Junot, por ventura haveria alguma culpa neste privado? Não porque mandando-o Napoleão roubar, elle o tem feito de tal maneira, que enche não só as medidas, mas as esperanças de seu amo. Por ventura não se poderão combinar neste mundo circumstancias taes, que

fação parecer perfido hum Seneca, e muito bem morigerado, e bom patriota o alcaide Negrete?

Sahe huma vistosa rapariga da pobreza, e do desprezo á luz deste mundo, e traz hum vestido mais apparente que rico, e em cada hum dos folhos, os que entendem de cifra, pódem ler esta inscripção, sahiria mais aceada, mas não posso. Por força hade ser a pobre mulher huma Phryné, como se não podesse haver Penelopes que vestissem de dia com decoro, depois de terem passado insomnes a noite antecedente a ensaboar, e engomar: ou como se aquelle vestido não podesse ainda estar registado para que se não perca em o livro de algum fanqueiro piedoso daquelles de boa, e antiga impressão! Passeia hum mancebo abaixo, e acima pelo Rocío, sendo já passadas duas horas depois da meia noite, e subitamente chamão a este homem hum vicioso, hum vagabundo; mas quem sabe se o mesquinho anda assim no meio da rua porque não tem eira, invejando no meio de seu des-

amparo a propria cuba de Diogenes? Jaz aquelle incognito, toda quanta he huma manhã de maio dentro de hum botequim, e só por isto ha de ser sem réplica hum novellista, hum negligente, hum poltrão, e quem sabe se aquella ociosidade seja a mais fina industria para pilhar na meza alheia hum jantar, porque em sua casa não tem agua, nem tem lume?

Ao infiel testemunho dos sentidos a que ordinariamente nos reportamos em nossos juizos, eu devo ajuntar á força das paixões, as quaes de tal maneira nos assoberbão, e senhoreão, que por nossa vontade extinguimos de hum assopro aquelle ténue vislumbre de razão, que a desobediencia de Adão, não chegou de todo a apagar. Eis-aqui a segunda causa das preoccupações vulgares, que estendendo sua tyrannia desde o entendimento até ao coração, do erro ao vicio, insensivelmente nos trasportão. Enganados dos sentidos não amâmos a virtude por si mesma, mas pela recompensa que lhe está promettida.

A' luz desta lanterna, eu cami-

nho como outro Diogenes, pelo mundo inteiro, e posso dizer, que me rio ainda mais que Democrito. Para ler francamente a intrincada cifra deste mundo, he preciso antes que tudo, como acontece nas linguas Latina, e Franceza, dar o seu verdadeiro som áquellas uniões de letras, que se chamão dithongos, quero dizer, destinguir, e separar nos homens aquelles duplicados caracteres, com cuja ajuda, elles vestem o vicio com a libré respeitavel da virtude. Aquelle riquissimamente areado, e ataviado, mas duro, incivil, e intratavel, he hum composto ou para melhor dizer, hum dithongo de homem, e de estatua; aquelleoutro que cospe em cada tres palavras quatro sentenças, com que pertende desde hum botequim do Rocio, sem mais estudo que a praça de ocioso que alli assentou, he hum dithongo de doutor, e de jumento. Aquella, cujos olhos estão cheios de amorosos deliquios, mas feia, velha, e desengraçada, he hum dithongo de furia, e de mulher. Mais de vinte com os cofres pejados de ouro, mas

sordidos, mal vestidos, e crueis, são huns dithongos de negociantes, e de harpias.

Não bastando o vicio mascarado de virtude para acredítar similhantes pessoas, esforção-se para conseguir este fim em mascarar a mais sólida virtude alheia com o horrivel aspecto de vicio. Se frequento a Igreja, para elles, sou hum hypocrita, se não estrago o dinheiro no Izidro, em funcções, e em vestidos, sou hum sordido, hum interessado, hum avaro. Se vigio as filhas, e a mulher sou hum gotico, e hum sofistico. Se passo as noites, e os dias retirado, e sobre os livros, sou hum estoico. Se me mostro superior ás preoccupações da plebe, sou hum atheo. Desta arte, dando ás virtudes alheias hum ar artificioso de vicio, dão a seus proprios vicios todo o ar da mais sólida virtude: porque a estolida multidão não os reputa capazes daquelles excessos, que elles reprehendem nos outros com a testa tão franzida. E com tudo isto as coisas vão hoje em dia muito ás avessas. Neste nosso

tempo tão fertil em contrariedades depois da illuminada dominação Franceza, hum Milon he que mais que todos declama contra os homicidios, hum Catilina contra os rebeldes, hum Verres contra os ladrões, e contra os prepotentes hum Sejano, ou hum La Garde.

Sendo o homem por natureza tão inclinado ao erro, obsecado pelas paixões, e pelos sentidos, como se poderá desatolar das falsidades, e imposturas, nas quaes se ataca a cada momento, e que são a terceira causa das grosseiras preoccupações a que vivemos sujeitos? Não fallo das tramas que nos armão os charlatães, que apparecem com cartas de cirurgiões de París para fazer milagres na arte obstetricia, creião-os as revendonas da praça « *Credat Judeus Apella.* » Já mais faltárão no mundo mil outras imposturas, mil outras pirolas mais bem douradas, capazes de fazer cahir na costella os passaros de bico mais revolto. Os mesmos Homeros com a penna na mão, muitas vezes dormem, e os mesmos Catões se dei-

xão cegar da presumpção de não errar. O amor desordenado á vida nos faz idolatrar as decisões de hum medico, que para qualquer doença tíra da algibeira por sorte as suas misteriosas receitas. O amor desordenado á fazenda, nos faz pender da bocca de hum causidico, que dos institutos municipaes, das leis patrias, das pandectas, e do digesto, não sabe outra cousa mais que o nome. O amor desordenado de nos engrandecer sobre os outros, com medalhas, e divisas nos faz ter em opinião de oraculo hum ministro, cuja politica as mais das vezes consiste em levar agua ao seu moinho, antepondo suas paixões, seus interesses, e seus caprichos á utilidade do estado. Todos temos alguma preoccupação, porque em fim todos somos homens.

como tem a verdade com os Francezes; reduz a coisa a capitulos, que não tem nem cabeça, nem pés; põe-lhe hum titulo, a que o conteúdo nos autos de nenhuma maneira corresponde, e atira com tudo isto para o meio do mundo, e eis-aqui hum livro novo. Grande privilegio da moderna litteratura! Os mais qualificados despropositos parece, que recebem da imprensa huma tal, ou qual apotheosi, que consagrando-os á eternidade, os fazem veneraveis. He mais seguido, quem mais sabe impôr. O seculo ama perdidamente o engano, e a impostura. Não ha ostracismo, que proscreva estes maniacos literarios. Elles se arrogão o absoluto imperio do mundo, isto he de todo aquelle mundo, que se ajunta nos cafés. Ainda ha mais hum novo privilegio neste seculo para os intoleraveis literatos, para serem conhecidos, e apontados por taes, já não são precisos livros, bastão folhetos. Não cahe em huma desabrida manhã de fevereiro tão copiosa huma chuva de pedras, quanto cahe basto o chuveiro dos folhetos nesta

á minha razão, e até á minha experiencia á authoridade de profanos escritores, se elles forão homens como eu, sugeitos aos mesmos erros, e preoccupações? São acaso muito ligeiras, e escassas as trévas que sobre a verdade esparge a minha natural ignorancia, para eu ir ainda em cima, mendigar as misteriosas sombras da antiguidade mais remota; e o fumo da extravagante fantasia alheia? Muito mente quem vem de longe, isto he, de longas vias, longas mentiras. E muito mais póde mentir quem escreveo livros para serem lidos, dez, e vinte seculos depois? Não mentirá o que vem de tão longe! Sem este privilegio de mentir, não examinando a propria razão, mas confiado na authoridade alheia, não diria Lactancio, que a figura da terra era plena, e outro grande sábio não se deixaria tão levemente persuadir, que não havia Antipodas; e outros muitos não terião acreditado, que era inhabitavel, e inhabitada a Zona torrida, que nós sabemos ser a melhor porção da terra. Qual seria o homem que não en-

doidecesse se désse credito á authoridade dos bolletins vindos das margens do Oder, e do Vistula? He muito grande a authoridade de hum general, quando elle no campo, chamado da honra, escreve, e dá o *detalhe* de huma victoria ganhada. E então movido com esta authoridade acreditarei eu que existe a aldéa de Serpentina, que ainda senão edificou em Portugal.

Para me não deixar arrastar deste privilegio, que os escriptores se arrogão, desde os primeiros annos das minhas inuteis, e infructuosas fadigas literarias, eu procurei fazer-me hum bom chymico, e tirar o antidoto do mesmo veneno, que me propinavão, pescando nos mesmos testemunhos dos antigos argumentos, e os testemunhos de lhe não dar crédito. Qual he o escritor antigo, ou moderno, por célebre, e nomeado que seja, cuja authoridade não tenha sido, ou desacreditada, ou escarnecida? Aquelle Herodoto, chamado por Cicero, pai de toda a historia, he chamado por muitos pai de toda a mentira. Ateneo, cita

por escarneo Platão, e Aristoteles tidos, e havidos por dois oraculos da antiguidade. Suetonio reporta-se muito á authoridade de Plinio; e Plinio desacredita-se a si mesmo, quando falla com Vespasiano, e lhe diz, que tudo quanto escreve nos seus livros, erão leituras, e retalhos de alheias composições. Decidio Aristoteles, que as mulheres podião estender o termo da prenhez até o mez undecimo, e Hyppocrates com mais razão clama, que este termo não podia passar do decimo mez, sobre tão estrepitoso processo deo Adriano huma lei na conformidade do parteiro Aristoteles, Justiniano revogou esta lei com hum decreto, que uniformava com o parecer do parteiro Hyppocrates, levantando-se outra questão de mulheres paridas. E posso eu pegar-me a algum systema, propôr-me algum author á vista de cujas decisões eu juro *In verbo Magistri*, e dizer, que as coisas são taes como elle escreve, quando vejo que a authoridade dos primeiros luminares do mundo, he não só controvertida, mas

desacreditada? A escravidão mais vergonhosa he a do entendimento, e sugeitarei eu este entendimento a authoridade de hum charlatão velho, que me diz em hum livro de fysica, que o arco da velha, posto desta, e daquella parte, he hum presagio infallivel da qualidade, e da quantidade da colheita do grão, e do vinho daquelle anno? Que os cometas ameação fataes vicicitudes aos monarcas como senão houvesse cometas senão para os monarcas, e eu os tenho visto fataes até para o Isidro, que lhe a limpão de tal sorte os pratos que vem á mesa, que lhe tornão lavados para dentro? Que os eclypses do Sol, e da Lua, os fogos fatuos, as auroras boreaes, pronostição revoluções, doenças, muita melancolia nos prezos, e muita mentira nos gazeteiros? Miseravel condição da humanidade. Apparece em Lisboa hum franchinote com a máquina electrica, e faz público que com ella cura todas as doenças, he accreditado sobre a sua palavra; vai lá hum pobre homem, que tinha huma belida em hum olho, ap-

plica-lhe a máquina, dá-lhe hum choque electrico em ambos os olhos, e vaza-lhos fóra. Tanto póde a authoridade, e o exemplo alheio! Pergunta-se ás mulheres porque andão núas no pino do inverno? Porque vírão huma boneca que veio de França, e vinha assim vestida. Pergunta-se a este, e áquelle porque antepõe o esplendor da Lua ao esplendor do Sol, dormindo de dia, e vigiando de noite? Porque o magisterio das cozinhas, e das mezas se reduzio a volumosos tratados de chymica, e de geometria, com tantos extractos de quintas essencias do prezunto, e da perdiz, com tantas proporções de angulos, de cilindros, de diagonaes em pôr quatro sôpas, e dois fricacés em cima de huma meza? Porque os outros assim o fazem, e assim dizem, e basta que se diga e que se faça, para imitar, seguir, e abraçar. E he possivel que a authoridade, e o exemplo alheio pervaleção ao lume mais vivo da nossa razão? Tudo o que he de authoridade puramente humana em materia de letras, modas, caprichos, e opiniões

tem hum grande adubo de impostura não me cativará jámais a razão, sugeitar-me-hei se eu quizer, ou porque sou miseravel como os outros filhos de Eva.

SOLILOQUIO XXXII.

Houve tempo, em que se reputou, e admirou por hum prodigio de habilidade, aquelle homem que escreveo, e encerrou em huma casca de noz toda a voluminosa Illiada de Homero. Prodigios desta qualidade, de encerrar o grande em pequeno, e de restringir o muito em pouco de huma maneira transparente como o cristal, são no dia de hoje tão frequentes, que já não fazem admiração. Basta vêr hum pequeno toucador de huma mulher, nelle estão encerradas as tres maiores feiras deste reino, Evora, Vizeo, e Golegã: alli se achão lojas inteiras de pentes, de espelhos, de córes de pós, de perfumes, de mascaras, de fitas, de flores, de gade-

lhas postiças, de perolas, de joias; alli está tambem huma loja de papel, em escritos, e a loja da gazeta em novellas amorosas. O quintal que tem na Porcalhota o cavalheiro F. parece-lhe a elle hum condado, lá não ha mais folgo vivo humano que o caseiro, e a mulher que he hum dragão; eis-aqui todos os vassalos daquelle principado. Ouve-se discorrer este cavalheiro em hum café e desde logo vemos mais que a Illiada de Homero na casca de noz, porque em tão pequena coisa elle mette tudo quanto ha no mundo. A cada quatro palavras, elle deixa escapar da bocca « o meu morgado, as minhas lavras, as minhas manadas, as minhas adegas, os meus criados, as minhas juntas, os meus lacaios. Quem quer vêr a torre de Babylonia, e o colosso de Rhodes? Veja aquelle petimetre de quatro palmos de altura, que fundio todo o seu capital para comprar hum relogio de repetição, e a cada quarto de hora o faz soar trinta vezes para que todos o oição, e repimpado em hum café, decide do exito da guerra da Porta,

entrega a quem lhe parece a Valaquia, e a Moldavia; manda Constantino para Bessarabia; organiza o exercito da Prussia, como se elle visse os movimentos todos dos farropilhas de Napoleão, desde o alto do monte Olympo. Huma mulher namoradeira, he huma imagem em miniatura de todo o laberyntho de Creta; hum arrematador de commendas, he hum mar mettido em compendio dentro de huma pôça, que quanto acha, tudo acarreta para a sua praia. Hum adulador he huma náo em pequeno, que veleja á feição do vento; hum politico, he hum esboço de hum grande arsenal, onde sempre se trabalha, e nem tudo se põe em obra.

Tenho visto alguns espelhos de admiraveis, e raras qualidades, huns multiplicão sem fim os objectos, que se lhe apresentão, outros representão os mesmos objectos ás avessas. Mas perdêrão para mim, não só a raridade, porém a estimação estes espelhos, producções da catoptrica, depois que vi que todos os olhos do mundo possuem por excellencia es-

tas mesmissimas propriedades. Dizem-me, que aquelle official de fazenda (quando a havia neste reino antes que as aguias a empolgassem toda) tem só quatrocentos mil réis de renda, mas ou seja que os objectos se multipliquem nos meus olhos, ou seja que o sujeito tenha a arte secreta de os fazer apparecer quatrocentos mil cruzados, o certo he, que as librés dos seus creados, tem mais galões finos, que as dos lacaios do Lannes; sua mulher traz mais joias ao pescoço, que o cavallo de Dario na batalha de Arbella, e tantos anneis nos dedos, quantos forão levados a Carthago depois da derrota de Cannas, pois se acha escrito, que se medião aos alqueires. Elle mesmo, muda mais depressa de vestido do que Protheo mudava de rostos, cada jantar seu he hum banquete de annos de hum nababo de Cochim, e com effeito elle come tanto porque tem hum estomago capaz de digerir pedras. Dizem, que tal, e tal como muitas outras, não possa ter mais que hum só marido, mas ou nos olhos alheios

se multiplicão os objectos, ou com effeito ella tem mais do que hum.

E que me hei de eu dizer a mim mesmo dos espelhos, que me mostrão os objectos todos com os pés para o ar? Pois tambem não são raros, nem prodigiosos; esta propriedade tambem se encontra nos olhos humanos. Será isto hum vicio da membrana cornea, ou do nervo optico, eu vejo homens que andão em todas as suas coisas ás avessas, com a cabeça pelo chão, e os pés para o ar. Aquelle dorme de dia com luz acceza no quarto, e com as janellas fechadas, e gira Lisboa inteira em as noites mais escuras sem despender real em hum archote. Anda aquelle no maior fervor de agosto mettido dentro da sege tão embrulhado em hum capote de baetão escarlate, que nem o nariz se lhe lombriga, e no mais nevoso dezembro atravessa o enlameado Rocio, de meias, e çapatos, vestidinho de seda, com o chapéo elastico debaixo do braço para não amarrotar a gaforina, gritando que o baetão, ou a saragoça no inverno embebe a humida-

de do ar, e que empapada no vestido, lhe acarreta o frio todo para os lombos. Aquelleoutro esquecendo-se de ensinar o bom dialecto Portuguez a seus filhos, sua, desde pela manhã até á noite, com hum enorme diccionario na mão, para ensinar algumas palavras Francezas a hum papagaio, que tem á janella. Na casa daquelle, as mulheres jogão o florete, e os homens abanão o fogareiro. Na casa do outro a mulher no escritorio toma contas ao caixeiro, o marido está na casa do jantar ensinando ás creadas a cozer. Aquelle deixa engordar os machos, e os burros na cavalhariça, e deixa entysicar os creados em fazer recados, e carretos a pé.

SOLILOQUIO XXXIII.

Sempre reputei huma questão, ou problema muito custoso de resolver-se « este » Se he mais digno de louvor o que não deixa transluzir nos seus focinhos, e nas suas actitudes

os internos segredos, ou sentimentos do seu coração, ou o que só com os gestos, e com as mudanças de semblante arrazoadamente os exprime? Eis-aqui hum nó digno da espada de Alexandre! Que maravilhoso imperio sobre si mesmo tinha Bruto, para se chegar com semblante amigavel ao pé de Cesar no meio do senado (só não ha quem se chegue a Buonaparte) quando tinha no peito a determinação de o matar, e na mão o punhal para lhe fazer a operação! Que admiravel predominio do proprio animo, he o de tantos, e tantos, que tendo contra mim todo o fel no coração, me fallão quando me encontrão com todo o mel nos beiços! Dizem-se meus amigos, e me dão cabo da reputação! Outros suspirão pela herança daquelle pobre velho, e augurão-lhe Nestoreos annos; declamão diante daquelle marido contra a immoralidade do seculo, e namorão-lhe a mulher, não deixão de pagar huma visita, e desejão roubar as entranhas ao miseravel a quem a fazem.

Mas o exprimir por acenos, ou

acções os sentimentos do coração, não deixa de ter seu merecimento. Eu daria alguma coisa para vèr aquella communidade de monges Cistercien-ces de quem falla Leibnitz, que com os unicos gestos que fazião, fallavão de todas as coisas. Portentoso vocabulario era este! Ouvi dizer ao mais célebre bibliomanico que conheci, que era hum respeitavel prelado neste reino, que entre os mais raros livros que existião, se contava a arte dos acenos, feita por hum Italiano, chamado Bonifaci: e que elle daria, as rendas da mitra por hum anno, se achasse hum exemplar. Eu tambem se tivesse o tal livro, porque não daria hum cruzado novo, estudaria a linguagem das pantomimas do mundo, para me servir nas occasiões, deste maravilhoso dialecto.

Com tudo a pezàr da minha ignorancia em theoria, eu já pela prática tenho aprendido alguma cousa. Quando me acho em hum aperto da missa Franceza no Rocío, ou quando frequentava algum theatro, e me impilhava na platéa em dia de beneficio

de cómica nova, soube como se dizia sem proferir palavra, de-me alli hum logar? que vem a ser empurrar-me, pizar-me, e esmagar-me de tal sorte, que me obrigavão a vomitos violentissimos, trazendo para casa amolgadas as costellas. Já sei tambem como encontrando-se hum crédor pela rua, se faça o manejo de arma sem vóz, e sem ella se lhe diga — Não quero pagar — que he tomar déstramente huma travessa, e se he pelas ruas novas, tomar o passeio do lado opposto, calcar bem o chapéo sobre os olhos, e ir adiante. As mais sábias advertencias, tenho ouvido responder, que não vem a proposito, que he virar-lhe tres, ou quatro palmos de costado repentinamente. Tenho ouvido dizer sem palavras « sou hum hyppocrita » Que he caminhar de pescoço torcido, pedir com duas alcofas, e cruzar bem as mãos sobre o peito, quando na Igreja advertem, que o observão. Quando algum leva a cabeça entonada, o cachaço hirto, e caminha peitudo como hum gallo, mettendo a todos, e a todas a

cara descaradamente, sem fallar vai dizendo ao povo « eu sou hum mal creado, hum insolente, hum pantalão. » Quando o outro se contempla da cabeça até aos pés como hum pavão, e se torce em todos os gestos como se tivesse convulsões, vai dizendo tácitamente « sou hum Narciso » Quem finalmente, não saúda, sendo cortejado, quem não céde, nem dá lugar a ninguem, só com estas acções sem lhe accrescentar palavra, diz em alto, e bom som « eu sou hum pedaço de asno. »

Quando os Francezes erão homens de bem, e tinhão juizo, fizerão hum livro, com boas estampas, que era como huma especie de tratado de tactica, onde se ensinão ás senhoras a manobrar com os leques, e até se explicarem pelos seus movimentos, dando a conhecer por elles as mais escondidas intenções do seu coração. E hum na verdade doutissimo Italiano chamado Magalotti, fez a grammatica desta misteriosa lingoagem dos leques, era coisa muito necessaria, que se estampasse, e corresse pelas mãos

de todos. Eu não leio ha muitos annos nem hum, nem outro livro, mas tenho contrahido o habito de filosofar por mim mesmo de quanto vejo, sem o pezado, e empachante pezo dos livros. Aquella que faz com o leque huma ombella a cara, significa o desejo insaciavel que tem, de que attentamente olhem para ella. Aquella que o tem fechado, e que de vez em quando levanta com elle o véo de filó que tem pela cara, denóta, que se julga a si mesma huma Venus de belleza. A que o tem fechado sobre os beiços, denota a gravidade de Zenobia. Abrillo, e fechallo alternativamente com pressa, e sussuro, quer dizer, inconstancia, e impaciencia. Bater com elle na palma da mão esquerda, he indicio de furor amoroso; mordello com os dentes, quer dizer irremissivel vingança. Quem apertando-o com privilegio de sceptro o apoya sobre o lado direito, quer dizer, que se julga huma Maria Leticia a 2 de dezembro, vendo coroar seu filho.

Outros muitos movimentos para mim são indicifraveis. Os Francezes

mbem se abanão agora com leques, ;lles não ha senão hum movimento terno que se explique, e que elles ;io deixão nunca equivoco, que he ›ubar, e opprimir. La Garde o prineiro magistrado da França, abanae com hum leque, e até com a caiisa, como eu já vi. Quando os moimentos internos do coração das muheres se fizerão mais visiveis pelos ignaes dos leques, foi na época em jue derão em usar delles tão granles, que se Icaro trouxesse hum par pegado ás costas, quando fugio de Creta pelos ares, não teria communicado seu mesmo nome ás aguas em que se affogou. Quando vejo agora no verão hum theatro, ou huma praça, cheia de mulheres parece-me que estou em Trafalgar entre a esquadra de Nelson, e a Franco-Hispana. Se soprasse o vento que lá soprou, hião praças, theatros, mulheres, tudo pelos ares, tanto panno tem largo, e se com effeito não voão com o vento que fazem, he porque não ha cousa mais pesada, que as mulheres.

SOLILOQUIO XXXIV.

Que me importão a mim os costumes dos homens, se elles são pela maior parte incorrigiveis! Verdadeiramente sou eu agora voz clamante em deserto, ninguem me escuta; se me escutassem, levávão-me immediatamente para o Rocío, chamavão-me rebelde, insurgido, e perturbador do socego público; que em bases tão sólidas está estabelecido pelos Francezes: daqui á manhã tudo está não só quieto, porque ninguem se poderá bolir com fome, mas inteiramente calado, e mudo, porque só falta tirarem-nos a lingua, e os dentes da bocca. Eu não tenho outro expediente mais, visto não vencer o puristo de fallar, do que interter-me comigo mesmo em materias que elles não entendem, que são as literaturas. Quem se occupa destas cousas está tão seguro delles, como se estivesse a bordo da náo Hibernia. Eis pois,

etras, e mais letras: eis-aqui hum alisman, que afugenta os novos Vandalos.

Huma das mais perniciosas maximas, e muito arreigadas no coração dos instituidores da mocidade em o negro myster da leitura, he aquella que em grossos caractéres se acha estampada entre os preceitos de quasi todos os pedantes. Convém a saber, que he preciso escolher hum escritor, e consagra-se inteiro, e entregado á sua imitação, formando o seu estilo, dispondo as suas idéas, e os seus pensamentos com a mesma bitola do escritor, buscado, e determinado para a imitação. Esta obstinada imitação não faz, nem produz de ordinario mais do que pedantes, ou escritores constrangidos, afectados, e em nada naturaes. Eu poderia lembrar-me agora de muitos exemplos antigos, e extranhos, mas bastão os domesticos. Houve hum frade da Graça com excellente talento, e sobeja instrucção para escrever a historia deste reino, o frade chamava-se Fr. Domingos Teixeira, e

metteo-lhe o inimigo na cabeça, que tomasse por modélo Jacinto Freire; o mofino imitou-o de tal sorte na vida do condestavel, que sugeitos houve, que affirmárão, que era Mss. apanhado a Jacinto Freire, ou escapado ao lastimoso incendio, que lhe reduzio a cinza as casas em que morava, ás portas de S. Antão. O frade despicouse da imputação, compondo na mesma tonadilha a vida do Gomes Freire de Andrade, mostrando, que Jacinto não podia ser profeta. Não era precisa esta prova para conhecer-mos o estragadissimo gosto do author, e os miseraveis effeitos, que produz a servil, e céga imitação. Porque diz Jacinto Freire, fallando da viagem que fez D. João de Castro de Goa para Diu, que a pezar da tempestade, elle fôra atravessando o grande golfo de Cambaia, por aquelles *mares verdes, e cruzados*. Vai D. Nuno, rio acima de Setubal para Alcacer do Sal; e neste estreito rio, como se fosse aquelle immenso golfão de Cambaia, faz o frade huma tempestade tamanha, como huma tem-

pestade poetica, e mette-lhe os mares verdes, e cruzados, quando se trata do rio Sado.

Eu conheço agora mancebos, que tem huma aptidão, e hum talento prodigioso para a poezia, produzirem elogios de theatro, que he o muito a que se estendem, sem alma, sem fogo, sem imaginação, e sem graça. E porque? Porque seguem obstinadamente a maxima da escolha de hum escritor para a imitação. Tem apparecido agora dois que fizerão seita, e que contão adeptos, o primeiro he hum tal Filinto para os do Mondego, e o segundo he hum tal Elmano para os do Téjo. Nas composições dos mancebos dados a metromania não transpira outra coisa mais, que o mechanismo dos versos, a cantilena, os pensamentos destacados de hum, e a aspereza, e pedantesca serzidura de palavras antigas do outro. Quantos damnos produz esta perniciosa mania! O primeiro he arriscarem os moços o bom exito do seu talento relativamente ás letras. Nem todos pódem ter a faculdade, e a inclinação analoga ás

maneiras, e ao genio daquelles dois homens, que longe de adiantarem a belleza sólida da poezia Portugueza a atrazárão. Eis-aqui os rapazes constituidos voluntariamente em hum estado de violencia obrigados a bater huma estrada, em quanto a natureza os chama para outra inteiramente opposta. Desta maneira algemados, não se póde esperar delles huma composição, que cheire a natural, isto he, que contenha graças simplices da natureza, rasgos ingenuos, relampagos de caracter, e de paixão, cousas que não dependem senão da indole diversa do coração, e da diversa maneira com que os homens concebem naturalmente os objectos. Sei que os pedantes rethoricões me pódem responder a tudo isto, que quando ellas propõem hum author para a imaginação se entende isto relativamente ao estilo, á frase, e não aos sentimentos, e aos pensamentos. Estes devem ser produzidos pelo mesmo compositor, de outra sorte elle se tornaria em hum manifesto ladrão, que em literatura, tanto quer dizer

plagiario. Fóra daqui almas pequênas, e mofinos quintillianistas, com esta supposição a perniciosa maxima estabelecida produz os mesmos inconvenientes.

O estilo, e a frase são como huma casaca, e os sentimentos, e os pensamentos são o corpo, que a devem vestir. Os pensamentos, e sentimentos, são sempre relativos á indole do coração, que os produz, e a fraze traz em si o caracter do sentimento, e do pensamento que a produz. Não ha dois homens, que perfeitamemte se pareção na indole, como não ha dois rostos entre si perfeitamente similhantes: ou o não são tanto que se iquivoquem. A variedade, e diversificação que admiramos no mundo fysico, não he menos portentosa no mundo moral, bastão dois dedos, ou duas lambuçadas de filosofia para a reconhecer evidentemente. Posto isto, nenhum desses rapazes versificadores existirão jámais de accordo com a indole, com o pensamento, com os conceitos, e com os sentimentos de Filinto, e mais

de Elmano, que nunca largão das unhas. Ainda que delles gostem, sempre as suas producções devem ser diversas, porque em materia das boas artes, nem tudo aquillo de que se gosta se póde igualmente produzir, ou exprimir. Dizem os commentadores advinhões, ou mentirosos solemnes, que Virgilio gostava infinitamente da Illiada, mas daqui não se segue que elle escrevesse como Homero. Aquelle pois que procura como assoldadar-se a hum exercito, e que se obstina em lhe querer fielmente imitar o estilo, não faz mais que agrilhoar os proprios pensamentos, e estes apparecem sempre languidos, e obcuros, succede-lhe o mesmo, que succede a hum homem barrigudo, e corpulento, que quer vestir huma casaca, que foi talhada para hum estitico, e mirrado. Entre todos os escritores ridiculos, não ha hum que o seja tanto, quanto Famiano Estrada. Já Walchio lhe pôz a calva á mostra em hum livro, que intitulou « Infamias de Famiano. » Este Infamias, ou este Famiano levantava-se todos

os dias com hum capricho, hoje, dizia elle, hei de imitar Stacio (como se este homem fosse imitavel;) escrevia huma tirada de versos stacianos; ámanhã hei de imitar Tacito, n'outro dia Lucio Floro, e assim fez hum livro de retalhos, donde nem apparece estilo do author, nem dos imitados. Se este padre seguisse a voz interior da natureza, consultando-se a si na mesma natureza, isto he, se se resolvesse a nadar sem bexigas, teriamos huma historia das guerras de Flandres muito bem acabada.

Visto isso consentir-se-ha na República das letras, que os mancebos escrevão por instincto? Não, senhor. Se por instincto no escrever, se intende a liberdade absoluta de adoptar, e seguir indistinctamente tudo aquillo que lhe vem á testa, e de o exprimir de qualquer maneira, e sem consultar as leis do gosto, e da conveniencia. Mas se por instincto se entende o caminho ao qual a natureza destina cada hum dos homens; então o instincto não he outra cousa mais que a voz da mesma natureza

e cumpre absolutamente seguilla, se algum procura sahir bem de qualquer empreza literaria. Estas vozes da natureza se fazem escutar constantemente, e só as póde ignorar hum homem sem coração. Mas assim como estas não se despertão ordinariamente, senão quando o homem se encontra com aquella especie de producções, que são analogas com as suas faculdades; assim para se não enganar deve correr todas as especies, que o possão conduzir á imitação segura da natureza. Tantos genios pois que ha entre nós, e tão aptos para a poezia, em lugar de se empaparem na esteril lição de Filinto, e nas monotonias Elmanicas, onde se encontra sempre a triste linha recta, ou huma inalteravel corda coral de prodigiosa virtude soporifica, deverião correr todos os bons escritos destinctos em diversos generos, e seguirem a natureza pelas pizadas daquelle a quem mais se sentirem inclinados. A escolha do estilo deve ser feita do coração, não se deve sugeitar o coração a hum exemplar, mas sugeitar hum exemplar

ao coração. A observação de muitos bons, junta com a luz da natureza es fará desviar dos erros, defeitos, e precipicios. Os senhores professores de bellas letras, (que poucos existem capazes de instituirem a mocidade!) deverião, como filosofos, espiar a indole dos mancebos que se lhes confião, e constituir-lhes diante dos olhos os melhores escritores analogos á sua propria inclinação, sem lhe dizer, que elles devem ser os seus modelos; esperar que os mancebos se affeiçoem por si mesmo; a natureza huma vez posta em acção, jámais permanece ociosa. Mas fazem elles isto? Nos annos da minha galé, dei com hum casmurro, que de mistura com os inutilissimos preceitos de eloquencia, tambem se metteo a ensinar poezia, expondo a arte de Horacio, pois consumio este tratante cinco mezes na questão mais inutil que os pezados commentadores tem até agora agitado: convém a saber: se o Faber imus se devia entender pelo ultimo escultor do arruamento da escola de Emilio, ou se pela palavra imus, querir

dizer hum escultor das duzias, que só sabia fazer unhas? Grandes poetas deitou este mandrião? Succede ás vezes, que hum moço de talento não se decide particularmente por nenhum dos authores que lê, mas gosta de todos cada hum no seu genero: bom indicio he este, porque insencivelmente vai recolhendo na sua fantasia as bellezas de todos. Estas fermentão, e formão como hum composto de terceira especie, donde procede hum estilo particular, e inteiramente proprio. E se isto assim não fosse, todos os escritores usarião de huma igual maneira de exprimir-se. Se ha entre nós tão pequeno número de composições originaes, não se deve imputar a culpa á natureza, porque ella agora não he menos larga em dar os talentos do que já fòra algum dia. Deve culpar-se o ridiculo systema da imitação servil, que entre nós se tem introduzido, malogrando-se com esta mania abalizados talentos. Mas com isto, eu não pertendo excluir a observação, o estudo, e a imitação sobre os antigos modé-

los, mas só para vêr como elles seguirão a natureza, este o espirito, a intenção de Horacio, quando mandou folhear noute, e dia os cartapacios Gregos, mas tambem digo com o mesmo Horacio « oh rebanho servil de imitadores! » Como he possivel que os rethoricões queirão fazer abraçar a especie de manîa de transformar os genios em copistas! A' medida que as cópias se multiplicão vão perdendo o valor, e preço que lhe podia communicar o original. O que faz muito mal huma copia, talvez fizesse muito bem hum original. Para que se hão de os homens condemnar voluntariamente a serem copistas, quando podião ser originaes? Quantos talentos ficão sepultados, capazes das mais bellas producções? A natureza foi o unico objecto da imitação dos antigos. Se estudar a poezia, e a eloquencia pelo unico, e grande livro da natureza, he hum negocio de costa acima, como alguns indiscretamente cuidão, estude-se menos esta natureza, tomando na mão huma lanterna, ou huma bugia, que

he a observação exacta dos bons exemplares, e quando se embicar n'alguma passagem, que arrebate, e prenda nosso espirito, vejamos então attentamente como aquelle author a pilhou no seio da natureza. Ella convida a todos com igualdade, que a considerem, que a estudem, e que lhe debuxem todas as suas bellezas. E este he hum direito de que nem os Francezes nos pódem esbulhar. E se não nos aproveitamos delle, não poderemos ser escritores de genio! E perder-se-ha alguma cousa se não formos escritores? *O curæ hominum*! O que vai de ôco, e de vazio por toda a parte? Será mais util á sociedade civil hum ocioso a fazer odes, ou hum bom, e rebusto cavador arrotear huma encosta virada ao nascente para plantar huma vinha?

SOLILOQUIO XXXV.

Nada ha perfeito cá de telhas abaixo. Admiro, e admirarei sempre as

grandes qualidades da nação Ingleza. A industria nesta nação he aquillo mesmo a que nós chamamos bicho carpinteiro, não está já mais socegada. O Tasso não mostra huma imaginação tão fertil na descripção de combates sempre diversos, como hum fabricante de chitas, mostra industria buliçosa na diversidade das pinturas, com que todos os dias nos faz comprar novas chitas, e assim nas outras quincalharias, fataes arpéos do tal metalzinho das minas de Catapreta, e suas annexas. A industria, fez desta nação a mais poderosa, e opulenta de todas. He grande em navegação, em conquistas, em artes, e sciencias. Entre estas perfeições tem hum defeito caracteristico. Os Inglezes são muito excessivos, e muito empertinentes em tudo. A mim não me importa considerallos senão pelo lado de literatura, paiz livre que não está sugeito á lei severa da policia. Aqui nenhum ralhador se póde chamar inconfidente. Em grande preço foi sempre tido, e havido o poeta Pope: a poucos escritores dei tamanha atten-

ção. Nenhum dos poetas modernos foi por mim mais seria, e profundamente estudado. Senti sempre por elle huma especie de sympathia desde que tive lume no olho. Sempre desejei ser casamenteiro da filosofia com a poezia, e vi que elle procurava congraçar estas duas cousas por tantos seculos divorsiadas. Não ha entre as obras de Pope huma só por pequena que seja que eu profundamente não estudasse desde a ode á solidão, até á traducção de Homero. E a todas dei sempre o seu justo valor. Não tem huma só carta missiva a hum amigo, a cuja leitura eu não désse sempre mais de huma hora. Tudo he bom em Pope. Mas acaso merece em tudo a bulha que elle fez, o preço, e o peso, e mais corpo que elle lhe dá? Eisaqui a grande questão. Pope imaginou que devia metter nos interesses dos seus versos ambos os parlamentos alto, e baixo, os ministros de estado, todo o gabinete de S. Jaime, toda a nação, todo o banco e todos os lordes mais campanudos, e arrogantes. Elle, Lord Bolyngbrocke, e o Deão

e Dublim fizerão o mais terrivel riumvirato literario, e delle sahião quellas proscripções literarias, que merecêrão a Pope a grande massada. fe açoite, de que dizem morrêra na sua quinta duas legoas de Londres.

Ora pois comecemos pelas quatro pastóraes; Primavera, Estio, Outono, Inverno. Serão unicas no mundo? Ah pobre Sannazaro! A tua Arcadia, e as tuas poezias Latinas, onde existem as maravilhosas piscatorias, não erão lidas em Londres, mas erão lidas em Portugal, e dalli vão trasladadas immortaes bellezas pelo destro Pope. A pesar da rapsodia (vicio quasi inevitavel, em quem escreve com livros á vista, ou em quem só faz uso de antigas leituras.) São dignissimas de louvor as quatro eclogas por que forão compostas na idade de 16 annos, o que annunciava hum talento extraordinario para a poezia, e era hum feliz presagio de sublimes producções. Até aqui louvo os Inglezes, mas quem approvará a bulha que começárão de fazer? Logo as quatro eclogas forão postas acima de Theocrito,

Virgilio, Nemesiano, logo foi chamado o primeiro dos bucolicos. Isto he hum excesso, a huma solemne impertinencia Ingleza. Ah! bons Portuguezes, que de cousa nenhuma fazem caso! Sahio-se Henrique Caiado com huma duzia de eclogas admiraveis, quem faz caso de Henrique Caiado! Francisco Rodrigues Lobo tem eclogas immortaes, em que trata objectos interessantissimos, e são as melhores composições deste suavissimo Portuguez. E a quem importão similhantes eclogas? Fracos baforinheiros somos nós, nunca quizemos inculcar, nem vender bem os nossos alfinetes. Compôz Pope outra ecloga imitada do Polião de Virgilio, onde inserio os divinos extasis de Isaias, pouco he preciso para se conhecer que a poezia dos Hebreos he superior a tudo quanto os Gregos, e Romanos escreverão de mais levantado. Ora esta ecloga de retalhos bem cosidos de Isaias valeo a Pope a amizade dos maiores senhores de Inglaterra, e a estreita união dos maiores sábios, e entre elles se distinguem Addisson, e

Congréve. Quantas eclogas ao natal temos nós em Portuguez tão sublimes como a de Pope, e quem faz caso dellas? Tanto como eu faço dos editaes, e das promessas dos Francezes. Quando se encontra hum titulo, que diz ecloga ao natal, vira-se tão depressa a cara, como quando se vê na esquina « Nós o Duque. »

Sahio-se Pope com o bosque de Windsor, que he cousa que os Inglezes lá conhecem, e sabem quem forão os moradores do tal bosque, nesta composição ha valentes descripções. Veio depois com o templo da fama, ou da memoria. Nesta composição não ha invenção nova. Qualquer poeta he arbitro da construcção do edificio, he architecto, faz-lhe as portas que lhe parece, de ordinario são quatro, viradas para os ventos cardeaes (e tudo he vento no templo da memoria) constitue-se porteiro, e deixa entrar quem elle muito quer. Nova bulha em Inglaterra, e nós os Portuguezes até damos huma gargalhada, quando se nos falla no templo da memoria de Manoel de Galhegos, o no-

me nos faz rir, e tanto caso *fazem* delle como do excellente poema, que jaz em desprezo como tudo o que entre nós não vem dos estrangeiros; *tal* vez se vão agora desenganando os Portuguezes com a boa fazenda, que lhe veio de França. Metteo-se Pope a traduzir a Thebaida de Stacio, engasgou-se, e não passou do primeiro livro. Que seria isto? Muito meditei sempre sobre esta suspensão de Pope! Deixou a obra, e em huma sua carta familiar a Swift diz mal de *Stacio*, criticando-o em huma passagem, que não entendeo enganado com *huma* nota de Gronovio. Veio depois á luz o ensaio sobre a critica, *Pope* era muito amigo de ensaios: esta composição he huma compilação verdadeira de muitos originaes existentes em proza, e verso, e a maravilhosa arte poetica de vida, o melhor poema didascalico, que até agora se tem composto, he estranhamente alambicada. Dar regras para não asnear nas composições, he muito facil, muito inutil, Se falta o talento ao compositor, ou a rica veia, que vem cá fazer a arte

crítica? Se he para notarmos os defeitos das composições alheias? Inutilmente as busca quem he desprovido de sentimentos, e de coração, unico tribunal, onde se pódem julgar só as obras de engenho. Se me não tocão, debalde me martella a crítica, que são muito bem feitas. Apparecêrão as quatro epistolas a milord Bolyngbrocke, ou ensaio sobre o homem, esta rapsodia evidentissima de algumas cartas de Seneca, e do livro da tranquilidade, e ocio do sábio, padecêrão estranhas contradicções, e fizerão no orbe literario hum rumor espantoso. O Suisso Crouzas, o author das cartas Flamengas, que ninguem conhece, porque se não conhecem Flamengos á meia noite, Racine filho, atacárão Pope, e bradárão, que o ensaio cheirava fatalismo, e a deismo puro. Warburton, e Ramsay, hum author da legação divina de Moysés, e outro das viagens de Cyro, berrárão, que Pope era hum cathólico no seu decantado optimismo (eu lhe perguntaria, se elle existisse agora em Lisboa, se este governo Francez, se este Ju-

not, e este Lagarde Canibais verdadeiros, tambem contribuem da sua parte para a perfeição do todo, e se tudo aqui vai bem.) Não me importa o catholicismo de Pope, só digo, que Seneca tem toda a culpa desta estrondosa composição, e que a preconizada resignação de Pope, he a verdadeira apathia estoica. A quarta epistola, em que pertende estabelecer os fundamentos da verdadeira felicidade, he huma habilidosa imitação da decima satyra de Juvenal, este terrivel açoite dos destemperos humanos, constitue a verdadeira felicidade, assim como a verdadeira nobreza na virtude. Os mesmos argumentos, e os mesmos exemplos, que se encontrão em Inglez. Ninguem me poderá dizer, porque razão dois homens de igual merecimento, hum fique esquecido, e outro eternamente acclamado? Hum abbade Italiano, chamado Pedro Chiari compôz em verso Marteliano, quatro epistolas sobre o mesmo assumpto, e juro que lhe não são inferiores, pois Chiari vive em perfeita obscuridade, e Pope he

applaudido, traduzido, e commentado até ao dia de hoje. Item, Pope appareceo com o poemeto do roubo do bugre, ou anel de cabellos, foi o idolo dos excessivos Inglezes, que hyperbolicos louvores apanhárão os Sylfos, e os Gnomos! Pois me mellem, se o poema Portuguez a « Benteida » e outro chamado o « Fogetario » não tem mais invenção, e mais fertilidade de imagens, e prosopopeias engenhasas. E fizemos nós caso algum destes apuros da imaginação? Veio finalmente a Dunciada, amarga, e sanguinosa satyra contra os livreiros, e authores Inglezes, mas tem tantos altos, e baixos, que ás vezes custa a encontrar nella o grande Alexandre Pope. Aquella cousa, que deitou a visinha na rua para fazer escorregar o visinho, aquella deosa Cloacina, que determina, e inspira cousas tão pouco limpas, constitue este poema muitos furos abaixo da Bardinada em Francez. Converteo Pope em melhor estilo quatro satyras do doutor Donne; e os Inglezes as preferem ás de Juvenal, he muito apertar com os ami-

gos!. Sete compôz o doutor Young muito melhores, e ninguem falla nellas. Fez mais quatro epistolas moraes, e certamente trez não compôz Pope, largando das unhas os caractéres de Theofrasto por la Bruyere, primeira sobre o conhecimento do verdadeiro caracter do homem, que parece indicifravel; segunda sobre o bom ou máo emprego das riquezas; terceira sobre o caracter, e merecimento das mulheres. Depois disto tambem tem obras em proza, e demasiadamente carregadas, porque levão tudo ao excesso os bons dos Inglezes. A vida de Martinho Scriblero, he huma justa satyra dos pedantes maniacos do antigo, e inimigos capitaes do que he novo, e o tractado do Bathos, ou do profundo, em que reduz a regras, o que escapou a miseraveis escritores de baixo, e arrastrado, em que o pobre Blackemore he posto á viola. Denys, e Filippe são martyrizados. Estas personagens para nós os pios leitores Portuguezes, não pódem ser interessantes, porque nos são inteiramente des-

conhecidas. Com tudo o poema da Dunciada conservar-se-ha sempre na sua reputação, pela maravilhosa invenção de livro IV.º, onde profeticamente se annuncião os progressos da estupidez, e o estabelecimento do seu dilatado, e quasi universal imperio. Seja o que fôr da literatura, eu vejo cumprida a fatal arenga da Sybilla pelo vasto ambito da Europa desde que o Corso se declarou imperador. A estupidez deo o direito da primogenitura ao senado conservador: com o encargo de conservar sempre a mesma baixeza, a mesma abjecção, a mesma vileza com que se prostrou aos pés de hum monstro, que se não satisfaz jámais de ludibriar os direitos da humanidade.

Finalmente Pope, depois de hum contínuo estudo, e trabalho de dez annos appareceo com a traducção de Homero, deve ser cousa boa, pois em subscripções fez o homem em dinheiro de contado 200 $ cruzados. Feliz traducção, se tu não levas hum homem á immortalidade, ao menos fostes capaz de o fazer levar boa vida cá nes-

te mundo. O que são os destinos dos homens ! Milton compõe originalmente hum poema extravagante na verdade, em que o diabo he o heróe, que leva a sua por diante, e consegue o seu fim, porque assim como o piedoso pai Eneas deixa a miserrima Dido, e mata o generoso Turno, que pelejava pelo que era seu, e funda o reino de Italia como Buonaparte se fez rei, e o pio Godefredo de armas piedosas mata os Turcos em Jerusalem, e com pretexto do grão Sepulchro se fez senhor do reino de Palestina; assim tambem o diabo, tenta a mulher, faz cahir Adão, e o obriga a hum despejo: Milton que assim escreve com tanta originalidade a pesar de se queixar alguma cousa o jesuita Massenio na Sarcothea, morre na indigencia, sem vêr real das mãos do livreiro, a quem vendêra o Mss. Pope traduz, e vive a *la grande*, faz jardins, urnas, grutas, estatuas, bibliothecas enfeitadas com bustos de marmores, e deixa tantos, e mais quantos no seu testamento, e isto por huma traducção! . . . Os Inglezes são

fanaticos certamente! E Pope consegue assim a immortalidade! Tasso atravessa a Calabria quasi descalço, e chega a Sorrento a pedir huma fatia de pão a sua irmã, e chega a pé ás portas de Turim, e os guardas barreiras lhe prohibem a entrada, porque o vêem tão esfarrapado, e tão pálido que o julgão hum apestado! O que são os destinos dos homens! Pope he bom poeta, mas não tem razão de fazer tanta bulha.

SOLILOQUIO XXXVI.

A respeito da crítica vejo acontecer o mesmo que acontece com a medicina, ainda que com a medicina haja mais razão, e verdade; qualquer velha se diz conhecedora dos melhores especificos, e das mais efficazes beberagens para as evacuações, e censura a torto e a direito, a conducta de hum apalpador de pulsos, ainda que elle vá de traquitana. O homem mais idiota se andou dois annos

na escóla, decide francamente do merito de hum poema, ou huma oração. O talento de conhecer, e criticar as óbras que se referem á poezia, e eloquéncia foi dado em partilha a mui poucos. Ainda os dotados de grande engenho não são os juizes competentes. O engenho he hum semi-juiz, que ainda que tenha a arte de convencer não tem o talento, ou o dom de persuadir. Tem a arte de seduzir, e não a de tocar, e mover. O engenho carregado como hum jumento de textos, e authoridades quintillianistas póde atacar, e criticar hum rethoricão pesado, mas só ao coração foi dado o julgar de hum filosofo eloquente. Ora vão lá buscar em hum crítico de botequim, fantasma emprazador, agoireiro, e verme peçonheto, quando falla de hum discurso oratorio aquella sensibilidade, e perspicacia que faz conceber, e produzir com força a verdade de que o coração deve estar cheio! Vão lá buscar n'hum destes ociosos falladores, aquella nobreza, e elevação que conduz o homem sensivel ao enthusiasmo pela virtude,

que abraça em hum momento todos os possiveis na arte de interessar! Eu tenho ouvido dizer despropositos á professorassos, que me tem espantado. Inflammou hum orador o seu auditorio, moveo-lhe, e removeo-lhe o coração a seu arbitrio, excitou os affectos que quiz, levou da admiração á ternura, da ternura ao furor, do furor á compaixão, e ás lagrimas, persuadio, e convenceo finalmente. E o lapideo, ou corneo rethoricão, vem friamente dizer, que o exordio foi longo, alguma cousa commum contra as regras de Quintilliano, livro tal, paginas taes verso. E não ha quem lhe esmague a cabeça, quem o zurza de açoites, ou quem o denuncie a Jouffre para lhe tirar os livros que tem em casa! Ou a Carrion-Nisas para lhe fazer huma satyra, que contra o seu costume levasse ao fim!

Hum homem que tem coração, tem sentimento, o sentimento he a linguagem da natureza, e quando o coração, está interessado, e posto em acção, a natureza he felizmente expressa, e imitada. O sentimento só

póde julgar do sentimento; e quem quizer submetter o pathetico á decisão do engenho he o mesmo que querer, que os ouvidos sejão arbitros das côres, e os olhos juizes competentes da harmonia! O crítico de barbas, e de proposito, deve estudar a natureza, recolher seus rasgos mais formosos, e mais vivos, e com a confrontação do quadro que se lhe appresenta, com as idéas derivadas da mesma natureza, decidir do mérito daquelles, que se applicárão á sua imitação. E vio-se isto jámais em Portugal? Encontra-se este criterio nas salas do voltarete, nos clubs gazetaes, ou naquelles congressos chamados literarios, onde toda a sabença se limita ao monitor? Ainda quando neste infeliz reino se não tinha plantado o Napolianismo, e se tratava de letras, e os mestres de eloquencia dizião alguma cousa, tudo hia ao avesso da razão, e da natureza. Estes frigidissimos reportorios das estereis regras, como não tinhão faculdades analogas ás producções da arte, e erão incapazes de formar modélos intellectuaes, tudo referião aos modé-

los existentes. O Tasso, e Milton, o primeiro pela implacavel crusca, o segundo pelos pedantes de Oxford, forão julgados pelas regras tiradas de Homero. Corneille, e Racine forão julgados pelos pedantões da academia, sobre a mixorofada das tragedias de Euripides, e de Sophocles: eu as não li, mas se estivermos pela analyse, que dellas faz Brumoy, e o admiravel Metastasio são bem miseravel cousa. Como aquelles antiquissimos senhores obtiverão o suffragio, ou a preoccupação dos seculos (como se não houvesse erros, e enganos successivos) se concluio daqui, que se não póde agradar, se não seguindo as suas pégadas. Mas por ventura existe só huma estrada para chegar ao grande? O grande existe em a natureza, e só o estudo desta o póde fazer conhecer, e apanhar. A escolha do caminho deve ser indicada pela natureza, e seja qual fòr, não importa que não esteja nos lugares communs das poeticas ou na conducta da decantada Illiada, e divinizada Eneida.

O critico sublime, he aquelle que

deixa o genio em toda a sua liberdade, que delle não exige mais do que cousas grandes, e que o anima a produzi-las. O crítico pigmeo, e rethoricão sugeita o genio ao jugo das regras, não exige mais que exactidão, dando-se por muito satisfeito com huma fria obediencia, e huma imitação servil.

Eu não excluo assim de malhão às regras da esféra dos grandes genios, se por estas regras se entendem os principios de unidades, e de ordem, de decencia, de interesse que se deduzem do seio da mesma natureza; estas regras são indispensaveis ainda ao genio mais extraordinario, ou para dizer melhor, estas regras são como naturaes effeitos do mesmo talento, e do mesmo genio, sem as escutar a viva alma, elle atina com ellas, e as segúe como por instincto. Mas se estas regras quasi sempre arbitrarias quando são dadas pelos pedantes, vem a ser huma serie de preceitos materiaes, então não são mais do que hum jugo oppressor, que embaração, e prendem os livres vôos do genio.

Corneille escolhe para materia, e argumento de hum drama, o combate dos tres Horacios, que pelejavão pela liberdade de Roma contra os tres Curiacios valentões de Alba. Dois dos Horacios morrêrão, e o terceiro, ainda que só, acha traças de dar cabo dos tres Curiacios. Hum crítico da escóla; se julgaria excommungado se alterasse o facto historico, introduzisse mudanças, e accrescentasse da sua lavra circumstáncias puramente ideaes. O Pedro Francez, via que o facto não tinha em si materia que bastasse para interessar aquelles, que amassem de coração a gloria dos Romanos. Fez se casamenteiro, e genealogico, fez parentès os Horacios dos Curiacios, e proximos a hum noivado. Hum Horacio cazou com Sabina, irmã dos Curiacios, e hum Curiacio cazou com Camilla, irmã dos Horacios. Neste caso elle não só pinta huma batalha, que toca o espirito pela sua singularidade, mas pinta o amor da patria, superior ao amor do sangue, e o amor de huma mulher amante, e desesperada, superior ao amor de huma es-

posa afflicta. Assim obra, e cria o genio, que só caminha a grandes cousas, assim o tal Pedro fez huma obra que honra o espirito humano, e ficariamos privados deste prodigio, se elle se algemasse voluntariamente com os tristes preceitos.

Shakespear que se diz genio original, e a quem os Inglezes entoão tantas antifonas de louvor, cuja fantasia vivissima, pinta anima, e cria as cousas, inimigo jurado da fria, e frivola escóla, sacode o jugo da verosimilhança, e das regras. Fez huma tragedia, que os Inglezes vão pôr nos cornos da lua; chama-se « Julio Cesar » o nome he cousa grande, e roliça! No acto terceiro, Bruto mata Cesar (fez muito bem, porque se tinha levantado com o santo, e mais com a esmola da República) depois começa de exortar os Romanos, que fação o mesmo aos apaixonados de Cesar, e embute-lhe hum sermão o mais sublime, o mais pathetico, o mais forte. Em poucos retalhos antigos, e modernos tenho eu topado com cousa mais elevada; sahe Antonio do bastidor, e

destróe o effeito das palavras de Bruto com outras não menos fórtes, e levantadas. E quem diria, que esta scena acabaria com a entremezada mais ridicula! Apenas o Antonio inspirou ao povo o ardente desejo de vingar a morte de Cesar, apparece nova personagem. O povo a cérca, e a móe com perguntas; pergunta-lhe como se chama, donde vem, para onde vai, se he homem solteiro, se he casado, que idade tinha; depois que o deixárão fallar, responde o pobre homem, que se chamava Cinna; grita a canalha; este he hum dos conjurados, morra.... Não, senhores, grita o miseravel, amarello como huma cidra, eu não sou Cinna da conjuração, eu sou Cinna o poeta. Não importa diz o povo, seja feito em pedaços pelos máos versos que tem feito. Assim termina o grande Julio Cesar de Shakespear, tão decantado por Pope commentador em a sua nova edição. A este homem faltou aquella boa dóse de ciso, que destingue o Francez; com esta poupou Corneille as regras que de nada servem,

sem ella entornou o caldo o Inglez, porque não substituio o juizo ás reras, que mostrou desprezar...

Todos os preceitos pois, que dizem respeito a crítica não servem de nada, quando o crítico estiver, ou fôr baldado de alma, de sentimento, e de fogo. O crítico que imagina, que a verdade, a particularização, e evidencia mathematica devem entrar em huma discripção poetica, achará que louvar nas frialdades de Camões, quando tráta do resgate que o Gama faz de seu irmão, por dois fardos de panno da Covilhã; mas o crítico, que busca a parte animada, e dramatica; que quer ser não escutador tranquillo, mas espectador agitado, e quasi em perigo, que exige presteza, e tumulto de affectos, contrastes improvisos de terror, e de ternura, relampagos subitos de caracter, e até interrupção de estilo, sobriedade fecunda, desordem artificiosa, escolha de incidentes, e circumstancias que fallem, não encontrará muito de que se pague em todas as Lusiadas, e em muitas mais obras desta relé em varias linguas

bem cultas da Europa. Finalmente o que deve guiar o crítico no juizo das obras, que pertencem com especialidade, á eloquencia, e poezia, he o interesse, que nellas encontrar. Este interesse, não he dinheiro a juros, he huma affeição da alma, em que ella sente hum grande prazer, que a faz attender com viveza, e força ao objecto que contempla. Em huma pintura, em huma scena, em huma obra de engenho, se póde chamar interesse aquelle doce prazer, que sentimos em nos conhecermos excitados de inquietação, de temor, de compaixão, de admiração, de terror. A minha infausta estrella que me impellio irresistivelmente para á leitura, e contemplação desta casta de obras, me tem feito correr de fio a pavio milhares de volumes, eu sei que as cousas são relativas ao gosto, ao caracter, ás circumstancias de quem as trata, não me importão os mais, eu só fallo de mim, e comigo. Nenhum me prende o coração com mais vivo interesse, nenhum me transporta com mais rapidez, força, e viveza de hum affecto para ou-

tro, nenhum me faz alhear mais de mim mesmo, nenhum se senhorêa de minha alma com mais imperio do que Stacio. Este he o unico poeta que ha, com perdão de todos os seculos, de todos os rethoricões, e de todos os pedantes do mundo; tem ás vezes mais poezia em huma só pagina, que quantos alfarrabios de versos tem parido, e talvez parirão as cabeças humanas, filhas de Eva. O setimo, e undecimo livro da Thebaida, valem mil Eneidas, duas mil Jerusalem, trez mil Paraizo perdido. Malherbe, Francez, assim o julgou, o meu coração assim o diz, e assim o sente. Eu o digo aqui muito baixinho, e mansinho comigo, bem como o barbeiro de Midas entre as cannas. « Eu fui traductor » converti em versos Portuguezes toda a Thebaida, huma mulher endiabrada, conduzindo o Mss. de casa de hum amigo para a minha, perdeo metade no caminho. Deixemonos de Stacio. A natureza, que em geral nada diz á alma, que não existe nella sentimento algum, ou que a zanga, e desgosta com ingratas im-

pressões, deve ser banida da poezia. E por isso as pinturas moraes devem ser sempre preferidas ás fysicas pelo effeito que em nós produzem. O poeta, e grande poeta Tompson têm maravilhosas pinturas fysicas em o grande quadro da natureza, que elle traçou; mas todas juntas não valem huma pintura moral de Stacio, como v. g. Jocasta caminhando por entre as hostes Gregas acampadas junto a Thebas, e fallando a Polynice seu filho, ou Œdipo cégo, e palpando os cadaveres dos dois filhos, e rompendo naquella magoada apostrofe á natureza capaz de fazer arripiar os cabellos a hum defunto.

SOLILOQUIO XXXVII.

A poucos homens tem até agora a fortuna constituido em tanta necessidade de se consolarem com a leitura dos livros de Seneca, como me tem posto a mim, em tantas, e tão diversas situações da minha vida. A

pesar da ferroada, que lhe prega Quintilliano, sobre os seus doces vicios, a pesar do testemunho que os pedantões de collegio lhe levantão de corructor da eloquencia Romana, a pesar da invectiva de Dion-Cassius sobre a sua moral, honra, e sentimentos de que o vinga maravilhosamente Diderot (que alguma cousa havia fazer boa) no grande discurso apologetico, que faz a materia de todo o primeiro volume da traducção de La Grange; eu sempre li, estudei, e meditei profundamente todos os escritos de Seneca. Na edição de París, dedicada ao summo pontifice Paulo V.º, se encontrão duas dissertações de dois homens de maior vulto na República literaria, que confrontados com os pigmeos do Francez Instituto, e mais caterva dos modernos sabichões deste seculo, pódem dizer o mesmo que disserão os dois mentirosos exploradores da terra de Canaan. Vimos lá huns certos monstros, da geração gigantesca, que quando nos medimos com elles, pareciamos huns gafanhotos; estes dois

meninos são Erasmo, e Justo Lipsio. Emprega Erasmo aquella critica penetração, aquelle admiravel siso de que era dotado, aquella eloquencia vigorosa de que era senhor para impugnar Seneca, e descobrir-lhe mazellas; he tal a força do raciocinio, tão miuda, tão escrupulosa a analyse de algumas passagens, que me fez a mim, que sou eu, vacilar bastante, e abandonar Seneca; mas fiz depois de juiz integerrimo, que he ouvir as partes ambas; deitei-me com unhas, e dentes ao discurso do Justo Lipsio, picado da curiosidade de vêr como este paladino literario justava com o seu competidor, achei com effeito o grão Magrisso deitando de pernas ao ár o pansudo Inglez, que lhe cabia por distribuição. Quebradas as lanças com o primeiro bote, já Erasmo « co-os penachos do Elmo açoita as ancas » mette mão a espada, e são tantos os talhos, os revézes, os fendentes, e verticaes que lhe arruma, que o bom do Erasmo fica rendido á descripção, e eu outra vez mettido com Seneca. Com effeito he o mais engenhoso, sentencio-

so, e eloquente filosofo dos Romanos. Os livros dos Beneficios, tem mais idéas, mais fertilidade de pensamentos, mais pompa, mais filosofia que todos os dialogos de mestre Platão; e bem diz hum author taludo, chamamado Antonio Genuense, em hum livrinho em que trata do justo, e do honesto, que cada pagida do tal tratado dos beneficios, dá materia para hum bom livro. Só duas cousas tem Seneca, huma de mais, e outra de menos; esta de menos he effeito da outra de mais; convem a saber, engenho de mais, e methodo de menos. Todos os materiaes em Seneca, são preciosissimos, mas o edificio, he *Gotico*. Não tem ordem. Este defeito he huma tinha que se pegou a todos os antigos. Mas que retalhos tem Seneca! Tomados destacadamente, eu digo sem escrupulo nenhum, que são a maior honra do espirito humano. Em huma das suas cartas, descreve, e pinta a morte de Catão em Utica. Oh! que valentia de pinceis, que viveza de colorido, que força de expressão, que maravilha de aptitudes,

que contraste de luzes, e de sombras! He hum Le Brun nas batalhas de Alexandre. Ora com toda esta enfiada de cousas optimas, Seneca he hum estoico chapado. O estoicismo era a sua seita, de cabo a rabo não transpira em suas obras mais do que o estoicismo. Estava nutrido com a leitura das obras de Zenó, de Cleantes, de Stilpon, que já lá vão, não nos restão mais que seu nome, e seus titulos em Diogenes Laercio. Encaminha pois toda a sua sciencia a formar o homem estoico, até nos sete livros das questões naturaes embute cada pagina de estoicismo, que vai ferindo fogo; e isto onde só se espera encontrar o filosofo fysico, que dá razão dos fenomenos da natureza. Ora que cousa será este homem estoico, que Seneca, e a do seu rancho fizerão?

O homem de Seneca, e do Stilpon, he hum homem que se póde rir no seio da pobreza, até quando quatro ou cinco filhos pequenos se cossem, chorem, e lhe peção pão, e elle não tenha para lho dar, he hum homem, que póde dar duas gargalha-

das, quando vê á porta hum fariséo de hum alcaide, e hum iscariotes de hum escrivão para lhe alimparem os trastes pela renda das casas. He hum homem tão sensivel ás injúrias, que póde ficar muito inteiro ainda que lhe chamem Francez, e que póde mostrar a mesma insensibilidade á ingratidão, á perda dos bens, e que fica muito consolado no meio da rua vendo arder as casas em que mora. He hum homem que fica muito enxuto, quando lhe morrem seus pais, parentes, e amigos. He hum homem, que póde sem arder de raiva, e indignação ler de fio a pavio hum edital de Junot. Que olha para a morte como para huma cousa indifferente, que nem o alegra, nem o intristece. Hum homem, que se não deixa mover, nem pelo prazer, nem pela dôr. A quem hum medico póde embutir no corpo por engano a triplicada dóse de hum vomitorio sem exalar hum só suspiro, nem mostrar que se lhe despedação as tripas. A quem hum cirurgião póde fazer a operação do trepano, e da talha, póde cortar huma perna, ou ar-

rumar-lhe meia duzia de botões de fogo sem derramar huma só lagrima; hum homem, que a sangue frio póde ouvir discorrer hum medico Jacobino sobre as vantagens do systema Francez sem lhe impingir huma sonóra bofetada; hum homem que póde aturar sem o menor signal de impaciencia huma sógra das portas para dentro a rosnar desde pela manhã até anoite sem achar hum páo com que a desanque. A este homem chama Seneca « o sábio. » Este sábio he superior a todos os acontecimentos, e a todos os males, nem a gôta mais dolorosa, nem a cólica mais aguda, nem a carrapata que hum medico faz de huma dôr de sciatica eternizando-a, lhe arrancão hum só ai. Este sábio póde ouvir sem se zangar os estafermos de botequim, discorrendo sobre as victorias da marinha Franceza, e sobre a matança de marinhagem dos cinco Penques, que atacárão o brigue de sua magestade Gaivota, jurando, que vírão o chapéo do commandante Inglez. Este sábio finalmente póde sem susto, e sempre

impavido! vêr cahir o céo, e a terra feitos em pedaços ainda que huma *chaminé* velha lhe faça a cabeça n'*hum* bolo. Desta maneira traçando a idéa de hum heroismo fantastico, e exortando os homens, e persuadindo-lhe o impossivel, querem levantar o estoicismo sobre todos os destemperos filosoficos, e conduzir o homem á felicidade.

Ora eu tenho visto homens impreterritos na verdade, alegres no meio da indigencia, nudez, e trabalho; já vi rir alguns no limoeiro; vi alguns arrastrarem pacientemente a conjugal carroça, cousa que até impacientou o mesmissimo Job, quando a bisbilhoteira da mulher o foi incitar, e provocar em cima do monturo em que jazia; e nunca descobri o homem de Seneca o verdadeiro estoico, só me parece, que atinei com hum, e he o que está em cima do chafariz do Loreto, ha bem annos que o conheço, ainda lhe não ouvi huma só palavra, chove ás vezes, que bebem os cães de pé; faz calma, que cahem rolas assadas lá por esses cam-

pos, não se lhe escuta huma queixa; teve alli por visinho o Lannes, e o Junot, não se queixou desta desventura, sentio tremer a terra a 6 de junho, e não arredou pé. Só desta massa se pódem fazer os homens de Seneca, o estoicismo não he para gente de carne, e sangue. O estoico he hum ente imaginario, que augmenta a prodigiosa somma das chiméras do espirito humano.

SOLILOQUIO XXXVIII.

Vinte e quatro annos se me tem escapado da vida no exercicio de orador. Neste estudo penosissimo, e de maior apparato que todos os outros quantos ha, pois todos os outros são precisos para este, e para sua perfeição, se me tem feito os cabellos brancos. Noites em claro, dias eternos tenho passado como cosido, ou grudado em huma cadeira, em contínua leitura, combinação, meditação dos melhores escritos antigos, e moder-

nos sobre este objecto de tanto momento, e que mais que qualquer outro exclue a mediocridade. Tenho devorado os escritos dos padres, e alguns bem volumosos, desde os primeiros até aos ultimos para observar nelles, e aprender delles a maneira mais propria, mais digna, mais efficaz de tratar a moral, e os mysterios da religião. Por certo he isto mais alguma cousa (quando se toma seriamente, e quando profundamente se estuda) que todas as arengas Ciceronicas. Hum pouco de conhecimento das leis Romanas, hum cabedal abundantissimo da sua maternal linguagem constituião hum advogado orador. Poucos materiaes lhe erão precisos. Agora he este mister muito mais difficultoso, para quem quer produzir alguma cousa que geito tenha. Ora pois com tanto exercicio, com tanto estudo, e tão teimosa, e diuturna applicação, terei eu já huma justa idéa da eloquencia? Saberei eu já distinguir, ou marcar a differença que ha entre o homem eloquente, e o professor de rhetorica?

— A eloquencia (eis-aqui o fruto; e vamos adiante, que não he pequeno, nem peco, nem chocho, de 24 annos de estudo) A eloquencia absolutamente tomada he a expressão da natureza, para expôr a impressão que fazem sobre nós os objectos sensiveis, e moraes. Não se póde dar huma definição, nem mais simples, nem mais verdadeira. Ella está em todo o rigor logico, e ontologico; a natureza póde-se considerar como a constituição deste systema do universo em que nós habitamos: e se póde considerar como existe em nós mesmos, e resultante de nossa constituição fysica, e moral. Tenhão agora a bondade de me mostrar hum homem sobre quem a presença dos objectos externos não faça alguma impressão, hum homem sem paixões, sem affeições internas, que tenhão relação sobre o seu espirito, e coração, e se se póde esperar, que este homem seja eloquente? Como poderá elle manifestar externamente hum sentimento, que nelle se não acha, nem existe? Hum mancebo, a cuja vista o cadaver e

sanguentado de seu pai, obra da protecção Franceza, he hum objecto indifferente, chegaria nunca este homem com hum discurso patetico a inflammar seus amigos no desejo da justa vingança? Chegaria, quando muito, a proferir algumas palavras, e a pedir emprestada alguma expressão apaixonada. Mas o que não vem do coração, não vai ao coração. He pois verdade demonstrada por si mesma, que sem impressões não póde haver eloquencia, e que a eloquencia será mais forte, e patetica, quando mais vivas forem as mesmas impressões. Hum homem vivamente tocado de hum objecto, ou fysico, ou moral, sente produzir-se na sua mente pensamentos vivos, e elevados, o seu coração sente de outra maneira, e conhece-se violentamente agitado: estes pensamentos, e sensações, que fermentão, e se reforção mais com a presença do objecto, que os produz, ou pela sua lembrança, não pódem concentrar-se no coração, e no espirito, he fôrça que se espandão, que se externem, (agora disse eu duas palavras

novas) tomára eu saber quem fez as outras que nós temos, se nascêrão em hum dia todas juntas, ou se ha alguma lei para se não fazerem mais, quando cahirem de matriz Latina, pouco tortas, e violentadas? E isto não póde ser se não por meio das palavras, e das lagrimas. Ora esta manifestação bem considerada, não he mais que huma erupção do coração, que se sacode de lá por se não poder conter mais dentro do mesmo coração. A lingua, e os olhos se fazem interpretres do coração. Então correm copiosas lagrimas, e as palavras rompem com huma violencia, e com huma robustez correspondente a affeição interna, que as provoca; a mesma experiencia nos manifesta esta verdade. Appareça hum saloio, que se ache em perigo de perder hum serrado, com o qual se faz alquimista no meio da praça da figueira convertendo as ortaliças em ouro puro; appareça hum Algarvio a ponto de lhe queimarem o bote, em que talvez se tenha affogado muita gente. Todos o verão mais eloquente que hum advo-

gado, inda que seja daquelles, que só em partidos fazem vinte mil cruzados cada anno. A sua eloquencia será grosseira como elle, porém a expressão da natureza, e do sentimento será mais viva, e tocante que todos os provarás do enroupado causidico, que de chambre, e barrete de folhos na cabeça, diota, passeando no faminto escrevente, ridiculos apontoados de Bartholo, Baldo, Cujaccio, e Pegas, pedindo depois dez moedas ao procurador pelos artigos do libello em que mostra, que o saloio cava fossa no serrado, e o Algarvio rema no bote, e que ambos vivem do seu trabalho. Ora assim como a maior, ou menor força da expressão, depende da diversa tempera do coração, assim todas as regras, e toda a arte não poderão fazer eloquente hum homem que não tenha coração, e sentimento.

Eis-aqui porque ás vezes se escutão paginas tão compridas como frias, isto he, oradores que são como a pomba de Ozias, que não tem coração. Dizem aquella arenga tão comprida,

e tão gelada, que o pio ouvinte em lugar de sahir inflammado, convencido, tocado, e persuadido, sahe dizendo « Seja pelo amor de Deos! esta tão comprida arenga! » Bem pequeno era eu, e parece que já o dizia por instincto, quando escutava oração do professor de eloquencia. Não tem certamente a Lapenia gelo, que emparelhe com estas peças de trabalho rhetorico.

Se alguem me ouvisse isto, diria, que eu descobrindo-me por official de orador, sou inimigo capital das regras da arte, e que desejo beber esse pouco, e bem pouco quente sangue que tem os miseraveis mestres de rhetorica, que me quizerão moer (mas não o conseguírão, porque eu abalei) com as regras de Quintilliano. He preciso que eu estenda agora a este respeito o meu guardanapo. Em quanto o homem vive em pequenas sociedades, em quanto a sua vida foi simples, e rudes seus costumes, bastou-lhe, e sobejou-lhe a eloquencia natural. Suas vistas não se estendião então além dos objectos, que de per-

to o cercavão, e sendo tão estreito o circulo de seus conhecimentos, e seus negocios de tão pouca monta, e de nenhuma complicação, bastavão-lhe para se defender, e sustentar os sentimentos, e rasgos da ingenua natureza. Mas quando as sociedades se engrandecêrão (causa unica de innumeraveis pragas que sentimos, nunca taes sociedades numerosas se formassem) quando as paixões humanas se desenvolvêrão, a eloquencia natural, houve mister recorrer ao artificio. O luxo, a ambição, a avidade de possuir reduzírão o homem (má rez he o homem) a suplantar seus similhantes para saciar seus proprios desejos. Lançou-se mão da adulação, da fraude, e da malicia, para seduzir hum juiz capaz das mesmas paixões, e talvez que prevenido. A natureza simples, e ingenua devia sucumbir aos artificios, e manobras de hum oppositor. Foi necessario oppôr malicia á malicia, artificio ao artificio. Eis-aqui o necessario principio, que teve a arte, como se introduzio, e como se formou. A arte he pois hu-

ma arma muito célebre, porque he ao mesmo tempo offensiva, e defensiva. Quando o engenho humano batia novas estradas para chegar ao seu intento, ainda que não fosse muito conforme aos principios da equidade, levando a sua por diante, então se determinárão as regras, ou signaes que indicando a astucia alheia, offerecião meios de a rebater. Destes principios he necessario concluir, que a natureza fórma o orador, e que a chamada arte o aperfeiçoa. Esta arte he util, quando se considerar como o livro original do jesuita Vieira, que se chama arte de furtar, que serve para conhecer os ladrões, e acautelarmo-nos das suas unhas.

Todas as regras vierão depois da natureza; a eloquencia existia, antes que existissem as regras; a natureza ministra os materiaes ao orador, e a arte, descobrindo com malicia, a malicia alheia, mette em linha de batalha os monumentos sugeridos pela natureza, e manda atacar, ou o juiz, ou os pios ouvintes. Nenhum homem deste mundo ajudado

só da força das regras poderá ser orador. As regras são como queria ser a República Franceza, humas, invariaveis, uniformes; possuidas ellas pelo espirito humano, ficão sendo tão regras na alma de hum Chrysostomo, como na alma pequena de hum rhetoricão, e se as regras produzem effeito, este ha de ser igual á sua causa, logo huma oração de pedante será o mesmo que huma homilia ao povo de Constantinopla. Isto por si mesmo se demostra. O homem que tem coração, e sentimento, que estuda a natureza, que a escuta, e que a segue, será orador, e será eloquente. Por certo Jaques não estudou as regras nem no tempo de aprendiz de relogeiro em Genebra, nem no tempo de lacaio em Turim, nem no tempo de menino do coro, ou sacristão na Sé de Aneti, e Jaques he eloquentissimo. Esta minha opinião sobre a rhetorica, segundo minha lembrança parece-me análoga á opinião de hum escritor gallego, e frade de Bento, chamado Fr. de tal Feijó. Eu vou com o meu aranzel por diante, e digo, que os dons do orador

ão puramente infusos; nascem infundidos na alma do homem, não se adquirem, e basta a desteridade do entendimento para os pôr em ordem. Tomára que houvesse hum resumo de observações sobre a theoria das operações do entendimento, quando se applica á contemplação de qualquer materia sobre que deve discorrer. Esta theoria oratoria tão simples por si mesma, e tão util pela sua necessidade, com a qual o homem reflecte sobre si mesmo, e observa as progressões de seu ser; era justo que se ensinasse á mocidade, que se applica ao estudo, e destina ao exercicio oratorio; desterrando-se toda a caterva ociosa de preceitos, toda a infinita nomenclatura de tropos e figuras, toda a corja dos lugares communs, que tanto embaração o mesmo entendimento.

Se ateimarem a conservar estas regras, fiquem embora as regras, tenha preceitos a eloquencia, haja huma arte, que ensine a persuadir, mas esta aprende-se dos filosofos, mas não dos rhetoricos; os primeiros são vera

dadeiros oradores, os segundos são simplices, e descarnados declamadores; se alguem se entornar com esta minha proposição, se não lhe faz algum peso, a experiencia, o estudo, e o exercicio de 24 annos, oiça ao menos a Marco Tullio, a quem hum longo uso do mundo, e hum profundo estudo da natureza tem authorizado como árbitro em materia de eloquencia « *Me oratorem, si modo sim, non ex rhetorum officinis, sed ex academiæ spatiis extitisse* » O orador com effeito não deve mais que definir, e pintar: estes são os unicos meios, que elle deve empregar para chegar ao seu fim, que he persuadir, e mover. A eloquencia nasceo para os homens, porque fóra do homem, não ha outro ente sensivel, que seja capaz de persuação. A elóquencia deve definir paixões, vicios, virtudes, caractéres moraes. Para definir com verdade, e exactidão huma coisa, cumpre conhece-la, e para a conhecer he preciso estuda-la. Para ser orador, tenho eu aprendido por tão longa experiencia, e exercicio; he preciso estudar a na-

tureza humana, e o conhecimento do coração humano he a verdadeira filosofia, e a mais interessante; filosofia a mais proxima ao alcance do nosso entendimento. A mechanica, e applicação dos preceitos pedantescos, tem muito parentesco com huma metafysica escolastica, e todas as fadigas, que se dão os mestres da rhetorica são inuteis, e infructuosas para formar o verdadeiro orador. Senhores mestres que me ralárão a paciencia, deixando-me esmagado debaixo do peso dos preceitos, e vazio de idéas, as primeiras lições, que devem dar aos seus discipulos devem consistir na definição de algumas virtudes, de alguns vicios, de alguns caractéres. Demlhes estes themas, e deixem os rapazes. Aquelle em que estiver depositado o talento oratorio, despertará, virá com alguma coisa, rude, informe, indigesta no principio, advirtão-lhe os defeitos, e vão tocando nelles para diante, e o que não nasceo orador, vá aprender outro officio. Se a rhetorica he a arte de dizer, e fallar bem, e se se não póde fallar bem,

sem saber primeiro bem pensar, importa muito formar antes de tudo o criterio, rectificar as proprias idéas, e simplifica-las; saber destinguir os confins da virtude, e os do vicio, e conhecer suas diversas ramificações. Nós fallamos aos homens, e para lhes fallar com proveito, he preciso estuda-los para os conhecer. Estude-se o coração humano, e com este conhecimento estabeleção-se as medidas para o tocar. Haja huma circumstanciada analyse das melhores composições oratorias em os escritos dos padres, e observem-se nellas as relações que tem com o coração humano; eu não fallo da eloquencia do fôro, os Lucios Crassos, os Marcos Antonios, os Demosthenes, e os Tullios pararão todos, ou todos dérão fundo nos estereis provarás, provarás: eu fallo da eloquencia da religião a mais cultivada, e exercitada agora em Portugal. Os escritos dos padres devem ser os unicos modélos para os oradores; aprendão alli a conhecer o coração do homem, a combate-lo, a excita-lo, a convence-lo; e educados na es-

póla de huma luminosa filosofia, sirvão-se das luzes da filosofia, e não dos estereis dictames das artes da rhetorica. He preciso persuadir, e para persuadir he preciso convencer; e qual será o desalmado ouvinte, que se não deixe convencer pela evidencia? E como póde qualquer objecto apparecer em toda a sua evidencia, se não pela demonstração? O talento encontra a these, a razão, a authoridade, o exemplo, e a erudição, dão a demonstração. Eu fallo com a minha experiencia. Quem dissera, que o methodo mathematico bem apanhado, e conhecido he o alicerce mais seguro do edificio oratorio? Se eu sou alguma coisa neste mister de persuadir, eu o devo á applicação do methodo mathematico ás materias oratorias. Estabeleça-se a proposição, venhão as provas, e se o entendimento está fertilizado com a abundancia da erudição análoga, as amplificações virão por si mesmas. Sem isto não existe o orador, e se o pertende ser sem isto, então lembre-se que a República tem diversos ministerios,

e a religião diversos empregos, busque sua vida por outra parte. Eu creio, que não ha caminho mais curto para apurar a paciencia dos ouvintes, que a mediocridade de hum discurso. Deixem-me dizer huma verdade, será mais proveitoso ao povo a repetição de huma oração já feita, e estampada, proferida palavra por palavra, que imbutir-lhe quatro desconnexos sem ordem, sem alma, sem methodo, sem força, e sem belleza.

FIM DO TOMO SEGUNDO.